



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MARCELLE JACINTO DA SILVA**

**LINGUAGENS, EXPERIÊNCIAS E CONVENÇÕES DE GÊNERO E  
SEXUALIDADE NO BDSM**

**Fortaleza**

**2012**

**MARCELLE JACINTO DA SILVA**

**LINGUAGENS, EXPERIÊNCIAS E CONVENÇÕES DE GÊNERO E  
SEXUALIDADE NO BDSM**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Crístian Saraiva Paiva

**FORTALEZA**

**2012**

**MARCELLE JACINTO DA SILVA**

**LINGUAGENS, EXPERIÊNCIAS E CONVENÇÕES DE GÊNERO E  
SEXUALIDADE NO BDSM**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovada em \_\_ / \_\_ / \_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Antonio Crístian Saraiva Paiva (Orientador)

---

Prof. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes (UFC)

---

Prof. Me. Edilson Brasil de Souza Júnior (FANOR)

---

Profa. Dra. Regina Facchini (UNICAMP)

À Elisabeth, Denise, Jaqueline e Karen,  
e àqueles que, porventura, sintam-se  
contemplados.

## AGRADECIMENTOS

Muitos foram os que me ajudaram e auxiliaram nessa caminhada, desde a entrada na universidade, em minhas escolhas, até a última palavra digitada desta monografia.

Primeiramente devo agradecer aos meus familiares, pelo apoio e suporte, e muito mais ainda pela confiança no meu desejo grande de entrar na Universidade, ambiente no qual me senti muito bem acolhida.

A todos os professores que foram responsáveis por minha formação acadêmica, em especial Simone Simões, por ser responsável pela paixão que fui construindo pelas ciências sociais, no decorrer dos anos; professor Valmir Lopes, pela atenção e conversas pelos corredores do departamento de Ciências Sociais, e seus sorrisos toda vez que conversávamos sobre meu tema de pesquisa; Glória Diógenes, por ter tido a ideia maravilhosa de ministrar a disciplina sobre redes sociais no momento certo, e por todo seu entusiasmo e simpatia, durante as aulas; Marcelo Natividade, por ter me ajudado muito a pensar algumas categorias fundamentais, durante a elaboração da pesquisa; e Marion Aubrée pelo carinho, atenção e doçura em me ouvir e ler.

Aos professores que compõem a banca examinadora, pelas dicas, atenção, simpatia, incentivo, e obviamente, por ter aceitado fazer parte desse momento tão importante.

Aos meus colegas que acompanharam minhas mudanças de humor e de idéias no decorrer da minha escrita, principalmente Ismênia Holanda, Luana Carolina, Raquel G. Mesquita, Aline Alves, Ananda Andrade, Alessandra Alves e Lyanne Matias, Marília Passos, e Raul Thé, agradeço muito pela atenção, alguns mais, companheirismo, preocupação com o meu bem estar físico e psíquico, e por sofrerem junto comigo a maioria das minhas angústias, de certa maneira.

Agradeço ao Daniel Rogers pelo ânimo e atenção em baixar vídeos para me mostrar, a fim de que ilustrassem meu tema de pesquisa; Erivaldo Teixeira, por ter me feito refletir, no início da pesquisa, sobre a possibilidade de utilizar a internet como campo, e, além disso, considerar outros ambientes, em paralelo ao virtual, como as lojas de artigos eróticos. Á Fátima Regina Almeida de Freitas, com quem continuo trocando

ideias, pelas doses de ânimo e força à distância. À Regina Facchini por toda simpatia e pelas conversas que tivemos nas duas vezes em que ela esteve em Fortaleza, muito obrigada!

A todos os sujeitos da pesquisa, e aos que não foram citados, pela falta de espaço, e não por ausência de importância. Eu não teria chegado até aqui sem a ajuda e a existência de todos eles, não citarei nomes porque todos contribuíram da melhor forma possível, e não quero deixar de citar ninguém.

Por último, e não menos importante, agradeço imensamente ao meu orientador Cristian Paiva, por me fazer ver que seria possível pesquisar o BDSM através dos blogs, ter me apresentado à literatura de Sade e Sacher-Masoch, por todas as leituras indicadas, pela confiança, por ter me alertado pra minhas compulsões, ansiedades e tensões, que foram aumentando durante a escrita. Muito obrigada.

“Porque, descoberta a própria  
identidade, o ser é e não retrocede”.  
(Clarice Lispector)

## RESUMO

A pesquisa que resultou na construção deste trabalho propõe interlocuções entre etnografia em ambiente virtual, sexualidade, escrita de si e identidade, tomando como recorte empírico blogs femininos que expressam vivências e reflexões sobre sadomasoquismo erótico. Buscamos evidenciar, por meio da observação desses blogs, os quais são voltados a vivências de sujeitos inseridos em uma subcultura rodeada por estereótipos e estigmas, criados e conduzidos no intuito de desvincular ou descriminalizar o BDSM, o fato de que muitos incorrem na preocupação de diferenciar sadomasoquismo erótico de sadomasoquismo “doentio” e/ou “criminoso”, e que acabam servindo como referência para iniciantes, curiosos ou até mesmo troca de experiências entre praticantes. As reflexões ao longo do texto giram em torno da questão das fronteiras, da produção de identidades a partir de subculturas que se consideradas dissidentes, transgressoras. As fronteiras não representam limites, ruas sem saída, mas novos caminhos fazem aparecer novos significados. O BDSM é um exemplo fronteiro, por ser uma subcultura (ou cultura, dependendo do ponto do olhar de quem vê) que desafia conceitos como violência, limites, performance, de gênero.

**Palavras-chave:** sadomasoquismo erótico, sexualidade, práticas de intimidade, limites, negociações de poder, identidade, gênero.

## ABSTRACT

The research that resulted in the construction of this work proposes dialogues between ethnography in virtual environment, sexuality, identity and self writing, taking as empirical cut blogs that express female experiences and reflections on erotic sadomasochism. We seek to highlight, through the observation of these blogs, which are meant to experiences of subjects entered into a subculture surrounded by stereotypes and stigmas, created and conducted for the purpose of avoiding or decriminalize BDSM, the fact that many incur in concern to differentiate erotic sadomasochism sadomasochism "unhealthy" and / or "criminal", and end up serving as a reference for beginners, curious or even exchange of experience between practitioners. The reflections throughout the text revolve around the issue of borders, the production of identities from which subcultures considered dissidents, transgressive. The boundaries do not represent limits, dead ends, but new ways they appear new meanings. The BDSM is an example border, as a subculture (or culture, depending on the point of gaze of the beholder) that challenges concepts such as violence, limits, performance, gender.

Keywords: erotic sadomasochism, sexuality, intimacy practices, limits, negotiations of power, identity, gender.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1: Home Page do Site Bound Brazil.....	16
Figura 2 - Home Page do Portal Senhor Verdugo.....	17
Figura 3 - Minha página pessoal do Twitter.....	23
Figura 4 - Meme "Sou fetichista com orgulho!".....	28
Figura 5 - Bettie Page empunhando chicote.....	33
Figura 6 - Escravo Roger RF e Rainha Frágil em sessão de fotos.....	38
Figura 7 - Escravo Roger RF de empregadinha.....	42
Figura 8 - Estrutura do blog Dorei Fobofílica.....	54
Figura 9 - Home Page Blog "Dark Mistress The Dungeon".....	59
Figura 10 - Blog BDSM for young's.....	60
Figura 11 - Blog Dark Mistress Pictures.....	61
Figura 12 - Blog Confissões de uma Mistress.....	62
Figura 13 - Blog Entrega e Submissão.....	63
Figura 14- Página de aviso sobre conteúdo do Blogger.....	65
Figura 15 - Selo "conteúdo adulto".....	65
Figura 16 - Banner Blog Dorei Fobofílica.....	66
Figura 17 - Banner do Blog Miados, Lambidas e Arranhões BDSM.....	74
Figura 18 - Princess Kitty com coleira.....	75
Figura 19 – Blog Miados, lambidas e arranhões BDSM.....	76

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – Configurando o tema de pesquisa.....	15
1.1 Descobrimo o tema de pesquisa.....	15
1. 2 Entendendo os blogs como produtores de linguagens.....	20
1. 3 Sobre a pesquisa em ambiente virtual (metodologias).....	22
1. 4 Problematizando a figura da pesquisadora.....	26
1. 5 Para ler refletindo.....	29
CAPÍTULO 2 -“Ter fantasias é fácil, realizá-las requer muita coragem”: Representações e práticas contextualizadas no BDSM.....	30
CAPÍTULO 3 – Um universo chamado blogosfera, personagens e práticas de intimidade no BDSM, e escrita no ciberespaço.....	52
3.1 Conectando-se à Blogosfera.....	52
3. 2 Observando e comentando blogs.....	57
3.3 Práticas e personagens no BDSM.....	64
3. 4 Práticas de intimidade e escrita no ciberespaço.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
LISTA DE BLOGS .....	104
ANEXOS.....	106
Anexo A - Texto da página inicial do site Bound Brazil .....	106

## INTRODUÇÃO

Esta monografia consiste da reelaboração e desenvolvimento de uma pesquisa que vem sendo realizada desde 2010<sup>1</sup>, a qual resultou na construção deste trabalho, que propõe interlocuções entre pesquisa em ambiente virtual, sexualidade, escrita de si e identidade, tendo como recorte empírico blogs femininos que expressam vivências e reflexões sobre *sadomasoquismo erótico*, nos quais pude identificar alguns elementos que remetem a convenções de gênero e sexualidade.

Através dos blogs e de redes sociais online como Facebook e Twitter conheci muitos dos sujeitos da pesquisa, inclusive *Rainha Frágil* e seu *escravo Roger RF*<sup>2</sup>, os quais ajudaram a atualizar meu olhar acerca das falas dos sujeitos da pesquisa, confirmando ou refutando algumas ideias que me inquietavam, o que me fez refletir e questionar mais ainda esse meu olhar, e a ter mais cuidado na elaboração das minhas interpretações, embora isso me fizesse ter mais consciência de que eu estava entrando em um terreno bastante escorregadio e repleto de interpretações as mais diversas, de sujeitos bastante diferentes. Sendo assim, um dos grandes desafios durante a pesquisa foi lidar com as opiniões completamente divergentes ou convergentes dos sujeitos, ouvir e considerar as várias vozes que me conduziam à problematização do objeto de pesquisa.

A ideia central não foi realizar um mapeamento de blogs com a temática BDSM, mas a observação de alguns blogs nos quais é possível analisar como textos e imagens expressam vivências de sujeitos inseridos em uma rede de relações rodeada por estereótipos e estigmas, blogs criados e administrados no intuito de descriminalizá-la e explicar o que seus autores entendem por BDSM, ou seja, que demonstram claramente a preocupação de quem escreve, de diferenciar *sadomasoquismo erótico* de *sadomasoquismo “doentio” e/ou “criminoso”*. Esses blogs acabam servindo como referência pra outros sujeitos, sejam iniciantes, curiosos ou até mesmo outros praticantes, pois algo que encontramos em campo é a importância da leitura, do estudo

---

<sup>1</sup> Escrevi sobre o tema do sadomasoquismo em 4 trabalhos, sendo 3 de trabalhos finais em disciplinas, uma obrigatória e duas optativas, e o outro foi um artigo que apresentei no III Seminário internacional violência e conflitos sociais: ilegalismos e lugares morais, promovido pelo Laboratório de Estudos da Violência (LEV-UFC), no mês de novembro de 2011.

<sup>2</sup> Os dois são os únicos sujeitos da pesquisa que moram em Fortaleza, o que facilitou nosso contato, de certa maneira.

das práticas, leitura de sites, livros, revistas, enfim, do estudo de materiais impressos ou virtuais sobre o tema do *sadomasoquismo erótico*. A escrita nos blogs, nesse sentido, pode ser situada como produção de material pesquisável sobre o tema e a internet como um instrumento de divulgação e de aprendizado de coletivos.

As falas mais recorrentes, durante o texto, serão de três “personagens” que, a meu ver, foram cruciais: *Dorei Fobofílica* e *Princess Kitty* (autoras de dois dos blogs nos quais detive minha atenção, pelo conteúdo das postagens, e nos quais participei com comentários e observações) e *Rainha Frágil* (com quem tive muitas e longas conversas através do Facebook e MSN Messenger, principalmente). Ademais, citarei alguns blogs que observei e algumas blogueiras com quem conversei muito rapidamente, blogs inseridos no contexto da pesquisa e, inclusive, utilizarei algumas falas de *Sybilla* e *Sissa Switcher* na construção da noção de BDSM, ou seja, a caracterização de BDSM que se configura na conclusão deste trabalho<sup>3</sup>.

Tendo como foco as experiências socializadas nos blogs observados, bem como das convenções de gênero e sexualidade que pudemos perceber na elaboração dos blogs, encaminhamo-nos, então, ao primeiro capítulo, no qual pretendo reconstruir e expor como o objeto de pesquisa foi se configurando com o passar do tempo por meio das leituras e observações dos blogs e conversas com os sujeitos, bem como as inquietações que surgiram do fato de realizar pesquisa em ambiente virtual. Os links dos sites, blogs e de postagens citados no decorrer do texto estão indicados também nas notas de rodapé, e alguns sites visitados nos quais apenas realizei observação estão listados no final do texto.

No segundo capítulo, desenvolvo o que entendi por BDSM, utilizando para tanto as falas dos sujeitos e leituras de algumas referências bibliográficas, ressaltando a diferenciação entre *sadomasoquismo erótico* e *doentio*, duas definições que pude observar nos discursos dos sujeitos da pesquisa, nos blogs, especialmente. No decorrer do capítulo, surgiram algumas categorias nativas, como as que se relacionam com as negociações de poder e de papéis de gênero no mundo do BDSM (*submissas*,

---

<sup>3</sup> É importante ressaltar que a maior parte do trabalho de campo foi realizado em ambiente virtual, porém realizei algumas visitas a dois sex shops localizados na cidade de Fortaleza. Visitas nas quais conheci pessoas que conhecem e/ou participam do meio BDSM que existe na cidade. Rainha Frágil é uma dessas pessoas que conheci pessoalmente em visita à sua loja, em junho de 2011.

*dominadores, escravos, rainhas*) e alguns jargões que são muito frequentes tanto nos blogs como nas conversas que tive com os sujeitos.

No terceiro e último capítulo, apresento o blog como ferramenta ou aparato cultural, demonstrando como, por meio de suas particularidades, há a criação de um espaço de compartilhamento de experiências; na sequência, apresento os dois blogs principais e as falas das autoras dos blogs, e por último, uma breve reflexão sobre a escrita nos blogs, de acordo com o que encontrei em campo, escrita essa impulsionadora de representações do feminino, como construtora de imaginários e experiências sociais, além de ser um espaço de produção identitária, no qual há a exposição de um eu que fala sobre sua sexualidade.

## CAPÍTULO 1 - CONFIGURANDO O TEMA DE PESQUISA

### 1.1 Descobrendo o tema de pesquisa

Os primeiros contatos que tive com o BDSM foram por meio da internet. A definição de BDSM que encontrei *a priori* foi de uma sigla que se refere à tentativa de englobar relações e jogos eróticos, que estão diretamente relacionados à dor e prazer, e faz referência às práticas que mais apareceram nos discursos dos sujeitos da pesquisa: o *Bondage*, que significa amarração e/ou imobilização seja com algemas, cordas ou similares, *Dominação/Disciplina*, *Sadismo* e *Masochismo*. Foi por meio da socialização de informações online acerca dessa rede de relações sócio-sexuais que pude perceber, observando os sites e blogs sobre essa temática o quanto as práticas englobadas pela sigla BDSM podem gerar polêmica e conseqüentemente serem alvos de preconceitos devido às performances de punição física e psicológica, há fetiches por roupas de látex, couro ou vinil, chicotes e algemas, dor e prazer, e ainda, construção e negociação de poder e de papéis a serem desenvolvidos pelos sujeitos, que podem se identificar como praticantes, adeptos<sup>4</sup>: *submissas e submissos, escravas e escravos, masochistas, dominadoras e dominadores, sádicas e sádicos, switchers*, enfim, praticantes que assumem determinados scripts sexuais (BOZZON, 2004) e que acabam criando e construindo perfis identitários que proponho serem vistos como personagens, no sentido de que performatizam características diferenciadas, identidades que só se desenvolvem em determinados contextos<sup>5</sup>.

Desde o início, eu sabia que não seria fácil o trabalho de campo não presencial, não só porque eu não precisaria necessariamente sair de frente do computador e ir a algum lugar à procura dos sujeitos da pesquisa, mas porque foi justamente pela internet que descobri o BDSM, durante uma pesquisa que nada tinha a ver com o tema: na

---

<sup>4</sup> Uma das minhas dúvidas durante a construção desse texto, foi como me referir aos sujeitos que gostam das práticas sadomasoquistas: praticantes, adeptos, bdsmista, bdsmers, participantes, enfim, porque cada sujeito com quem eu mantinha contato, durante nossos diálogos, falavam uma ou duas denominações em uma mesma conversa, por exemplo. Sendo assim, resolvi optar por chamá-los de praticantes, já que um dos pontos da monografia são as práticas que observei nos discursos dos sujeitos da pesquisa.

<sup>5</sup> Chamarei os praticantes de personagens durante o trabalho não no sentido cênico, embora o SM seja uma encenação de relações de poder, mas no sentido de que os sujeitos encarnam, durante as sessões SM, como fora dito, papéis que estão inseridos no contexto identitário escolhido e construído por cada um.

ocasião, em decorrência da disciplina de Sociologia II, eu pesquisava sobre conceito de fetiche da mercadoria, em Karl Marx. Por acaso, encontrei páginas na internet sobre fetiches sexuais, e por curiosidade, resolvi ler do que se tratava. Lendo os verbetes do site Wikipédia, que explicavam superficialmente sobre algumas *parafilias*<sup>6</sup>, encontrei sobre a representação da *Dominatrix*<sup>7</sup> e achei muito interessante a representação da mulher com semblante autoritário e trajes sensuais. Pesquisando mais, acabei encontrando o site *Bound Brasil*<sup>8</sup>, e me chamou atenção o texto em sua página inicial.

Figura 1 - Home Page do Site Bound Brazil



Fonte: Site Bound Brazil (2011)

Fiquei muito surpresa com esse universo que eu não imaginava que existia. O BDSM se insinuava diante dos meus olhos como uma parafernália de instrumentos e jogos eróticos. O segundo site com o qual tive contato foi o *Portal Senhor Verdugo*<sup>9</sup>, página online que contém informações diversas sobre o universo BDSM, de maneira pedagógica como um manual para iniciantes. No site, podemos encontrar textos que

<sup>6</sup> Parafilia, significado encontrado durante a pesquisa, significa “um padrão de comportamento sexual no qual, em geral, a fonte predominante de prazer não se encontra na cópula, mas em alguma outra atividade. São considerados também parafilias os padrões de comportamento em que o desvio se dá não no ato, mas no objeto do desejo sexual”, de acordo com o site Wikipedia, ou seja, é uma categoria médica que se refere à pessoas que apresentam comportamentos tidos como desviantes, que estão fora do contexto normal de heteronormatividade, fora do que a maioria tem como normal.

<sup>7</sup> A Dominatrix apresenta o estereótipo da mulher dominadora.

<sup>8</sup> O texto na íntegra se encontra em anexo (Anexo I). Texto disponível em: <http://www.boundbrazil.com/filosofia.pl>. Acesso em: 28 marc. 2012.

<sup>9</sup> Link: <http://www.senhorverdugo.com/>

ensinam como realizar determinadas práticas, relatos de forma objetiva sobre o surgimento do BDSM, de regras existentes no meio, bem como materiais diversos para entretenimento: vídeos, dicas de livros e filmes, imagens, notícias e a possibilidade de entrar em contato tanto com o idealizador da página, como os leitores do blog.

Figura 2 - Home Page do Portal Senhor Verdugo



Fonte: Portal Senhor Verdugo (2012)

Foi quando tudo começou a caminhar para o que me parecia inevitável: transformar o BDSM em tema de pesquisa. Mas o que me inquietava era como e qual aspecto abordar, visto que, já nesse primeiro contato, pude perceber que estava enveredando por um assunto extremamente complexo e cheio de detalhes, pois diz respeito à produção e reconfiguração de vivências em grupos. Por não haver a condição de controlar ou cartografar tudo sobre o tema na internet, e nem de saber realmente se todas as fontes consultadas são confiáveis (levando-se em conta do tema estar diretamente relacionado com violência e interpretações médicas, das ciências *psi*), houve um impasse quanto ao recorte a ser considerado no vasto espaço da internet. Afinal, há um incontável volume de conteúdos que são produzidos todos os dias em sites, blogs, fóruns, etc., que podem esclarecer acerca de um dado assunto, mas não há como calcularmos e/ou alcançarmos até onde vai o turbilhão de informações que são diariamente compartilhadas.

Mesmo assim, em meio às inquietações que foram se configurando quanto à escolha do recorte empírico, minha curiosidade foi de pesquisar se havia em Fortaleza

um espaço destinado às práticas, encontros e festas temáticas. Como mais tarde pude comprovar por meio das poucas referências bibliográficas sobre o tema BDSM no Brasil, que o meio está mais desenvolvido na região Sudeste do país, os espaços de encontro estão mais precisamente em São Paulo e Rio de Janeiro. De qualquer forma, descobri que havia sim um espaço voltado para os praticantes de BDSM em Fortaleza, porém não como existe em outros Estados. Observando sites relacionados ao tema, encontrei o site sobre uma festa chamada *Profania*, que estava na 5ª edição, festa pioneira no estilo fetichista na capital cearense, a qual tinha como idealizadora *Rainha Frágil*, que é dona de um sex shop localizado no bairro do Meireles, a Loja Via Libido Sex Shop, e também patrocina outras festas no ramo erótico e fetichista. *Rainha Frágil* é muito conhecida no meio e tem sido a articuladora do espaço destinado às festas fetichistas e temáticas em Fortaleza, além de ser colaboradora do site *Desejo Secreto* e fundadora do *FemDom Brasil*, site especializado no universo da *dominação feminina*<sup>10</sup>. Através dela, pude perceber um pouco como tem sido o meio BDSM em Fortaleza (pouco estruturado, mas existente) e pude conversar, informalmente, sobre vários assuntos relativos ao meio BDSM brasileiro. Descobri que ela também é autora de um blog pessoal, o qual partilhava com seu *escravo Roger* e que posta no blog da loja de artigos eróticos. Neste trabalho, optei por não me deter na análise de seus blogs, devido ao peso de informações de nossas conversas.

A ideia de utilizar os blogs como objeto de pesquisa não foi espontânea, mas uma sugestão do professor Cristian Paiva. Logo quando comecei a pesquisar sobre BDSM e não conseguia decidir como e o que pesquisar, já que seria mais difícil para ir às festas ou encontros e até mesmo chegar aos contatos, o professor, quando comentei que havia lido sobre o tema na internet, perguntou-me por que não os blogs. Foi a partir das primeiras conversas com ele que senti segurança para ir definindo o que eu faria com esse tema em mãos.

Após a “descoberta” do mundo do BDSM no universo virtual da internet, fez-se necessário pesquisar por referências bibliográficas sobre sadomasoquismo e fetichismo. Pesquisando no Google acadêmico e no site *Scielo*, descobri que há poucos trabalhos brasileiros acadêmicos sobre o tema: apenas os de Jorge Leite Jr (2000), Rogério Brittes

---

<sup>10</sup> Femdom, como é conhecido, é um conjunto de práticas que apregoam a supremacia feminina, sendo parte dele hierarquias que tomam como principal “personagem” rainhas, ladys, senhoras, mistress, dominatrix. Os escravos e submissos podem ser de ambos os sexos, tanto homens como mulheres.

(2006), Bruno Zilli (2007), Maria Filomena Gregori (2008; 2010), Regina Facchini (2008), Marília Loschi de Melo (2010), Fátima Regina Almeida de Freitas (2010), estes são alguns dos pesquisadores que consegui encontrar até o final da elaboração deste trabalho, utilizando a internet como ferramenta de pesquisa.

Minha primeira grande referência, no início da pesquisa, foi Valerie Steele (1997), evocando a influência do fetichismo e do erotismo na moda, com roupas de látex e outras parafernalias, e foi através dessa leitura que percebi a relação entre masoquismo e Sacher-Masoch, sadismo e Marquês de Sade. Surgia, para mim, mais delineada, a junção entre prazer e sofrimento físico e psicológico, além de imagens de mulheres fantasiadas com roupas de couro e utensílios como chicotes, mordças, e semblantes cruéis e sensuais: personagens que, à primeira vista, produzem corpos transgressivos, performáticos e adornados por significados diversos.

Nesse sentido, ainda considerando a leitura do trabalho de Steele, surgiam questionamentos, a partir da observação de mulheres e fetichismo, e foram surgindo mais inquietações. O que faria de uma fantasia sexual ser normal ou patológica? O sadomasoquismo estaria no rol das perversões sexuais? E nesse ínterim, como seria vista a personagem da pesquisadora, que se aventura a pesquisar sobre fetichismo, erotismo e sadomasoquismo, no sentido de que seu corpo também pode vir a ser afetado, em campo?

A sigla BDSM expressa sexualidades tidas socialmente como excessivas, desviantes, por ser considerada uma junção de práticas sexuais não convencionais, nas quais as sensações são “muito intensas, por isso mesmo precisam ser vividas com responsabilidade, mas com consciência do que está fazendo e saber onde se está pisando”<sup>11</sup>. O corpo, suas potencialidades e limites são de certa maneira, testados e potencializados, e por isso, segundo as falas que encontrei no decorrer da pesquisa, é observada a necessidade de que os praticantes adquiram vigilância de si e dos outros através de regras de conduta (a regra do SSC- são, seguro e consensual, por exemplo, que será comentado no primeiro capítulo).

Sendo assim, o BDSM se apresenta como um complexo e rico universo em representações, simbologias, rituais e performances muito interessantes, a meu ver, e possíveis de ser analisadas sócio-antropologicamente. O tema me fez perceber diversas

---

<sup>11</sup> Fala de Princess Kitty, em postagem no blog *Miados, Lambidas e Arranhões BDSM*, blog de sua autoria.

formas de interação social, identidades e papéis que são constantemente contestados e negociados, abordando reflexões acerca de relações de gênero, da erotização de corpos e suas agências, performances, bem como a representação de relações de poder vinculadas ao erotismo, sendo possível, assim, um diálogo com Foucault (1988) e Giddens (1993), no sentido de que são expressões modernas de novas sexualidades, de novos contextos que indicam transformação da intimidade.

## 1.2 Entendendo os blogs como produtores de linguagens

Em março de 2010, criei meu primeiro blog de poemas e textos, e sem perceber, estava me inserindo em um universo mais complexo e repleto de atalhos e sociabilidades, do que um primeiro contato pode aparentar: o universo *virtual* chamado *Blogosfera*, que é como é chamada a rede de blogs, na internet. Percebi que quando escrevemos em um blog, é inevitável pensar para quem estamos escrevendo, sobre o que devemos ou não escrever, e com que propósito essa escrita será orientado. Em julho do mesmo ano, criei meu primeiro blog erótico, no qual postava com um apelido, e consequentemente, criei uma personagem como que para encobrir minha identidade.

O fato de desejar escrever abertamente sobre sexo na internet muitas vezes nos faz refletir sobre as identidades que construímos e representamos socialmente; representamos papéis variados de acordo com o que desejamos transmitir ao outro, assim como Goffman (2007) ressalta, criamos muitas vezes uma fachada, que segundo o autor, é “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (p. 29). Os papéis que vão se delineando de acordo com o contexto no qual nos inserimos não são, nesse sentido, representações falsas, mas personagens que os sujeitos decidem como sendo atores de comportamentos que eles gostariam de desempenhar, mas não têm coragem, por algum motivo ou impedimento social e pessoal. Esconder minha identidade real era o mais importante por escolha minha, pelo fato de que a personagem, meu *alter ego*, escrevia sobre tudo aquilo que eu não tinha coragem de dizer e contar, e de certa maneira, protegia as informações sociais relacionadas diretamente ao meu nome, experiências que não envolviam somente meu nome, mas de outras pessoas. São criados muitos perfis com o mesmo intuito, o de, de certa maneira, apropriar-se de uma “identidade pessoal que não seja a ‘sua’” (GOFFMAN, 1991: 68).

Navegando na rede de blogs eróticos, pude perceber mais de perto o quanto havia blogs femininos que seguiam mais ou menos meu itinerário: mulheres que não mostravam o rosto, não expunham seus nomes reais, contavam suas experiências sexuais ou escreviam poemas sobre assuntos os mais diversos: bissexualidade recém-descoberta, desejos e fantasias como práticas sadomasoquistas, *swing*, orgias, etc., o que nos permite pensar em uma autonomia erótica feminina. Chamou minha atenção a quantidade de blogs femininos sobre BDSM, predominantemente de *submissas*<sup>12</sup>, as experiências contadas, os desejos, histórias e tentativas de desvincular do BDSM a ideia de crime, perversão e violência.

Diante disso, deparamos-nos com realidades outras, em relação a conceitos como intimidade e violência, por exemplo, visto que o BDSM engloba práticas sexuais que são levadas a público, pois é praticado também em comunidades (FACCHINI, 2008; MELO, 2010), e existem várias comunidades, práticas, concepções de mundo e subjetividades em jogo, devendo ser realizado e regulamentado pelos grupos (em festas temáticas, encontros), até mesmo no compartilhamento online de fotos e experiências. Trata-se de intimidades que são compartilhadas e socializadas, especialmente com o advento da internet.

Essas sociabilidades e as regulamentações que tornam a existência desses grupos possível também são resultantes de transformações processadas na concepção de intimidade (Giddens, 1993). A necessidade da vigilância coletiva constante dos praticantes de SM, por exemplo, devido ao fato de que as interações ocorrem entre sujeitos que têm seus limites físicos e psicológicos testados, faz com que os praticantes do *sadomasoquismo erótico* se posicionem no sentido de orientar que os limites devem ser respeitados e vigiados, e a isso se deve o caráter obrigatoriamente consensual das práticas, e inclusive a existência da *safeword*<sup>13</sup>. O BDSM nos incita a refletir sobre a possibilidade de prazer e dor estarem em um mesmo patamar, sem que também haja a necessidade de penetração e ejaculação.

Há o crescimento, que data dos anos 2000, da quantidade de blogs que são criados (MONTARDO, PASSERINO, 2006) bem como crescem o número de blogs

---

<sup>12</sup> No BDSM, são mulheres que podem se identificar ou não com práticas masoquistas. Não necessariamente uma submissa é uma masoquista e/ou escrava. Geralmente, uma escrava é submissa, mas nem sempre uma masoquista é submissa.

<sup>13</sup> Palavra de segurança previamente combinada entre os praticantes de uma cena BDSM.

sobre a temática do sadomasoquismo erótico e algumas práticas SM, os quais assuntam sobre temas diversos, como algumas práticas mais comuns no meio, expressando representações do sadomasoquismo através de: textos, artigos, contos, poemas, cartas, imagens e vídeos, comentários, que possibilitam interações diversas com os leitores dos blogs.

### **1. 3 Sobre a pesquisa em ambiente virtual (metodologias)**

Um dos primeiros desafios na pesquisa no ciberespaço<sup>14</sup> é educar nosso olhar, nossa imaginação: o olhar antropológico, a imaginação sociológica (MILLS, 1969), e assim, adaptá-los aos novos contextos e “aspectos socioculturais abertos pelas novas tecnologias de informação” (SILVA, 2010), aos dispositivos de comunicação que potencializam novas referências identitárias, um campo de novas formas de interações e que possibilitam a construção e disseminação de discursos sobre corpo, subjetividades, sexualidades, etc. Mesmo que haja a produção de discursos na internet, a produção de hipertextos, os corpos não deixam de interagir em encontros cotidianos, por meio da comunicação mediada por computador (CMC): “o corpo não desaparece no ciberespaço” (ORTEGA, 2008, p. 224 *apud* SILVA, 2010, p. 524). Surge, então, o desafio de tomar o espaço da internet como campo empírico, juntamente com o esforço de legitimação do campo e dos métodos da pesquisa online, em Ciências Sociais.

Deparamos-nos com algumas especificidades ao delimitar o tema de pesquisa quando o campo é a internet: são muitas informações, muitos pontos de vista, muitas abordagens possíveis, e no momento de escolher os sujeitos para auxiliarem no trabalho de campo, fica a dúvida: como proceder? Como escolher alguém que esteja (aparentemente) habilitado para conduzir/acompanhar/iniciar a pesquisadora pela estrada longa do campo da pesquisa?

Os blogs que cito foram escolhidos aleatoriamente. À medida que ia pesquisando, mais blogs iam chamando atenção por alguns motivos: conteúdo das informações sobre o BDSM, teor de contestação ao meio, divulgação ou não de fotos das blogueiras durante as experiências BDSM, utilização de textos próprios, participação em outros blogs e, não poderia deixar de comentar, aproximação com a

---

<sup>14</sup> Outro termo para designar Internet.

pesquisadora. Eu já conhecia duas blogueiras: *Dorei Fobofilica* e *Princess Kitty* e, por intermédio delas, através de *links*, acabei chegando a *Dark Mistress* e *Lady Vulgata*, e *Sybilla*. O Facebook ajudou a encontrar alguns perfis de mulheres envolvidas no BDSM e foi por lá que conheci e conversei com *Rainha Frágil*, seu *Escravo Roger RF* e *Sissa Switcher*<sup>15</sup>. Percebi que eu não poderia limitar minhas pesquisas apenas ao ambiente virtual dos blogs, pois estaria limitando interlocuções com outros espaços e sujeitos e, por isso, acabei também utilizando o Twitter e Facebook, concordando com Brittes (2006) quando este fala que “Quanto mais holofotes se acenderem sobre o objeto de pesquisa, de quanto mais ângulos o iluminarmos, mais é possível compreender sua lógica interna, suas motivações e obstáculos, seus afectos.” (p. 95).

Figura 3 - Minha página pessoal do Twitter



Fonte: Twitter (2012)

Os dados foram coletados através de observação e participação em alguns blogs, troca de e-mails com algumas blogueiras, troca de mensagens via Twitter com alguns adeptos e curiosos do BDSM que se interessaram em saber sobre minha pesquisa, visto que nos perfis do Twitter e do Facebook me identifico como “pesquisando e estudando BDSM”, conversas via MSN Messenger e pesquisas e leituras em sites na internet, no período de dezembro de 2010 a março de 2012. Não foi realizado um mapeamento exaustivo de blogs e sites com a temática do BDSM por causa da quantidade de

<sup>15</sup> Como não limitei minhas observações apenas aos blogs, conheci e conversei com muitos outros praticantes, e não acrescentei todas as conversas e sujeitos no presente trabalho devido ao risco de perder o foco da pesquisa, já que o objeto desta monografia são alguns blogs.

questionamentos que os dois blogs que mais cito na pesquisa foram suscitando e também porque a internet é um campo muito amplo e escorregadio, no qual podemos acabar perdendo o foco, devido a quantidade de material disponível. Resolvi delimitar ao máximo o recorte, justamente para tentar manter o foco, embora tenha sido muito difícil, pois as ideias e o próprio campo se desdobram, por conta da complexidade do tema, das opiniões divergentes e dos personagens que foram se configurando.

As conversas/entrevistas em sua grande maioria foram informais, embora desde os primeiros contatos com os sujeitos eu deixasse claro que estava pesquisando sobre BDSM, mas quis deixá-los mais à vontade porque a maioria dos sujeitos estava adicionada aos meus perfis de redes sociais pessoais. As conversas foram muito importantes, no sentido de abrir janelas, e conduzir percepções das personagens que cada sujeito representa no BDSM: *submissas*, *“masoca”*, *rainha e escravo*, *dommes*...opiniões diferentes, subjetividades e papéis diferentes. Mais um desafio seria trabalhar em conjunto com essa pluralidade, dialogar com termos e discursos polissêmicos.

Durante minha trajetória de pesquisa, fui interpelada muitas vezes sobre como seria possível fazer pesquisa na internet, entrevistar sujeitos sem que pudesse haver interação face a face (GOFFMAN, 2007), a questão do tempo, que tipo de abordagem eu poderia realizar de algo tão complexo, com a qual eu não tinha familiaridade, e que ainda por cima, seria realizada apenas no ciberespaço. Como utilizar métodos etnográficos no ciberespaço, se diferentemente da etnografia convencional (MALINOWSKI, 1984), a internet não compreende um território geográfico, físico?

Assim, como na etnografia, definida como “observação direta, participante e crítica, ou seja, uma reconstrução do cenário cultural estudado na visão do pesquisador” (MONTARDO, PASSERINO, 2006), a pesquisa na internet se constitui por meio de análise de discursos e interpretações do pesquisador, a ausência de contato face a face com os sujeitos é um ponto de tensão pela substituição da comunicação verbal pela não verbal.

É evidente que os mesmos problemas podem ocorrer na etnografia convencional, mas há nesse caso o agravante da ausência de contato físico, visual. Faço minhas as palavras de Rogério Brittes (2006) quando diz que apesar das dificuldades que surgem na/da pesquisa na internet:

Não estamos, porém, em um beco sem saída. Manter-se fiel à tradição antropológica não é fazer exatamente o que os antropólogos clássicos fizeram. Trata-se, antes, de compreender o que pode ser alcançado com o trabalho de campo tradicional, o que é que ele possibilita em termos heurísticos, e procurar adaptar tal ferramenta para o contexto estudado (p. 90).

No processo da pesquisa no ciberespaço, há etapas a serem seguidas, assim como na etnografia convencional. É preciso levar em conta *a escolha e entrada no contexto da subcultura*. No meu caso, foi conveniente o fato de eu já possuir um blog, pois facilitou minha entrada em campo, e conseqüentemente, a interação com as blogueiras se desenvolveu muito mais facilmente. A *coleta de dados*, como fora dito, deu-se por meio de observação e participação dos/nos blogs, sites e serviços de mensagens instantâneas, como MSN Messenger e o chat do Facebook. É importante lembrar que não é porque um conteúdo é divulgado na internet, que podemos fazer o uso dele como bem entendemos, só porque está disponível ao público, isso é uma ilusão. É preciso *ética* no contato e manuseio dos dados, obviamente, e também *discrição* quando preciso. Finalmente, mas não menos importante, é a possibilidade de *feedback e checagem dos dados*, por meio de conversas com os sujeitos, leituras, envio dos textos pra que os sujeitos também possam checar a seriedade da pesquisa (AMARAL, NATAL, VIANA, s/d). Fiz isso muitas vezes principalmente com alguns dos trabalhos que citei no início da introdução, principalmente o primeiro, realizado em Prática II e o que fora apresentado no evento promovido pelo LEV.

Não há como dispensar o auxílio de um diário de campo no processo da etnografia no virtual, visto que o fato de os discursos já estarem transcritos e disponíveis a qualquer *control-c + control-v*, não dispensa anotações acerca dos acontecimentos em campo, não impossibilita a pesquisa sócio – antropológica em ambiente virtual. Dizer que não há necessidade de uma sistematização das interações, dos contatos, dos agenciamentos, percursos e aproximações em campo é incorrer em um erro muito comum, ou seja, que realizar pesquisa na internet é bem mais cômodo e prático do que locomover-se até o objeto de estudo é menos dispendioso e menos subjetivo (será isso mesmo?). É mais fácil ainda perder o foco devido à perigosa fluidez das informações. Confesso que é um pouco enfadonho acessar os blogs e sites e conversar informalmente com os sujeitos, com a janela do *MicrosoftWord* aberta (escrevi meu diário de campo no computador e, eventualmente, em uma agenda separada apenas pra isso), registrar tudo,

mas fiz o possível para sistematizar a grande quantidade de dados que adquiri com o tempo.

#### **1.4 Problematizando a figura da pesquisadora**

Montardo e Passerino (2006) trazem reflexões muito interessantes da figura do pesquisador em campo.

Hine (2005) destaca que as novas tecnologias tornam a questão mais interessante, fazendo-nos interrogar sobre nosso entendimento e compromisso metodológico. Para Kozinets (1997), a netnografia exige combinação imersiva entre participação e observação cultural com relação às comunidades pesquisadas, sendo que o pesquisador deve ser reconhecido como um membro da cultura, um elemento importante do trabalho de campo” (MONTARDO, PASSERINO, s/d).

O pesquisador acaba operando também uma crítica de si, tendo em vista a necessidade de lidar com o próprio sentido que dá a si e ao que produz em campo, tendo ainda de dar conta do outro, das alteridades que encontra em campo, e de sua subjetividade. É com isso que percebemos a necessidade de problematizar o papel do pesquisador no contexto do ciberespaço.

Camilo Braz (2007) fala da questão do distanciamento e da objetividade buscada em uma pesquisa “imprópria”, no seu caso, um clube de sexo para homens, em relação ao campo e aos interlocutores da pesquisa: o pesquisador representa uma personagem liminar, é uma figura que oscila entre observar de longe e o olhar de perto, em certo sentido, participar, ser sujeito e objeto. A questão do fazer científico, a interpretação que o pesquisador constitui do que os sujeitos partilham e convencionam de suas práticas, ou seja, como proceder quanto às “leituras” do observador das “leituras” do outro, no esforço de torná-los inteligíveis, tanto para o meio acadêmico, como tornar real e não fantasiosas as narrativas dos “nativos”!

Pesquisar sobre práticas de intimidade e culturas sexuais requer muito cuidado, em relação a estigmas dentro e fora do meio acadêmico, levando em conta o fato de que eu posso ter afetado, ter sido afetada pelo campo e pelos interlocutores. Afinal, minha sexualidade também é posta em jogo, desde a escolha do tema de pesquisa até a tentativa de imersão no campo e a relativa aceitação que obtive. E todo esse processo foi permeado de preocupações acerca dos limites do outro, que seria interpelado por alguém que nunca havia ouvido falar, dos meus limites por estar me inserindo em um

campo tido como desviante, tendo de usar táticas de encobrimento, para melhor interagir.

Falo de táticas de encobrimento no sentido de que muitas vezes fui também interpelada sobre os motivos de ter escolhido o tema do sadomasoquismo, se essa escolha faz de mim praticante de BDSM ou fetichista, inclusive quando, nas redes sociais, algumas pessoas do meio, na maioria homens, vinham me “cantar”, elogiar, perguntar se eu era dominadora ou submissa, se eu poderia mostrar meus pés (no caso de alguns *podólatras*<sup>16</sup> que entraram em contato comigo, via Facebook, principalmente), ou quando alguns colegas perguntavam, em tom de brincadeira, qual apelido que eu costumo usar ao interagir “com os meus iguais” (esta ligada à ideia de que, já que eu pesquiso sobre BDSM, automaticamente, estou assumindo uma posição positiva e ao mesmo tempo, estou assumindo minha sexualidade). Enfim, até que ponto a pesquisadora consegue não ser afetada (FAVRET-SAADA, 2005, p.155) diante de um tema estigmatizado e também pela pesquisa ser na/pela internet?

Alguns praticantes de BDSM que se aproximaram de mim devido a minha identificação nos perfis das redes sociais, como “pesquisando sobre BDSM”, se sentiram na liberdade de me “cantar”, de investir como se eu fosse uma parceira em potencial. Falo que deixava claro minha identificação porque nas redes sociais, além do que eu costumava comentar sobre a pesquisa, o fato de ter entre os “amigos” de Facebook alguém do meio (e eu tenho várias pessoas do meio adicionadas em meu perfil desta rede social), acabava encorajando outras pessoas a se aproximarem, seja mandando mensagens pelo chat do Facebook, ou até mesmo adicionando aos contatos. Rejeitei algumas solicitações masculinas, por opção e por motivos pessoais, para causar algum incômodo desnecessário. Não vivenciei nenhuma situação embaraçosa com nenhuma das mulheres que contribuíram na construção dessa pesquisa, embora tenha recebido algumas cantadas, que encarei como brincadeiras para descontrair e dar um caráter íntimo as conversas.

Com todas as blogueiras realizei o mesmo procedimento: observações dos blogs, leitura de algumas postagens, comentários sobre algumas postagens que mais me chamaram atenção, e depois entrava em contato por e-mail. Com algumas, o contato através dos comentários nos blogs veio antes do meu e-mail de apresentação. Como

---

<sup>16</sup> São pessoas que têm fetiche por pés, não qualquer pé, mas que sigam determinados estereótipos,

mencionei antes, conhecia duas das blogueiras, Dorei Fobofílica e Princess Kitty, de outros momentos, outros blogs: eu era coautora de dois blogs eróticos juntamente com as duas, em um blog chamado *Convento das Safadas*, e outro com Princess Kitty, o *Pensamente Indecente*. No blog *Convento das Safadas*, eu postava com o mesmo apelido que usava no meu blog erótico, a personagem que eu havia criado, para que minha identidade fosse preservada, o propósito do blog era voltado a um erotismo mais pesado, quase pornográfico. Só depois de algum tempo de conversa, resolvi contar para as duas, Dorei e Kitty que eu era a tal companheira de blog.

Muitas vezes, por ser constantemente interpelada, senti-me pressionada, de certa maneira, a “sair de cima do muro”, pelos próprios sujeitos, que às vezes, sem mais nem menos perguntavam: “e aí, continua só no campo ou partiu pra pesquisa de campo?”, “já decidiu o que vai ser?”, “já saiu de cima do muro?”, “come to the dark side!”, e então eu tive muito cuidado em responder a esse tipo de pergunta porque poderia, de certa maneira, tanto abrir como fechar janelas, definitivamente. Meu comportamento, o que eu compartilho nas redes sociais, tudo fala sobre como eu tenho me sentido em relação ao campo, ao tema, às chamadas de posicionamentos meus, por qualquer comentário, que poderia ser encarado como algo negativo e me faria ganhar mais ou menos legitimidade diante dos interlocutores. Admito que muitas vezes eu quis deixar em aberto, em dúvida minhas preferências, só para ver como seria interpretado, se seria bem recebida pelos contatos do meio BDSM.

Figura 4 - Meme "Sou fetichista com orgulho!"



Fonte: Facebook (2012)

No geral, preferi assumir a posição de curiosa, pesquisadora e cheia de dúvidas. Com o tempo, fui constatando que as expectativas não eram somente minhas, de ser

aceita, de poder trocar idéias, de conhecer mais, mas também da parte deles em relação a mim, se eu estava entendendo o significado da sigla, como minha pesquisa estava sendo aceita (*Rainha Frágil* me perguntou uma vez: “como tem sido recebida a sua pesquisa? tipo... professores, família... eles falam "quéisso, menina?!"), o que eu estava lendo sobre BDSM, se eu gostaria de assistir uma sessão virtual pra ver do que se tratava, ou aprender via *cam*, enfim, se tudo isso tinha já influenciado minhas preferências e quais referências eu estava utilizando para me informar sobre BDSM. O fato de escrever sobre isso poderia ser visto como uma tomada de posição positiva em relação ao tema, como fora comprovado quando compartilhei com *Dorei Fobofílica* e seu *dono*, o texto que escrevi sobre BDSM e a Lei Maria da Penha; Hipérion, o *dono* de *Dorei*, respondeu por e-mail, parabenizando pelo texto:

Me sinto muito bem, em saber que uma pessoa como vc esta se dedicando a causa, embora não tenha notado, e fazendo da maneira correta, estudando e não apenas julgando e usando palavras que vêm da boca de outras pessoas. **O SM e um cálice cheio e que esta sempre transbordando, onde muitos matam a sede e outros se afogam.** Por isto mocinha seja bem vinda e sei que muito em breve vc por curiosidade vai provar deste cálice, espero que o sabor esteja doce e que a Srta agora sabendo de tantas coisas na forma correta pode usufruir de cada gota com muito prazer. Seu texto esta, como diz meu pedreiro "muito ótimo". rrsrrrs<sup>17</sup>(grifo meu)

### 1.5 Para ler refletindo...

As reflexões ao longo do texto giram em torno da questão das fronteiras, da produção de identidades a partir de *subculturas* consideradas dissidentes, transgressoras. As fronteiras não representam limites, ruas sem saída, mas novos caminhos proporcionam novos significados, que desafiam conceitos como violência, limites, poder, fantasias, performance, gênero. Reparto com o leitor o convite a mim feito, para também vir para o lado negro<sup>18</sup>, conhecer um pouco dessa *subcultura* tão interessante.

---

<sup>17</sup> Em 22 de novembro de 2011.

<sup>18</sup> Foi o Escravo Roger RF que falou essa frase para mim, no Facebook, quando eu comentei que curtia tudo o que ele compartilhava sobre SM no Facebook: “Come to the dark side”, como convite a adentrar nesse universo.

## CAPÍTULO 2 – “TER FANTASIAS É FÁCIL, REALIZÁ-LAS REQUER MUITA CORAGEM”<sup>19</sup>: SOBRE REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS CONTEXTUALIZADAS NO BDSM

“Se não existissem rituais e representações da sexualidade, nem histórias que a encenassem, não haveria atividade sexual humana nem relações sexuais” (Michel Bozzon).

Nesse primeiro capítulo, creio que seja necessário tentar esclarecer ao leitor sobre a temática à qual me detive. Para tanto, exponho o que foi se configurando como sendo BDSM em campo por meio das falas e leituras dos sujeitos da pesquisa, bem como dos autores que pesquisaram sobre SM. É comum que as pesquisas sobre BDSM sejam realizadas na internet, e não só presencial, creio que porque os discursos que há em sites e blogs são muito interessantes no sentido de que expressam a socialização de saberes e experiências. No Brasil, poucos pesquisadores se dedicaram em observar e analisar a subcultura do SM. Jorge Leite Jr (2000), Rogério Brittes (2006), Bruno Zilli (2007), Regina Facchini (2008), Fátima Regina Almeida de Freitas (2008) e Maria Loschi de Melo (2010), são alguns dos que trabalharam com a temática<sup>20</sup>.

Leite Jr. em seu trabalho intitulado “A cultura S&M” observa, primeiramente, o conceito de sadomasoquismo que encontrou em campo:

No final do século XIX, o mais renomado psiquiatra da época, estudioso das então recém criadas “perversões” ou “perversidades” sexuais, o austríaco Richard Von Krafft-Ebing, lançou em seu colossal tratado “*Psycopathia Sexualis*” os termos “sadismo” e “masoquismo”. O primeiro designava o prazer em ferir ou humilhar o parceiro no ato sexual, e o segundo, o prazer em ser ferido ou humilhado, também durante o sexo. Derivado do nome do Marquês de Sade, nobre francês do século XVIII, o termo “sadismo” foi criado para designar a “*associação entre a luxúria e a crueldade*” [nas palavras de Krafft-Ebing]. (...) O mesmo destino triste teve o também escritor

<sup>19</sup> A frase é da dominadora Sybilla, em entrevista ao colega Sérgio Costa, pra nosso trabalho na disciplina de Sociologia do Corpo e da Sexualidade.

<sup>20</sup> A primeira referência à qual tive acesso foi o projeto de conclusão de curso de Fátima Regina Almeida de Freitas, a qual foi a primeira indicação de que o professor Cristian Paiva me fez. Além de procurar na internet os textos que a referida autora cita em seu trabalho, também pesquisei por palavras chaves, como “sadomasoquismo”, “BDSM”, “SM” “fetiche”, tanto no *Scielo* como no Google Acadêmico, e foi assim que reuni os autores, além do que realizei consultas na Biblioteca de Ciências Humanas da UFC.

e romancista austríaco Leopold Von Sacher-Masoch. Contemporâneo de Krafft-Ebing, sua novela mais famosa “*A Vênus das Peles*” entrou para a história como um clássico da literatura erótica ao mesmo tempo em que seu nome foi utilizado para designar a “perversão oposta” ao sadismo. (p. 8-9).

As expressões “masoquismo” e “sadismo” aparecem então patologizadas, por meio da observação e reunião de práticas sexuais presentes nas obras dos dois autores: Sade costumava descrever cenas de sexo forçado e torturas sexuais e os personagens de Masoch vivenciavam situações de submissão e prazer na dor, por exemplo. De acordo com Freud (2006) autores como Schrenck-Notzing preferem a designação mais estrita de *algolagnia*, que destaca o prazer na dor, a crueldade, enquanto os termos escolhidos por Krafft-Ebing colocam em primeiro plano o prazer em qualquer forma de humilhação ou sujeição” (p. 149). Ainda citando Freud e sua teoria sobre a sexualidade, os dois termos aparecem em sua obra de maneira diferente do que aparece em Krafft-Ebing, por sua vez relacionando ambas como pulsões humanas, latentes: pulsão de morte e pulsão de vida, afirmando que sadismo e masoquismo “ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre atividade e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual” (p. 150).

Gilles Deleuze (2008), em seu livro sobre Sacher-Masoch<sup>21</sup> comenta a injusta, segundo ele, complementaridade que foi criada entre os dois autores, reforçada pelo termo sadomasoquismo, pois, segundo ele e também é dito por Leite Jr. (p. 13), seus romances representam universos bem diferentes, e que não se misturam. Alguns adeptos do SM não consideram Sade como precursor da literatura SM, e sim Sacher-Masoch pelo fato de que este, em suas fantasias, trazia nitidamente o elemento da consensualidade, e Sade, diferentemente, fazia alusão a atos sexuais sem o consentimento do outro. Uma vez, conversando com Dorei Fobofílica sobre os dois autores, ela comentou que acha que “Masoch tem uma linha distinta do masoquismo”, embora se assemelhe bem mais ao ideal de consensualidade do SM e que “Sade era um doente”, que ele “seria adepto do sadismo doentio”.

Optei por começar pelo conceito de sadomasoquismo apenas para demonstrar a dificuldade que há já na identificação do que assinalaria os termos sadismo e

---

<sup>21</sup> DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

masoquismo. Percebi e o leitor, por sua vez, perceberá que esse é apenas um dos vários assuntos controversos no meio.

Essa subcultura se encaixa no contexto das sexualidades modernas e se expressa como cultura de grupo, sendo o BDSM apenas uma sigla que se refere a uma grande diversidade de práticas culturais, sexuais e sociais, praticadas por grupos de sujeitos que partilham ou não as mesmas visões de mundo e de práticas. De acordo com o que percebi em campo, não consegui enxergar o SM apenas como uma cultura ou subcultura sexual, visto que tem um caráter marcadamente coletivo. Leite Jr. (2000) considera, então, que “o que conhecemos hoje como S&M é muito mais uma somatória de grupos e principalmente de pessoas que se identificam pelas preferências sexuais e atitudes perante o mundo” (p. 14).

Sendo assim, um dos objetivos da sigla BDSM é englobar as práticas designadas como sadomasoquistas, fazendo, então, referência às práticas mais comuns, por exemplo, as que mais aparecem nas falas dos sujeitos e nos discursos observados em campo: *bondage* em inglês significa amarração ou imobilização com algemas, cordas ou similares; *dominação/disciplina*, *sadismo* e *masoquismo*. Diante de tantas denominações do sadomasoquismo erótico, como aparece em Brittes (2006, p.9), como S/M, S&M, SM, sadomasoquismo, Cultura do Couro, percebemos que essa subcultura representa relações múltiplas de sexo, poder e intimidade, “um conjunto de práticas de conteúdo erótico” (Facchini, 2008), mas não é somente isso.

Ao estudar a(s) rede(s) BDSM, ultrapassamos claramente o sadomasoquismo. Todavia, cabe dizer que por muito tempo (e por muitos ainda) o sadismo e o masoquismo foram considerados o centro desta rede (por isto ela é às vezes chamada de SM). A reivindicação do B e do D na definição inicial diz respeito a uma ênfase no fato de que nem todos envolvidos incluem o causar ou o receber dor em suas práticas sexuais. (BRITTES, 2006, p. 9)

Não é possível especificar quando e como surgiram as primeiras práticas do S&M e suas primeiras manifestações como cultura de grupo, mas na cena pública o ano de 1918 é considerado como o marco pelo lançamento da revista fetichista *London Life*<sup>22</sup>. Na década de 1940 surgiram outras revistas, como a *Bizarre* (EUA), e o aparecimento de estrelas como Bettie Page (1923-2008), modelo que fotografou e fez filmes para o mercado S&M e virou um ícone das chamadas Pinups. O fato de muitas

<sup>22</sup> Informações coletadas no site do Senhor Verdugo, através do link [www.senhorverdugo.com/historia-do-bdsm.html](http://www.senhorverdugo.com/historia-do-bdsm.html), acesso no dia 11 de maio de 2011.

peçoas se mostrarem abertas a essas novas possibilidades de expressão fez com que as práticas fossem muito mais difundidas e incorporadas inclusive pela moda (STEELE, 1997).

Figura 5 - Bettie Page empunhando chicote



Fonte: Site Buzznet (2008)

Nas décadas seguintes, com o movimento de contracultura<sup>23</sup>, de “revolução sexual” (1960 e 1970), foram aparecendo mais manifestações na moda, no visual de tribos urbanas como os punks, mais clubes sadomasoquistas e festas do gênero, bem como a incorporação do sadomasoquismo pelo mercado erótico e, com isso, foi se configurando um espaço para troca de ideias e experiências, gírias, códigos de conduta relacionados à vestimenta e às cores e siglas relacionadas às práticas (LEITE JR., 2000).

Na década de 1980, surgiu o lema SSC (são, seguro e consensual) para desvincular qualquer imaginário negativo relacionado ao termo “sadosoquismo”, bem para uma conscientização coletiva de que as práticas deveriam ser realizadas de forma sadia, principalmente em relações individuais<sup>24</sup>. Assim, houve uma tentativa de formação de um “campo de ética” (LEITE JR., 2000; 23) no meio, bem como a incorporação de outro lema, “machucar sem maldade (ou danos)”. Há também a *safeword*, cujo surgimento data de meados dos anos 1980. O lema SSC significa praticar o sadomasoquismo em plena sanidade mental, o que geralmente inclui a não

<sup>23</sup> A definição de contracultura poderia ser definida como um movimento de contestação à cultura dominante. O movimento teve seu auge na década de 1960.

<sup>24</sup> Disponível em: [www.senhorverdugo.com/origem-do-ssc.html](http://www.senhorverdugo.com/origem-do-ssc.html). Acesso em: 11 de maio de 2011.

ingestão de bebidas alcoólicas e qualquer outro tipo de droga, proporcionando, assim, a garantia de segurança de ambas as partes, de quem domina e de quem se subjeta, desde que haja a *consensualidade* de ambas as partes, em todas as práticas a serem realizadas em uma cena/sessão, e a *safeword* ou palavra de segurança é utilizada por ambos os praticantes, no momento das práticas, para avisar quando a cena deve ser parada, no momento em que um dos praticantes chega a seu limite físico ou psíquico. As práticas devem então estar suspensas até que haja novas negociações: esses são meios pelos quais os adeptos se distanciam dos chamados criminosos, pervertidos.

A gestão do risco é feita por meio dos controles comunitários; pela realização de *cenar* em espaços de prática coletiva moderada como as *plays*; pela observância do *SSC* (*são, seguro e consensual*), que estabelece os próprios contornos do que se considera como *BDSM erótico*; pelo estabelecimento de uma *safeword* (palavra ou sinal acordado entre os praticantes que tem por função interromper imediatamente a prática ou mesmo a *cena* em curso); pelo diálogo acerca de *limites* no início, ou sempre que necessário, no decorrer da relação, de modo que, ainda que faça parte do *jogo* procurar transpor alguns *limites*, espera-se do/a Dominante, que tenha *bom senso* e seja capaz de *cuidar de sua peça*<sup>25</sup>.

Tudo parece envolver um certo “cálculo racional do uso do prazer”, que procura maximizar prazer e controlar/minimizar riscos implicados nas práticas. Mesmo a *entrega* é planejada: deve-se selecionar bem a quem se *entrega*, tomar informações, de modo que a situação ideal seja *entregar-se* a um parceiro no qual se *confie* no *caráter, bom senso, conhecimento teórico e prático*.(FACCHINI, 2008)

Além dos lemas e da palavra de segurança, que foram criados para, de certa maneira, delimitar e/ou identificar os praticantes de SM, há também a existência de um símbolo e de uma bandeira, ambos encontrados em campo, em alguns sites nos quais realizei observação. O Portal do Senhor Verdugo, o qual utilizo aqui como referência, informa que ambos foram divulgados através da internet<sup>26</sup>.

Há então, de acordo com essas regras a importância de existir confiança entre os praticantes para que assim seja possível que se abram as portas aos repertórios de possibilidades excitantes e excitáveis e, assim, “além dos limites de gênero, muitas vezes a própria sexualidade torna-se uma questão de relação e interatividade” (Leite Jr., 2000: 37).

<sup>25</sup> “Peça” é a maneira como alguns praticantes dominares e dominadoras se referem aos seus escravos/submissos, mas essa não é uma forma depreciativa de chamá-los, pois faz parte do jogo.

<sup>26</sup> Informações no link: <http://www.senhorverdugo.com/origem-do-emblema-bdsm.html>

São várias as práticas e as comunidades que se identificam como BDSM, e alguns exemplos de comunidades são o *FemDom* e o *MaleDom*, que são, respectivamente, o universo das práticas inseridas na dominação feminina, no qual temos como personagens principais as *Rainhas*, *Dommes*, *Mistress*; e a dominação masculina, no qual as figuras centrais são os *Dom*, *Senhores*, *Lords*, para citar alguns. Estes representam as figuras dominantes e disciplinadoras dentro do SM. As relações de dominação/submissão são chamadas no meio de D/s e é interessante atentar para a subjugação dos personagens submissos até mesmo na denominação da relação (o “D” de dominação sempre aparece maiúsculo, enquanto o “s” minúsculo).

Muitas das práticas existem há muito tempo e as nomenclaturas só vieram aparecer recentemente. Antes do surgimento da internet, já era muito comum essas práticas em grupos (já que a difusão da internet data dos anos 1990) em festas e eram divulgadas por outros meios. Atualmente, é mais comum que as informações sobre o tema sejam descobertas e compartilhadas por meio da internet, mas sabemos que nem sempre foi assim. Alguns dos sujeitos da pesquisa, Sissa Switcher e Rainha Frágil, comentaram que muito antes da internet, nas mídias sociais, elas já percebiam que tinham preferências sexuais pouco convencionais para sua época e seus contextos sociais. A iniciação então, podia se dar através de livros e revistas, no caso de Rainha Frágil, que comentou que o nome BDSM só existe para ela há pouco tempo, embora ela tenha algum tempo de prática. Então foi por meio de leituras de livros que a fizeram despertar para um novo universo de prazer.

O nome BDSM só existe pra mim há uns 15 anos...mas a sensação de estranheza com a minha sexualidade sempre esteve lá. Temos muito material para uma boa pesquisa. Anos atrás o O Povo fez uma bela matéria comigo. Até o meio BDSM elogiou, e é difícil agradar... rs. dizem que foi a melhor matéria sobre o tema no Brasil, digo... o jornal O Povo<sup>27</sup>. tem muito material.. rs se realmente se interessar pelo tema.. mas de fato ... ele é muito amplo.. talvez você precise escolher um caminho...já entendeu a sigla? o que

---

<sup>27</sup> Uma vez, em conversa via MSN Messenger, perguntei a Rainha Frágil se ela era muito assediada pela imprensa ou outras mídias, pois eu já havia lido a reportagem do Jornal O Povo, a qual ela se refere, e também havia assistido a uma reportagem na TV Diário. Ela falou que: “não... a mídia impressa sim. mas outras mídias não... porque eles querem uma mulher fatal e tal... uma vez fiz uma matéria para o Manias. Mas foi cheia de conflitos porque eles trouxeram uma piranha pra ilustrar... parei no meio... eles fizeram um quadro e a mulher aparecia falando um monte de bobagens... que homem é pra ser tratado assim.. SM não é sexista. Não é pra ser, não é coisa de mulher fatal. É coisa de gente comum. A gente escolhe os papéis. A tv precisa disso (estereótipos)... não adianta. já o pessoal daquele programa que fiz.. nem lembro o nome. foi muito delicado o tempo todo. eu que conduzi tudo. Mostrei o que queria. e o deles era pra ser mais forte até”.

é une tudo é a ideia de TOP e BOTON e é o que nos diferencia dos FETICHISTAS e do BIZARROS, por exemplo.. você já deve ter ouvido falar dos podólatras...a maioria deles é FETICHISTA, eles gostam de pés.. qualquer pé.. dentro de uma estética deles... mas o fato de gostarem de pes não faz deles submissos. Quase todo submisso é podólatra mas nem todo podolatra é submisso. (Rainha Frágil, em entrevista no mês de maio de 2011, via MSN Messenger)

Tenho apenas 4 anos de prática..eu achava que era anormal desde nova...kkk quando me separei...há mais de 15 anos...vi um artigo que tratava disso...e comecei a procurar...só que aqui no Brasil era muito mal difundido...e na época não existia o Sr Google para ajudar...nem net para melhor informar...então eu lia contos...via fotos em revistas estrangeiras....e depois de um tempo comecei a achar o povo...(Sissa Switcher, em entrevista via MSN Messenger)

Rogério Brittes (2006), fala em sua monografia sobre a difícil associação entre prazer e dor, considerando o SM como uma grande união dos opostos. A relação entre sadomasoquismo e perversão estaria vinculada ao fato de que é convencionalmente difícil aceitar a articulação entre prazer e dor como elementos de uma interação sexual. Brittes afirma que prazer e dor seriam comumente considerados uma conjugação antinatural: “No senso comum, os sadomasoquistas seriam aqueles que, graças a uma disfunção psicológica qualquer, corrompem a divisão entre prazer e dor, confundindo e misturando as mais fundamentais sensações humanas”. Mas essa seria a interpretação das ciências *psi*, justamente o diálogo que Bruno Zilli (2007) realiza sobre consentimento no SM, também levando em conta o que é divulgado no meio virtual. Por haver relação com conteúdo tido como violento, muitas pessoas acreditam que os praticantes de SM são pervertidos e tenham personalidade violenta. Nesse sentido, podemos perceber nitidamente um dos motivos de o BDSM ser considerado algo transgressor.

O contexto da presente pesquisa é um exemplo claro de caso no qual um trabalho de campo malinowskiano é impossível. Os sujeitos praticantes do BDSM não são sadomasoquistas necessariamente o tempo todo, não vivem em uma comunidade aldeia relativamente isolada e com fronteiras relativamente definidas. Trata-se, antes, de uma rede na qual a grande maioria dos participantes leva uma vida que envolve trabalho, família, amigos, *hobbies*, e tantas atividades que freqüentemente pouco ou nada dizem sobre sua condição sexual. Em situações específicas, vestem-se de maneira apropriada, valem-se de um jargão próprio, e principalmente praticam atos que os permitem autoneomarem-se *adeptos* do BDSM. Não é preciso viver entre eles para construir uma etnografia; e seus encontros são ou particulares demais ou espaçados demais para proporcionar uma inserção continuada do antropólogo no campo como se faz ao habitar por meses em uma aldeia, *à la* Argonautas do Pacífico. (BRITTES, 2006, p. 89-90)

Por serem experiências que testam os limites do corpo, que são vivenciadas por pessoas que sentem prazer na dor, que sentem ou causam no outro, isso é visto pela sociedade como algo doentio ou perverso. Os praticantes não se consideram doentes ou perversos, como muitos que não têm contato com as teorias e não conseguem conceber a relação entre dor e prazer, consideram que estão apenas vivenciando fantasias, expressando seus desejos.

O que importa para mim é que sempre quis o BDSM como algo a mais na minha vida, algo para me trazer prazer, (sim, para cessar minhas angústias e fantasias quanto ao sadomasoquismo também) mas principalmente para trazer felicidade, uma nova forma de obter prazer, um recanto onde eu possa fugir da minha realidade quando esta se tornar exaustiva e ser apenas eu: Uma mulher seguindo seus desejos e fantasias. E isso eu estou conseguindo (Princess Kitty, em postagem no seu blog).

Um dos pontos que tentamos apresentar ao leitor e isso seguindo o que sugere Ferreira (2011) é tomar como foco “produção de moralidades e noções afetivo-sexuais” que são elaboradas nos blogs a partir de experiências dos próprios autores que são praticantes, buscando, assim, perceber “as relações, os fluxos, as circulações, os deslocamentos e a (co)produção de sujeitos, significados, noções e sentidos entre eles”. A produção de noções e ideias nos blogs estão ligadas à ideia de consenso, ideia que define o BDSM, que também é rodeado por categorias médicas, morais, e por noções que passam pelo patologização das práticas (a relação com as perversões sexuais). Há, de certa maneira, uma tentativa de produção de normalidades, pelos próprios praticantes, quando se refere ao cuidado com a noção de consenso. Há uma articulação entre o que é vivenciado e o que é propagado pela internet, visto que muitos praticantes escrevem e descrevem suas experiências em blogs ou sites temáticos, sendo assim, inscrevem/popularizam suas experiências, configurando o que se entende por BDSM na internet, o que obviamente, ocasiona para si o peso da referência: os blogs e seus autores são tomados, seja pelos mais experientes ou iniciantes, como referência de leitura, e que pudemos constatar inclusive na pesquisa de campo e na elaboração deste trabalho de monografia.

Compartilho do interesse em pesquisar o BDSM na internet com Fátima Regina Almeida de Freitas (2010, 2011), que em seu trabalho tem como hipótese que a internet possibilita a construção de conhecimento sobre as práticas, que isso acontece com o objetivo de diminuir o preconceito contra o SM. A autora também fala sobre convenções de gênero em relação aos contextos de “masculinidade e feminilidade que

são constantemente negociadas, pois determinadas práticas questionam padrões hegemônicos de representações de gênero”. Uma das práticas que podemos citar como exemplo é a de feminização masculina, inserida no contexto do *FemDom*, já citado acima. Um exemplo muito interessante de feminização masculina, percebemos na relação entre Rainha Frágil e seu escravo Roger RF. Sobre essa prática realizei um trabalho da disciplina de Antropologia da Sexualidade.

Foi por meio do espaço virtual que conheci o casal, *Rainha Frágil e Escravo Roger RF*; ele teve seus primeiros contatos com a “teoria sadomasoquista” também através da internet, aos 18 anos.

Figura 6 - Escravo Roger RF e Rainha Frágil em sessão de fotos



Fonte: Arquivo Pessoal (2011)

Nesse sentido, há de se entender que a prática da *feminização masculina*, ou comumente chamada de *feminização forçada*, a qual está inserida no *FemDom* (dominação feminina), no contexto em questão, é uma:

Prática exclusiva do contexto sadomasoquista, em que a pessoa submissa, consensualmente, é obrigada a se vestir e se adornar como pessoa do sexo oposto. A pessoa obtém prazer de sua condição de humilhação e subserviência ao ver negada sua condição sexual original. Adicionalmente, a

peessoa pode se realizar pelo fetiche por roupas do sexo oposto ou simples travestismo fetichista... É ocasional e reversível...<sup>28</sup>

Roger, desde muito jovem, teve contato com a teoria sadomasoquista, mas antes de obter informações sobre o assunto, nutria desejos que nem ele mesmo entendia ou aceitava. Esse tipo de atitude é muito comum e recorrente nas falas dos sujeitos da pesquisa: o fato de eles mesmos, ao perceberem preferências sexuais e de sentirem tesão por situações não convencionais, estranharem-se, e acharem que têm algum problema consigo.

Com dez anos, por aí, passei a nutrir um certo fascínio por lingerie. Gostava de observar as manequins, vitrines, catálogos. Só um bom tempo depois é que comecei a me imaginar usando-as. Não lembro bem como era as primeiras fantasias, mas envolviam a dominação e a subjugação. Uma garota, mulher ou grupo delas me vestiam contra a minha vontade. No BDSM, esse tipo de fantasia se chama "feminização forçada", o que é um nome bem tolo: 1) No BDSM, nada é forçado. Se não for consensual, é abuso. 2) Ser "forçado" a vestir roupas femininas é desculpa esfarrapada de alguém que está doido para experimentar trajes femininos, mas não admite. Tem que ser "forçado" a isso. O que era meu caso. Eu não sabia ou não admitia que sentia vontade de me vestir de garota. Para mim, era apenas mais um elemento em minhas fantasias humilhantes. A "ficha caiu", como eu disse, através da Internet, aos 18 anos. Eu tinha recentemente começado a pesquisar sobre BDSM e topei com sites e contos envolvendo "feminização forçada". Tudo aquilo me excitou muito, e foi aí que admiti para mim mesmo: "EU QUERO ISSO!".

Ele e *Rainha Frágil* se conheceram um ano depois de ela vir morar em Fortaleza, há 14 anos. Juntos há 13 anos, os dois vivem uma relação sadomasoquista inclusive em público, visto que não há a delimitação de espaço para que haja essas performances: em público ou não, em festas ou redes sociais (Facebook, twitter, blogs, Tumblr) e eles não se importam em tornar isso público em redes sociais virtuais. Um exemplo é um vídeo que os dois gravaram em 2007, intitulado “Rainha Frágil –

---

<sup>28</sup> Trecho retirado de postagem do blog de propriedade da Rainha Frágil, “Crônicas de um Sex Shop”, intitulada *Feminização forçada, travestismo e disforia de gênero*, disponível no link: <[http://www.cronicasdeumsexshop.com.br/2010/06/feminizacao-forcada-travestismo-e\\_29.html?zx=90552a1d12febbaa](http://www.cronicasdeumsexshop.com.br/2010/06/feminizacao-forcada-travestismo-e_29.html?zx=90552a1d12febbaa)>, acessado dia 11/11/11.

Vestindo sua ‘sissy’<sup>29</sup> – Dressing your sissy”<sup>30</sup>, no qual ela o veste de empregadinha, enquanto ele, vestido de calcinha e sutiã e o rosto coberto por uma máscara típica de algumas práticas fetichistas/sadomasoquistas, de um material que se assemelha ao vinil ou látex preto, aguarda pacientemente e totalmente entregue a sua Dona. O vídeo teve 134.499 visualizações desde então. Em postagem em seu blog, Rainha Frágil diz:

Fizemos isso de brincadeira, sem nenhum roteiro, sem nada. A idéia era divulgar as roupinhas que faço para o Roger vestir. Eu adoro. Eu não ligava muito para a prática de feminização. Um dia o Roger me mandou um conto, que infelizmente não encontramos mais, que falava de uma escola em que a feminização era usada para punir os meninos que não alcançavam média ou que faziam travessuras. Dai vi que as roupas femininas tinham o poder de imobilizar. Os movimentos tinham que ser mais contidos, e as roupas conseguiam pesar como armaduras. Comecei a experimentar espartilhos para forçar mudanças posturais. Depois descobri que meias de seda e calcinhas podiam inclusive conter a ereção. E fui descobrindo também que é uma prática que permite ainda uma grande humilhação. As feministas gostam de dizer que não é humilhante se vestir como mulher. Que isso deveria ser uma honra para os homens. Mas não é assim que eu leio. Simplesmente pelo fato de que não importa o que vistam, ou como se portem: eles não são mulheres. Podem experimentar o martírio de um salto alto, ou ficar quase sem respiração com um *corset*, mas jamais serão mulheres. Serão sempre cópias mal feitas. No vídeo, eu faço muita questão de mostrar o pênis do Roger. Pena que o tube não deixa, mas eu mostraria. Porque pra mim é o *gran finale* sempre. É, ao fim de tudo mostrar que eles tem aquilo ali entre as pernas, que sempre fará toda a diferença. E no caso do Roger, acho especialmente humilhante como ele aprendeu a se excitar quando veste roupas femininas. Isso foi um aprendizado. Seria menos humilhante se ele achasse normal como um travesti ou uma trans. Mas ele fica excitado. Depois de 10 anos, Roger sabe se vestir para qualquer ocasião e até seu corpo, com suas pernas bem longas e a bunda arrebutada parece ter se adaptado a esse meu desejo. E foi um longo aprendizado no sentido de entender que não mais

---

<sup>29</sup> Em entrevista no dia 16 de novembro, Escravo Roger disse: "Sissy" é um travesti bem meigo, gracinha, que se comporta como garotinhas. Há a expressão *sissy slave*, que designam os submissos feminizados, e há também a expressão *sissymaid* que é um submisso feminizado de empregadinha e que cumpre esse papel, que se comportam como garotinhas...

<sup>30</sup> Vídeo disponível no link do Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=w7sZEkdXja8>. Acesso dia 13/11/11.

usaria seu belo pênis pra nada, exceto para ser humilhado. Porque não permito que ele penetre. Assim, aprendeu a dar prazer oral ou a ser usado na penetração anal. Amo muito tudo isso!<sup>31</sup>

Como a própria Rainha Frágil comentou, na citação acima, foi Roger quem teve a iniciativa de apresentar a ela a prática da *feminização masculina*. Interessante perceber com isso, que os participantes sempre estão em processo de aprendizado, de adaptação ao desejo do outro.

Eu "ensinei" a Beth a gostar daquilo. No início, quando nos encontrávamos pouco e nos víamos mais virtualmente, eu enviava a ela sites, textos e contos BDSM. Foi mais ou menos na época que a conheci que passei a descobrir mais e mais materiais sobre feminização forçada e comecei a enviar para ela bastantes contos e links sobre isso. E, pra minha sorte, ela passou a curtir muito também. É um processo que dura até hoje. Já que a Beth morava com a família dela e eu moro com a minha, então infelizmente não dava para realizar a feminização (nem o BDSM) de forma plena. Além disso, o apartamento dela, por ter várias janelas e ser no térreo, não oferece muita privacidade. Mas agora que ela está morando sozinha, vamos "caprichar" mais nisso.<sup>32</sup>

É, eu encaro a feminização como uma forma de humilhação, ridicularização (consensual é claro) BDSM, e ser torturado e tratado como se fosse uma garota me excita muito. Mas também gosto de ver como provooco as pessoas, de como me olham. Como sou magro e esguio, fico parecendo uma garota, fico com uma aparência bem andrógina. Então, em alguns eventos, em algumas festas, alguns observadores ficam com vontade de "brincar" comigo.

É então uma afirmação do que Butler (2010) nos diz que “o gênero é uma identidade tenuemente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*.” (p. 200), ou seja, não é apenas vesti-lo de mulher, mas segundo uma estilização de atos e de desejos de ambos. Sendo assim:

Não, não vi problema algum em passar uma imagem feminina de mim, pelo contrário! É essa exibição que excita! Até que gosto de me vestir de garota,

---

<sup>31</sup> Disponível no link: <http://rainhafragil.wordpress.com/2008/06/16/feminizacao-no-youtube/> acessado dia 13/11/11.

<sup>32</sup> Roger, em entrevista via e-mail, no dia 12/11/11.

mas se não tiver alguém para me ver assim, aí não há muita graça, hahahaha! Tanto é que publicava na Internet várias fotos minhas feminizado e, por uma questão de discrição, sem mostrar meu rosto. Se bem, que no Facebook, meu "avatar"<sup>33</sup> me mostra feminizado de empregadinha (uma fantasia bem recorrente no BDSM, por envolver feminização e submissão) e exibindo meu rosto. Só que é uma foto minha de quando eu tinha 19 anos. Então, creio que dificulta um pouco que me reconheçam. Achei bom mostrar meu rosto no Facebook para deixar claro que há alguém "de verdade" por trás daquele perfil.

Figura 7 - Escravo Roger RF de empregadinha



Fonte: Arquivo Pessoal

Utilizei o exemplo da relação entre Rainha Frágil e Escravo Roger RF para mostrar que os parceiros nas relações SM podem ser namorados, esposos, colegas ou até amigos e o que muito se vê é a necessidade de que os sujeitos saibam bem a procedência de seus parceiros. Não só por isso, mas é possível observar que a relação dois é bem voltada à questão do respeito da opinião do outro e que o fato de ela ser uma Rainha não significa que ele não possa ter qualquer tipo de autonomia. Nesse sentido, é que surgem os blogs voltados para a diferenciação do sadomasoquismo erótico e do sadomasoquismo criminoso e doentio.

Wilma Azevedo (1998) empreende uma listagem das diferentes conotações nas quais aparecem as designações de sádico e masoquista: entende-se por “*sádico maldoso*” aquele que tem “prazer em causar malvadeza ou perversidades (ex: sadismo usado nas torturas e repressões políticas, com ou sem erotismo. A ditadura. Atos de

<sup>33</sup> Carol Parreiras diz que avatares são “corpos virtualizados”, como os sujeitos se representam nas redes sociais, por meio de fotografias, textos, animações (2009, p. 347).



O BDSM seria uma expressão de novos desejos? Para Foucault(s/d) sim, e a sexualidade funcionaria como uma impulso criativo, assim como o poder e o prazer.

A ideia de que o S/M é ligado com uma violência profunda e que essa prática é um meio de libertar essa violência, de dar vazão à agressão é uma ideia estúpida. Nós sabemos muito bem que essas pessoas não são agressivas entre elas; que elas inventam novas possibilidades de prazer utilizando certas partes estranhas do corpo – erotizando o corpo... A ideia de que o prazer físico provém sempre do prazer sexual e a ideia de que o prazer sexual é a base de todos os prazeres possíveis, tem, penso eu, verdadeiramente algo de falso. (FOUCAULT, s/d, p. 263 -264)

Em contato com a temática do sadomasoquismo, percebemos que também há presença de ideias machistas e sexistas que incidem na relação entre mulher, masoquismo e submissão e homem com dominação, assim como fora dito por Freud (2006), por exemplo, “A sexualidade da maioria dos varões exibe uma mescla de *agressão*, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de outra maneira que não mediante o ato de *cortejar*” (p. 150). Percebemos que não é isso que acontece, pois há espaço para cada um vivenciar suas fantasias, e não há implicação alguma que defina que papéis de dominação são destinados aos homens e de submissão às mulheres. Um exemplo disso são as práticas do *FemDom* e do *MaleDom*, universo de dominação feminina e universo da dominação masculina, respectivamente, na qual homens e mulheres podem assumir papéis específicos, mas como fora dito, não necessariamente em relação ao gênero.

A expectativa de passividade erótica na mulher está relacionada ao lugar político de inferioridade que o patriarcado lhe atribuiu e não a qualquer tipo de essência feminina. O que o fenômeno do sadomasoquismo erótico denuncia é a natureza sexual secreta da autoridade. Numa sociedade em que a divisão binária entre os sexos e gêneros é rígida e naturalizada, não há fluidez nem jogo erótico não sintomático que possa se apoiar no intercâmbio dos lugares de domínio e submissão.<sup>35</sup>

Uma vez houve uma discussão forte sobre machismo...então vários dominadores se apresentaram como machistas realmente...parece sexista. Mas se você compreende as nossas tramas (cultura?) Você compreende onde encaixar esse machismo, por exemplo. Cabe aos sm a superioridade

---

<sup>35</sup> BARBERO, Graciela Haydée. Violência doméstica contra a mulher e erotismo sadomasoquista: pontos de contato e diferenciação. Disponível no link: [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab\\_completo\\_145.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_145.pdf). Acesso dia 15/11/11.

feminina, o machismo.. Nos caem bem esses estigmas... mas dentro dessa cultura. Não da pra ler "eu acho que todo homem tem que lambar os pés das mulheres" isolado de todo o nosso universo. Ou no caso da feminização... qual a graça de aparecer feminizado numa festa gls com outros tantos travestis? perde o contexto... não dá tesão. Legal é aparecer feminizado numa festa muito hetero...nos não existimos sem o contexto da dominação. (Rainha Frágil, via MSN Messenger)

Gregori (2005) afirma que “tudo parece estar sendo cuidadosamente montado para encenar uma situação que simula a violência, mas que, simultaneamente, a afasta ou neutraliza”. Há um processo de “neutralização, domesticação ou ressignificação dos traços e conteúdos violentos envolvidos” nas práticas (GREGORI, 2008), as quais são como se fossem paródias:

[...] como práticas que mobilizam e expõem com força dramática, mediante todo um repertório de convenções culturais e sociais disponíveis, as assimetrias de poder, as materializações e corporificações de normas de gênero, de sexualidade, bem como de outros marcadores de diferença, como classe, raça e idade (GREGORI, 2008).

Os papéis que são assumidos nas relações BDSM são negociados: aliás, aparentemente, tudo que está envolto pelo sadomasoquismo deve ser negociado: nos papéis de cada um, as identidades que serão construídas, as práticas, as regras. No entanto, o que encontrei muito em campo, nas conversas e leituras, é que não há muito consenso em relação a esse ponto, no sentido de que há várias subjetividades em jogo. Por exemplo, Sybilla considera que “existe uma relação muito errada de dominação masculina e feminina porque todo homem que domina basicamente faz sexo, e com Dominadoras não é assim. Meu prazer é subjugar sempre com consensualidade, sou conhecida por ser muito sistemática e tenho muito cuidado com a ética.” Muitos adeptos seguem liturgias (que seriam as teorias que são produzidas e reproduzidas no meio, regras e lemas) e, por isso, são chamados de “os litúrgicos”.

Boa parte das distinções, regras e rituais que compõe a parafernália do *BDSM erótico* são agrupadas sob o nome de *Liturgia*. Alguns aspectos da *Liturgia* são compartilhados pela *comunidade*, outros são criados num dado *Reino* ou *Domínio*, a partir de arranjos bastante específicos, que logram reconhecimento pela citação de convenções relacionadas ao poder, que podem ser reconhecidas tanto no *meio* como fora dele. (FACCHINI, 2008)

Os mais litúrgicos acreditam em regras que devem ser seguidas à risca e não são muito afeitos quando vêem que há outros que contestam esse caráter de liturgia, estes afirmam que cada um cuida da sua relação, cada um constrói e vivencia sua relação como bem entende, desde que seguindo o lema crucial, o SSC: são, seguro e consensual. Aparentemente, essa é uma das poucas opiniões que convergem, porque já que há práticas em grupo, em público, por isso mesmo há muita fofoca e divergências.

Os adeptos, em todo caso, se sociabilizam por meio de “lógicas sociais de interpretação e de construção da sexualidade, ou seja, maneiras de defini-la e usá-la que possam expressar através de representações e normas culturais, bem como por meio de modos de interação entre parceiros, modos de conhecimento de si mesmo” (BOZZON, 2004, p. 134). Aparece a importância da experiência, que está bem presente quando alguém vai ser identificado como praticante ou não, apenas curioso ou baunilha apimentado (são vários os estereótipos que podemos observar em campo). Há aprendizado social e aprendizado corporal, encenações de si e performances.

Como foi dito no início deste capítulo, não creio que o BDSM expressa apenas preferências e tendências sexuais, visto que há uma dimensão coletiva, na qual pode haver aceitação ou não de alguém como praticante/adepto. Existe preocupação com uma “troca de conhecimentos e administração coletiva dos riscos implicados nas práticas”, ou seja, há os “controles comunitários”, principalmente quando se trata de festas temáticas, nas quais alguns momentos são reservados para práticas em público, embora isso propicie “um campo de conflitos, fazendo com que os grupos se estruturam num equilíbrio tênue entre *vaidades*, *fofocas*, posições *isolacionistas*, debates de concepções, solidariedade e busca de respeito” (FACCHINI, 2008).

Há a produção de um “saber-fazer com o corpo - e com o corpo do outro – que não é imediatamente transmitido” (MELO, s/d), a necessidade de um aprendizado de si e de seus limites; um controle do outro e de si. O corpo é cuidadosamente manipulado em situações que “simula a violência, mas que, simultaneamente a afasta ou neutraliza” (GREGORI, 2005). O que o BDSM tem de transgressivo, além da aproximação de atos abusivos e de violência, são suas violações rituais, que são mais reconstruções simbólicas “de memórias de violações do eu” (MCCLINTOCK, 2003) do que violações da carne. Mas como o BDSM envolve negociação de fronteiras perigosas, qualquer violação dos limites, qualquer ato que exceda o consenso do outro é tido como

transgressão das “regras do jogo”<sup>36</sup>. Afinal, “não se pode nunca estar seguro de que não haverá exploração”<sup>37</sup>.

Havelock Ellis observa que... o S/M é tipicamente colaboração, envolvendo cuidadosos rituais de iniciação, uma escrupulosa definição de limites e uma constante confirmação de reciprocidade que pode vincular os participantes num êxtase de interdependência: abandono no momento mesmo da dependência. Mas como o S/M envolve uma negociação de fronteiras perigosas, qualquer violação do roteiro está eivada de riscos, enquanto que a fidelidade mútua à combinação cria uma intimidade de tipo muito intenso (MCCLINTOCK, 2003, p.10).

O blog *Dorei Fobofílica*, um dos dois blogs em que mais detive minha atenção, divulga informações sobre BDSM e tem como proprietária uma submissa, a qual vive uma relação de D/s heterossexual há mais de quatro anos. Ela e seu Dono se conheceram através de salas de bate-papo, na internet.

Em seu blog, *Dorei* (*nickname* utilizado por ela no meio virtual e BDSM) expõe suas opiniões sobre temas variados inseridos no meio: “Não aceito quando a sociedade, leiga que é sobre sadomasoquismo erótico, nos julga e condena sem conhecimento de causa... Meu propósito com este blog sempre foi o de tentar desmistificar o que praticamos do que é doentio e condenável...”.<sup>38</sup> A blogueira/submissa busca diferenciar, ao público *leigo em assuntos do universo BDSM*, o sadomasoquismo doentio do erótico, enfatizando de maneira pedagógica e informativa a importância da vigilância nas relações de dominação/submissão. Nesse sentido, os blogs podem servir como “escola para muitos adeptos”<sup>39</sup>

Dominadores e submissos verdadeiros não corroboram ou aceitam a ideia de que para submeter ou submeter-se pode-se praticar ou ser vítima da violência. A despeito da idéia pré concebida que o cidadão comum faz do *spanking*, na verdade ele é capaz de proporcionar e potencializar o prazer. É fato que o calor produzido pelo *spanking* percorre a pele como uma onda e

---

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> FOUCAULT, Michel. Uma entrevista: sexo, poder e política da identidade. Disponível no link: <http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537> (p. 266). Acesso em 13/11/11.

<sup>38</sup> Trecho de postagem disponível no link: <<http://doreifobofilica.blogspot.com/2010/12/mulher-e-seus-direitos-no-mundo.html>>. Acesso dia 14/11/11.

<sup>39</sup> Afirmação de Sybilla, em entrevista via MSN Messenger, sobre a importância dos sites e blogs como referência.

toma conta do corpo, fazendo com que os neuroreceptores fiquem muito mais sensíveis aos toques e carícias, não por acaso é que em algumas culturas orientais o ato de bater para estimular prazeres sensuais é amplamente aceito e difundido, basta ver o Kama Sutra que faz uso de vários instrumentos como chicotes e varas de bambu. No BDSM não é a força que importa, mas a constância, salvo quando é de desejo do(a) submisso(a) e da vontade do(a) dominador(a).<sup>40</sup>

Há homens assumindo papéis de dominação e muitos são mal interpretados como machistas, também acontecendo o mesmo com mulheres dominadoras/rainhas/*mistress*, embora haja os que realmente são machistas, e que se escondem por detrás da identidade sadomasoquista para colocar em prática tendências agressivas e violentas. O ato criminoso que estaria em contradição com o que o BDSM se define (no caso da consensualidade) seria a questão de o sujeito agir de forma violenta contra o outro, infligindo maus tratos. Embora o BDSM se defina pela ideia de consensualidade, não há a impossibilidade de uma situação ou ato que demonstre um abuso de poder, mesmo que não haja a intenção.

Tu sabe eu não acredito em submissão feminina... eu acredito em masoquismo feminino. porque eu acho que as mulheres dominam sempre. Não é sexismo não, sabe? Mas é porque elas dominam, elas conduzem... ex: uma dominadora pode ter varios escravos. [ já várias submissas] brigam tanto nas senzalas.. que os pobres [dos Dom's] tem que criar toda uma historia pra dar atenção a todas. os submissos raramente criam problemas nesse sentido. É a regra e pronto. O Roger não pode sair com alguém mas eu posso fazer o que quiser. Com quem quiser. Como quiser. no começo ele teve ciúmes.. lógico mas a gente brincava também com essa dor. Claro que a gente foi elaborando, afinando o que ele sentia. Ele dizia quando doía. Pedia a safeword...ninguém vence o ciúme, a vontade ou o desejo por decreto precisa ser elaborado. Eu só preciso que o escravo me diga os limites. Como uma página em branco. eu preciso respeitar as bordas, né? E essa noção é que me dá liberdade. por incrível pareça quanto mais claros os limites mais liberdade na relação. (Rainha Frágil)

São muitos os blogs de submissas, como de Dorei e Kitty, mas nem todos têm o mesmo propósito, nem o mesmo tipo de textos. Muitos são apenas de poesias e contos BDSM, ou de imagens, e tratam dessa subcultura de uma maneira romantizada. É bem diferente dos vídeos que mostram sessões BDSM.

As subs fazem mais blogs mesmo...não é impressão não...mas tem muitos de Dominadores também...homens...alguns são ótimos;...mas como deu para você perceber cada um tem uma visão...alguns mais outros menos litúrgicos...alguns mais hard..outros mais calminhos...não viu o do Sr Verdugo? É assim..ver é uma coisa..praticar é outra bem diferente...muitos tratam como uma fantasia boa...usam muito o figurativo do seu prazer...e

<sup>40</sup> Trecho de postagem disponível no link: <[http://doreifobofilica.blogspot.com/2011\\_08\\_01\\_archive.html](http://doreifobofilica.blogspot.com/2011_08_01_archive.html)>. Acesso dia 14/11/11

nem sempre na realidade é isso...é como chamar o sangue de fluido de prazer para uma masoca...me refiro as palavras nos blogs...pode parecer uma coisa romântica...e não ser bem assim na visão de alguém de fora se estivesse participado da sessão...as vezes você lendo imagina uma coisa mais sutil...e na verdade o real é diferente...(Sissa Switcher em entrevista via MSN Messenger)

Sou dos velhos tempos sou conhecida é que apareceu muita gente nova SM virou moda ai vc ve 300.00.00 blogs que não passam de dois posts nem sabem o que estão escrevendo não tem noção do que fazem O que é preciso acontecer é as pessoas pararem de confundir Dominação Com Sadismo Sou dominadora não sádica sou sádica em determinadas situações onde a outra parte me atrai muito o que aconteceu em raras ocasiões bem raras. (Sybilla, via MSN Messenger)

Como fora dito, há uma fronteira tênue entre violência e sadomasoquismo erótico, havendo um terreno escorregadio no qual estão prazer e perigo, lutando por uma expressão politicamente correta, afastada da violência. É muito importante para a subcultura a informação, ela faz do sujeito mais experiente, embora não seja definidora de competência, pois pelo que percebemos, o BDSM é feito de estudo, de apreensão de conhecimento e de prática, e, segundo muitos, não há prática sem que haja estudo, e nem estudo, se que se possa experimentar, acontece muito o que Sissa Switcher comentou, o fato de que “muita gente iniciante se diz Mestre...e na verdade ser um Mestre é já ter tido alguém para orientar..mas muitos não veem mais assim”. Sybilla comentou sobre algo que é muito perceptível no meio:

Não imagina como existe pessoas neste universo e são pessoas com formação acadêmica nada, de pessoas leigas ou sem idéia do que estão fazendo Não escolho parceiros, os escravos que tive foram pessoas com gostos em comum, acho inteligência afrodisíaco. Em São Paulo, a mentalidade é mais aberta, menos restrita. Logo aqui, não somos vistos de uma forma tão preconceituosa, já dominei psicólogos e meu terapeuta é podó<sup>41</sup>, só vou as sessões de sapato fechado. Ter fantasias é fácil, realizá-las requer muita coragem!

O BDSM parece ser, pois, uma cultura “escrita-prática” (LEVY, 2000), de certa maneira, visto que, as práticas eróticas sadomasoquistas podem ser representadas através de linguagens plurais: textos, poemas, contos, música, cinema, e assim, os sujeitos envolvidos acabam por cimentar lugares de reconhecimento social (BARBERO, 2009). Enfim, “refletir sobre práticas BDSM é entender o prazer e o desejo deslocados da genitalidade e muitas vezes dos corpos, é construir e vivenciar jogos de poder, prazer e dor em contextos consensuais” (FREITAS, 2010, p. 2).

---

<sup>41</sup> Abreviação de “podólatra”, alguém que tem fetiche por pés.

Gregori (2005) acredita que o SM opera mais no âmbito do mercado. Pude constatar um pouco dessa ideia quando visitei duas sex shops em Fortaleza, em dois locais diferentes da cidade, uma no Benfica, e uma no Meireles, nos quais pude encontrar acessórios para práticas SM, sendo a grande maioria são vendidos à preços não muito acessíveis.

Comento sobre isso, porque é perceptível que os utensílios, acessórios que são usados pra muitas das práticas SM são caros e, por isso, não são acessíveis para todos os públicos. Além do poder aquisitivo, outros fatores que influenciam muito no *status* de quem se identifica com o BDSM é a questão da informação, como fora dito, e da coragem de praticar, como disse uma das duas adeptas, Sybilla, que nos ajudaram a construir a pesquisa na disciplina de Sociologia do Corpo e da Sexualidade: “Ter fantasias é fácil, realizá-las requer muita coragem”.

*Sybilla* é o apelido de uma dominadora, também blogueira, que entrevistamos para o trabalho na disciplina de Sociologia do Corpo e da Sexualidade. Na ocasião, pretendíamos abordar representações identitárias no BDSM e procurávamos por blogueiras que se identificassem com a categoria *switcher*. A única pessoa que encontramos com a identificação “switcher” foi Sissa, através de seu perfil no Facebook. Em entrevista, ela me falou o que ser switcher para ela no meio BDSM significa:

A situação de um Homem Switcher é no fundo mais interessante, porque uma pessoa Switcher antes de tudo é submissa, tipo tem alma submissa e a Dominação preenche...então para um homem assumir que é Switcher acaba colocando a sua masculinidade em jogo... [Me identifico como switcher] por que gosto de me submeter e de Dominar...as duas coisas me dão prazer... eu tenho um submisso que me serve...no momento não tenho um Dono... tenho um Mestre que tenho sessões avulsas...mas não é meu Dono...é assim...não podemos nos submeter a qualquer um só para falar que temos alguém...eu prezo muito o respeito...a confiança...a hierarquia...a entrega de ambas as partes...por isso temos que ter afinidades...como em qualquer relação baunilha...as vezes até mais afinidades...pois é uma entrega total... tem preconceito sim...não gostam de admitir..mas o SW é visto como em cima do muro por muitos... não é só o pessoal litúrgico...tem muitos litúrgicos que respeitam sim...isso independe da liturgia...no caso de entender a mulher como sexo inferior estaria falando dos Goreanos... eles seguem regras diferentes...tem regras na cidades que cada um pertence...em Gor não existe Domme ou Rainha...então nada de SW...

Encontramos o blog de *Sybilla* e, antes de ler com mais atenção, e conversar com ela, achávamos que se tratava de uma *switcher* devido à descrição do blog e a última postagem na época sobre *Switchers*. Mas conversando com *Sybilla*, ela falou

que em sua opinião, os *switchers* são os melhores porque “vivem o prazer em sua plenitude, se encontram algum dócil dominam se encontram alguém forte sucumbem. Não sei fazer isso. Apenas domino e domino. Infelizmente por conta de muitas pessoas novas no meio se confunde dominação com falta de educação e inteligência”.

Outro fator que é observado é a fluência em grupo, a presença em encontros, festas, play BDSM. Regina Facchini (2008) e Marília Loschi de Melo (2010) realizaram etnografias em festas identificadas como “comunidade SM e fetichista”. Interessante, nesse ponto, falar da questão da diferenciação entre play e a realidade, jogo/cena e a vida cotidiana. Há várias questões que giram em torno da divisão entre vida bdsm e vida baunilha. Um dos fatores que identificam a necessidade dessa demarcação são os apelidos, que é uma marca social e isso faz com que se processe também a entrada no grupo. Conversando com Rainha Frágil sobre os apelidos que havia observado em campo, se há alguns com o mesmo nome, já que há tantos adeptos, ela disse que

Ah é que nem vários com o mesmo nome né? rs.. cada um tem sua identidade. Rainha Frágil só uma vez foi copiado, mas foi uma menina nada a ver nem com o meio... o apelido do Roger era "pequena kelly" que era humilhante e tal... mas uma hora eu encanei que eu queria que ele fosse homem... tivesse nick de homem... e fiquei mais confortável e acho que ele também... mas já tive escravo "cãozinho"... é bem básico.

Regina Facchini (2008) realizou etnografia no Clube Dominna, atualmente um dos clubes de mais referência no meio.

No período em que realizei campo, o Dominna era uma das poucas referências nacionais. Assim, pessoas de outras cidades e estados se correspondiam pela *internet* e, eventualmente, viajavam para se conhecer no Clube. Quando o Clube ou a vivência do BDSM *em comunidade* não é uma referência, o contato pela *internet* também leva a viagens e a encontros em espaços semi-públicos ou privados. Assim, não é raro encontrar relacionamentos entre pessoas de cidades e, até, estados diferentes.

(...) As atividades realizadas nos clubes BDSM que conheci em São Paulo dividiam-se basicamente entre: propiciar espaço para o encontro e o diálogo de pessoas praticantes ou interessadas no tema; oferecer *workshops* e debates visando aprimorar as práticas e o domínio da *filosofia* do *BDSM erótico*; oferecer espaço para práticas supervisionadas; e organizar festas para congregar os integrantes da *comunidade*.

O que pretendemos explicitar é como a internet pode auxiliar na divulgação do BDSM, dos encontros, das vivências em grupos, bem como os blogs podem servir como referência e espaço para descriminalizar as práticas e os sujeitos envolvidos.

## **CAPÍTULO 3 – UM UNIVERSO CHAMADO BLOGOSFERA, PERSONAGENS E PRÁTICAS DE INTIMIDADE NO BDSM, E ESCRITA NO CIBERESPAÇO**

“As relações online não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço” (Pierre Levy, 2000: 128)

### **3.1 Conectando-se à Blogosfera**

Durante a pesquisa, tentei adentrar em dois universos, um tão complexo e repleto de particularidades quanto o outro: o BDSM e a Blogosfera. No capítulo anterior, o leitor teve a oportunidade de conhecer uma parte do que conheci em campo, por meio de interpretações e vivências dos sujeitos da pesquisa e dos autores citados. Neste capítulo, pretendo abordar o que percebi do outro universo, a Blogosfera, construindo o texto com ajuda de alguns autores.

Montardo e Passerino (2006) definem Blogosfera como sendo “tudo o que circula no mundo dos blogs” (p.1), já Herrera e Passerino (2008) definem como “termo coletivo para englobar todos os blogs, formando uma grande rede entre os atores sociais, sendo em si, mais do que a soma das postagens coletivas de todos os blogueiros; um fenômeno social” (p.4). Os blogs são páginas virtuais nas quais há publicação constante de textos e imagens, que estão organizados em uma ordem cronológica reversa, em formato de postagens ou posts, do mais recente ao antigo, e que são escritos para públicos variados, buscando, em alguns casos, uma determinada audiência (os seguidores/leitores), que vai ser designada de acordo com a temática do blog.

Funcionando como ferramentas de fácil utilização e atualização, é também um suporte de micro-conteúdos que podem ser atualizados constantemente. Comporta vários autores, se for o caso, e geralmente são abertos a qualquer um que queira seguir e comentar, embora em alguns blogs os proprietários acionem uma ferramenta que faz com que os comentários passem primeiro pela moderação do dono do blog. Nesse sentido, os blogs possibilitam a transmissão, propagação e perpetuação de informações, podendo reconstruir e reconfigurar identidades (HERRERA, PASSERINO, 2008).

Amaral, Recuero e Montardo, em artigo (2008), falam sobre o blog como ferramenta de comunicação, podendo causar um impacto social:

Weblogs, assim, são ferramentas de publicação que possuem, também, um impacto social auxiliando na construção de estruturas sociais através das trocas de comentários e conversações. Essas trocas de links por blogueiros, que podem acontecer nos comentários, nos blogrolls e mesmo nos textos das postagens, são frequentemente também analisadas como conversação. Essas conversações podem, assim, ser indicativos de capital social, de comunidades virtuais e webring e etc.

De acordo com Pierre Lévy (2000), “uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (p. 127) e é exatamente isso que a rede de blogs cria. Essa criação de comunidades virtuais muitas vezes, principalmente através dos blogs, faz-se a partir do momento em que o leitor se insere, muitas vezes inconscientemente, como membro desse processo de interação. Digo que agem inconscientemente porque, seguindo um blog, nem sempre os sujeitos se dão conta dos vínculos que estão formando: eu mesma, quando criei meu primeiro blog passei por isso, de sempre estar me surpreendendo quando via que as mesmas pessoas que me seguiam, ou que eu seguia, eram leitores dos blogs que eu também seguia etc. Cito como exemplo a rede de blogs eróticos na qual me inseri, onde é muito comum ver pessoas seguindo umas às outras, ou geralmente são as mesmas pessoas que comentam nas postagens. Assim, percebi que as pessoas se conhecem por meio dos blogs que isso é muito frequente. O ato de seguir blogs, de comentar nas postagens e acompanhar as atualizações destas pode criar inclusive o ciberespaço, que se trata “de um espaço virtual de interação social que se configura ao mesmo tempo como resultado e agente potencializador da dinâmica de inovação-informação-inovação” (VIGGIANO, LAUDARES, s/d).

Existem blogs sobre os assuntos mais variados, alguns possuem vários autores e a quantidade de seguidores varia de acordo com a simpatia e competência, digamos assim, do autor. Mas não só em relação ao que este posta em seu blog ou do assunto que trata, mas também (e creio que é um dos fatores mais importantes na blogosfera), da lógica da reciprocidade. O blog é enxergado como um local, um espaço, como sendo “um cantinho” e o ato de *linkar* outro blog, por exemplo, é a mesma coisa que criar um vínculo entre os blogs e, conseqüentemente, entre os autores. Linkar um site ou blog,

comentar sobre alguém ou algum outro blog em uma postagem, visitar constantemente outros, e ser um leitor e comentador assíduo, de certa maneira, traz maior visibilidade para si e à página virtual, tornando esta e o autor uma referência no meio, além de ser uma maneira de obter reconhecimento, de ser mais lido por outras pessoas, que não necessariamente tenham um blog também. Quanto mais interatividade, mais informação é compartilhada e, mais comunidades são criadas e mais pessoas são atraídas. Existe a preocupação da imagem que um sujeito representa para os outros blogueiros, e o peso disso se sente na quantidade de postagens, de seguidores, número de acessos e de visitas. Tanto que alguns têm apenas postagens esparsas ou no máximo duas ou uma só postagem, por falta de seguidor, de público, o autor acaba desistindo de levar adiante. Uma prova dessa preocupação é que muitos blogueiros (e isso acontece com algumas das blogueiras da pesquisa) comemoram criando selos, por exemplo, quando há um determinado número de acessos, quando o blog completa “anos de vida” ou até mesmo quando se chega a um determinado número de seguidores. Mas isso não define o alcance e nem o impacto de um blog ou do assunto abordado. Os blogs também são meios pelos quais podemos sentir a força da regulamentação coletiva, justamente pela forma como o espaço é utilizado, quanto às vivências e debates que são suscitados nas postagens, pelos autores e os comentários dos internautas.

Figura 8 - Estrutura do blog Dorei Fobofílica



Fonte: Blog Dorei Fobofílica (2011)

A figura acima mostra a estrutura de um dos blogs observados na pesquisa, o Dorei Fobofílica, já citado no capítulo anterior. Essa imagem é um print que fiz do blog e foram inseridas algumas setas para demonstrar as partes principais da estrutura do blog.

A maioria dos blogs observados tem a mesma estrutura: na seta branca temos a descrição do blog que, no caso dos dois blogs que serão observados a seguir, contém a ideia central da página virtual, o objetivo das postagens; a seta rosa menor indica uma lista de links de postagens anteriores, que é muito comum, mas geralmente, aparecem ao lado, no chamado *blogroll*, no espaço onde a seta rosa maior está localizada, esta apontando para uma lista de blogs pessoais da mesma blogueira. Neste espaço, geralmente há os links para outros blogs; a seta verde indica o espaço da postagem, mas está apontada para seu título. Percebemos que há a data na qual o texto foi postado, mas nem todos os blogs apresentam marcador de data em suas postagens. Um exemplo é o blog *Miados, Lambidas e Arranhões BDSM*, de Princess Kitty, que também será comentado a seguir.

É inevitável a sensação de comunicação sem fronteiras e de pertencimento a grupos e comunidades, sensação visto que postagens antigas e recentes podem estar disponíveis em um mesmo espaço. “A multiplicidade e o entrelaçamento radical das épocas, dos pontos de vista e das legitimidades, traço distintivo do pós-moderno, encontram-se nitidamente acentuados e encorajados no ciberespaço” (Levy, 2000, p. 121). Mas essa disponibilidade pode incorrer em mal-entendidos, assim como em qualquer interação face a face, más interpretações e conflitos provenientes de mal-entendidos entre leitor e escritor, personagens que nunca são só ativos ou passivos na interação virtual.

A Blogosfera está inserida em outro universo ainda maior, o da internet, também designado por ciberespaço. Pierre Lévy (2000) define o ciberespaço como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores” (p. 17), que produz e, de certa maneira, preserva ciberculturas<sup>42</sup>, que, ainda de acordo com Lévy, são

---

<sup>42</sup> Embora a internet não ofereça garantias de que haverá preservação do material compartilhado, visto que durante o processo de pesquisa de campo, mais precisamente no período março-junho de 2011, nos deparamos com o sumiço de alguns blogs, e de dezembro a março de 2012, o sumiço de alguns perfis do Facebook, como o do Escravo Roger, que até onde sei e pude presenciar, fora excluído duas vezes. Esses sumiços podem ser interpretados como interdições na dinâmica das redes de contato, de compartilhamento de informação.

o “conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2000, p.17). O BDSM e a blogosfera fazem parte disso, e são exemplos de culturas (ou subculturas) que se estabelecem no e pelo ciberespaço, mas também se alongam para “o real das interações cotidianas” (LÉVY, 2000, p. 112). A elaboração e produção de conhecimentos provenientes dessas ciberculturas nos remetem às novas relações com os saberes, os quais se encontram em expansão, principalmente por meio das redes sociais virtuais, das novas tecnologias de informação. A internet, assim, proporciona a interatividade entre cultura, sociedade e tecnologia (LEVY, 2000, p. 22-23). Nesse sentido, tanto a internet como os blogs podem ser vistos como artefatos culturais:

Um artefato cultural, para evitar qualquer confusão, pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados produzidos por uma comunidade de ideias. Um artefato cultural é um símbolo de comunhão (no sentido não-violento, não-religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas auto-referências e narrativas mutuamente definidoras, mais do que criar uma narrativa mestra linear. (...) [sua legitimação se dá] pelas práticas vividas das pessoas que os criaram (SHAH, 2005, *apud* AMARAL, RECUERO, MONTARDO, 2008).

As blogueiras que me ajudaram a construir essa pesquisa criaram seus *blogs* por motivos diferentes, vivenciam suas vidas de maneira diversa em relação ao BDSM e é notável que cada uma tenha sua opinião que se reflete na estrutura e no conteúdo dos blogs. Umhas criaram as páginas virtuais por incentivo de amigos, outras porque sentiram vontade de ter onde guardar seus textos, suas experiências em algum local e, ao mesmo tempo, compartilhar com outras pessoas. Além do que, foi através da internet que umas tiveram sua iniciação no BDSM. Sendo assim, elas contribuem na reconfiguração virtual de informações, certamente sendo referência pra outras pessoas que venham a ter interesse por BDSM ou algumas práticas inseridas nesse universo. É tanto que são as já citadas blogueiras na presente pesquisa.

O BDSM teve mais divulgação por causa do uso da internet. Portanto, o ciberespaço, ou internet, seria um espaço de aquisição de conhecimento, tanto para os próprios praticantes, como para os curiosos, como eu, etc. Assim, novos espaços de vivências são criados, há possibilidade de expressão de novos interesses e necessidades,

novos relacionamentos, reconfiguração de novas identidades e, como não poderia deixar de ser, há o aparecimento de novos conflitos.

### 3. 2 Observando e comentando blogs

Na maioria dos blogs, apenas fiz observação porque não estavam diretamente ligados à ideia de desmistificação do sadomasoquismo erótico, como os de Dorei Fobofílica e Princess Kitty. A grande maioria possui postagens diversas sobre filmes ou música, poesias e poemas, contos eróticos BDSM ou apenas fetichistas, ou ainda postagens esparsas sobre algumas práticas e temas do meio. Antes de comentar os dois blogs que mais interessam à discussão, citarei alguns que observei em campo, inclusive, comentarei sobre estes.

O blog Dorei Fobofílica, surgiu do fato de Dorei sempre ter gostado de escrever em cadernos e sua família e amigos admiravam o que ela escrevia. O incentivo de criar o blog veio do marido e o fato de o blog tratar de BDSM “foi por ser meu assunto do momento. As ideias são de experiências próprias ou relato de amigos e também de muitas pesquisas em sites diversos, daqui e de fora do Brasil”.<sup>43</sup>

Uma das muitas curiosidades em relação à estrutura dos blogs era justamente sobre como as blogueiras escolhem os temas das postagens, como ocorre à composição dos textos, a escolha da aparência do blog, que parece ser uma maneira de se diferenciar e personalizar o espaço. Dorei disse que:

Os temas escolho geralmente com no máximo 2 dias antes de postar, não faço um programa, escrevo de acordo com meus sentimentos e pensamentos atuais, com o que aprendi lendo sites, principalmente europeus que traduzi, fonte para encontrá-los, o Google, a partir de palavras que eu lia e não entendia o que eram. Continuo lendo constantemente, ávida de aprender (sic). O nick, foi da mesma forma, desde o começo lendo, descobri duas palavras que identificavam meus fetiches, desejos e tendência e nada mudou em mim, dorei, como você já deve ter lido, significa praticante passiva de shibari, que é a arte de amarrar japonesa e fobofília é a parafilia dos que sentem muita excitação com o medo, chegando ao orgasmo na maioria das vezes. Então o apelido surgiu logo nas primeiras pesquisas e nas primeiras entradas no chat. O blog criei por incentivo do meu marido, que passou anos me vendo escrever em cadernos e quase ninguém tomando conhecimento do que eu escrevia.

Os textos são escritos depois de reler sobre o tema que me deu vontade, como agora a noite senti vontade de falar de quebra de limites, vou estudar mais antes de escrever e fazer mediante meu ponto de vista, como sempre. O

---

<sup>43</sup> Em entrevista do dia 28 de abril de 2011.

layout mudei várias vezes, mas sempre rosa, sempre de flores, eu os procuro pelo Google imagens, não gosto daqueles prontos, monto cada detalhe, apenas no Natal usei um vermelho e dourado, não gosto de fundo preto, acho mesmo agressivo e o sadomasoquismo já é um assunto tão forte, para que pesar ainda mais?<sup>44</sup>

Dorei possuía, no período de conclusão deste trabalho, cinco blogs e em um deles, escreve contos eróticos.

Eu escrevi uma coisa enorme que agora é que está chegando no ponto em que parei e vou finalizar. Estou colocando lá em partes mas como tem que revisar, mas quando reviso sinto vergonha do que escrevi...Sei lá me acho devassa. Eu escrevo sob pressão por determinação dele. Ele me fala 'trocentas' sacanagens e depois me manda escrever algo. Diz que quer ler no dia seguinte cedo... sempre escrevemos contos. Eu nem sonhava em blog, colocávamos num site de contos eróticos. Eu lá era Pétala do Kadu.<sup>45</sup>

Diferente do blog de Dorei e de Kitty, os quais são nas cores rosa, o blog de Dark Mistress é preto com um toque *vintage*, meio gótico. A cor escolhida pra o blog também faz parte da identidade que a blogueira quer passar, não só o que ela fala de si ou a maneira como escreve, como trata seus leitores.

[Criei meu blog] para deixar guardado o que penso e sinto. Sem nenhuma pretensão maior. Quando fiz o blog, fiz pensando em mim, no que eu gosto, penso e sinto. Jamais pensei em terceiros. No entanto, que antes eu tinha escrito no perfil mais ou menos assim: " Aqui é o MEU espaço! Onde eu faço o que EU quero e como quero." E é bem assim que eu penso. <sup>46</sup>

Sobre o layout do blog, escolhi essa coisa "dark", pq desde os 12 anos uso muita roupa preta, quando maior de idade vivia no Madame Satã (uma casa gótica de SP que infelizmente não existe mais). Então é algo que eu me identifico, mas isso não quer dizer que sou uma pessoa baixo astral. Bom humor pra mim é fundamental... O blog é do jeito que é, pq eu sou assim, pq eu gosto dessas coisas, não como algo pra agradar ou chamar a atenção dos outros.... Acabo às vezes passando uma impressão de brava, pq sou séria. Então quem não me conhece confunde um pouco com ser/estar brava. Mas eu sou uma pessoa tranquila, apesar de um tanto mandona... E escravo comigo não tem vez! Não mimo mesmo, trato como deve ser tratado. Assim que é, assim Eu SOU. <sup>47</sup>

No blog *Dark Mistress, The Dungeon*<sup>48</sup>, a autora se identifica como dominadora. Em seu perfil, ela se define como: "Dominadora de corpos e almas! BDSM pra mim é

<sup>44</sup> Entrevista por e-mail, dia 1 de maio de 2011.

<sup>45</sup> Em entrevista via MSN Messenger, dia 3 de maio de 2011.

<sup>46</sup> Dark Mistress, em entrevista por e-mail, dia 3 de junho de 2011.

<sup>47</sup> Dark Mistress, em email do dia 6 de junho de 2011.

<sup>48</sup> Link: <http://darkmistressthe dungeon.blogspot.com.br>

algo muito sério, intenso e apaixonante. A procura de um *partner* à altura, se é que um escravo um dia pode chegar perto da perfeição de uma *Domme*. Práticas que aprecio: dominação psico, spanking, bondage, humilhação, inversão, feminização forçada, tickling, facesitting, golden shower, castidade forçada e privação de sentidos.” É interessante comentar que seu blog é mais constituído por preferências dela, por imagens colhidas do Google imagens, por lugares e videos e imagens que chamem a atenção dela. Diferentemente das outras blogueiras, inclusive, não é tão presente os discursos de legitimação do BDSM como algo que se distancia do chamado “sadomasoquismo criminoso”.

Figura 9 - Home Page Blog "Dark Mistress The Dungeon"



Fonte: Blog Dark Mistress The Dungeon (2011)

Cheguei a entrar em contato com ela por e-mail, mas trocamos poucas informações, não tanto sobre o blog, mas sobre o BDSM. Ela possui outros blogs, um dos quais ela considera ser “o blog vanilla” ou baunilha, como se referem às vidas fora do contexto do BDSM<sup>49</sup>. Há outro blog do qual ela fazia parte, um blog sobre BDSM, que até o final da elaboração desse trabalho, havia voltado à ativa; aparentemente, este blog tem como objetivo abordar o BDSM de forma didática, intitulado “BDSM for Young’s”<sup>50</sup>. O blog *BDSM for young’s* traz a ideia de que as postagens são direcionadas aos iniciantes, mas ela não é a única autora do blog: seu Nick no blog aparece como

<sup>49</sup> O blog se chama “Meu outro eu”, no qual a primeira postagem data de 13 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.euvanilla.blogspot.com/>>.

<sup>50</sup> No blog “Dark Mistress The Dungeon” havia referência a esse blog em postagem do dia 20 de maio de 2009.

*Lady Heather* - *†Dä®k M;§†®ë§§†* - *A Mistress*, além de ter a co-autoria de sua irmã, também do meio BDSM, *Vênus em peles* - *A Switcher*, o *escravo dante* e o *Der Charmeur* - *O Mestre sádico*. O que mais chama atenção, além do objetivo do blog de ser para “young’s”, para iniciantes, é a maneira como cada um dos personagens se coloca, pois cada um escreve à sua maneira. O perfil de Dark Mistress contém o mesmo texto de seu blog; os outros personagens se identificam da seguinte maneira: *Vênus em peles* afirma que “Ser switcher é se arriscar, se aventurar profundamente em seus desejos. Paga-se um preço alto no meio BDSM por ser quem és, mas cada nova experiência é incrível. Lembro-me desde sempre de gostar de ser desejada, amarrada e forçada. Lembro-me desde sempre de desejar, manipular e humilhar. Eu sou aquela que seduz. Eu sou aquela que é seduzida.”; *escravo dante* se diz ser “Iniciante nesse nosso mundinho. Ávido a aprender e compartilhar suas dúvidas e experiências”; e *Der Charmeur* como “Mestre não é somente aquele que ordena e bate. Mestre é aquele que sabe cuidar na mesma medida que sabe bater, que sabe falar e escutar durante o dia, na mesma medida que sabe ordenar em uma sessão, sabe se importar, na mesma medida que já desprezou, é aquele que zela, cuida e se importa, pois sabe o valor e a importância de escutar ‘eu sou sua!’.”

Figura 10 - Blog BDSM for young's



Fonte Blog BDSM for young's (2011)

Vasculhando o blog de *Dark Mistress The Dungeon*, encontrei uma postagem que fazia menção a outro blog dela, este por sua vez para imagens das sessões com seus escravos, com fotos pessoais e assinadas por ela mesma<sup>51</sup>.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://www.darkmistresspictures.blogspot.com/>>.

Figura 11 - Blog Dark Mistress Pictures



Fonte: Blog Dark Mistress Pictures (2012)

O blog tem estrutura simples, modelo simples com imagem de fundo de um fotógrafo e sua câmera, que faz alusão ao propósito do blog: a postagem de imagens de sessões pessoais da *Mistress* e seus escravos. Como no blog principal dela, há links para outros blogs, os que ela intitula “Minha lista de blogs”, bem como um contador de visitas no site, o que pode ser adquirido por qualquer um no formato de aplicativo em HTML e um atalho para o blog principal, além de alguns marcadores de postagens, como: acessórios, *clamps*, Dark M., dildos, Double session, entrega, escravos, humilhação, inversão, mamilos, materiais, máscaras, pau, poney, pés sapatos, *spank*, terrina, tortura, twins (ela tem uma irmã gêmea que também pratica SM e é switcher<sup>52</sup>, a já citada *Vênus em peles*), velas.

Em uma postagem do dia 10 de novembro de 2011, em seu blog pessoal, ela faz menção a uma entrevista publicada em outro blog, o *Erótico e Profano*<sup>53</sup>. Isso demonstra o interesse que desperta blogs como os dela sobre o assunto. Há muitos blogs que não têm apenas a temática do BDSM, mas que geralmente abrem espaço para o assunto, como o blog *Pensamento Indecente*<sup>54</sup>, que aborda assuntos variados sobre sexualidade.

<sup>52</sup> Ela identifica-se assim, pelo menos no perfil do blog.

<sup>53</sup> Link do blog: [http://eroticoprofano.blogspot.com/2011/11/blog-da-semana-httpwwwdarkmistressthehu\\_07.html?zx=7443d0cc1aca556d](http://eroticoprofano.blogspot.com/2011/11/blog-da-semana-httpwwwdarkmistressthehu_07.html?zx=7443d0cc1aca556d). A entrevista está em anexo.

<sup>54</sup> Link: <http://www.pensamentoindecente.com/>

Lady Vulgata, apelido de outra blogueira e praticante de BDSM que entrei em contato durante a pesquisa, é dona do blog *Confissões de uma Mistress*, no qual utiliza uma aparência leve nos tons de rosa claro e um pouco mais aproximado do Pink. Ela criou o blog por motivos diversos dos das outras:

Bem, comecei o blog por causa do Monstrinho, meu amigo Marcelo (MZ Submisso) que foi meu sub por quase dois anos. Ele quis reativar o blog dele e eu resolvi fazer o meu. Daí comecei a falar sobre um pouco de tudo, mas principalmente sobre nossas descobertas, sentimentos, as chegadas dos irmãos de coleira, os amores e suas interações, etc. (*sic*) (email recebido dia 3 de junho de 2011).

Figura 12 - Blog Confissões de uma Mistress



Fonte: Blog Confissões de uma Mistress (2011)

Observando os textos nos blogs, os temas que são escolhidos para as postagens, e as discussões que são levantadas é possível perceber uma grande ênfase em se destacar como são postos os papéis nas relações, como são as interações tanto dentro do contexto BDSM como na vida cotidiana; isso nos leva a pensar como fica a diferenciação entre as duas identidades colocadas em foco: a submissa em relação a seu Dono e a mulher que, muitas vezes, não tem como namorado e/ou marido o parceiro de práticas S&M.

Rainha Frágil também tem dois blogs, um da Loja Via Libido Sex Shop<sup>55</sup>, o qual não tem apenas postagens relacionadas aos produtos ou eventos promovidos pela loja, mas sobre assuntos diversos, relacionados a erotismo, sexualidade, relacionamento,

<sup>55</sup> Link: <http://www.cronicasdeumsexshop.com.br/>

assuntos que muitas vezes são pedidos por seus clientes, e o outro<sup>56</sup> que compartilhava com Escravo Roger RF, mas a última postagem data de dezembro de 2009.

O blog *Entrega e Submissão*<sup>57</sup> é um dos mais “pesados” de todos os que eu observei, pois há imagens da própria submissa em sessões de self Bondage. O conteúdo do blog é mais leve, no sentido de que as imagens apenas ilustram postagens que geralmente são poemas, poesias e textos diversos de vários autores. As imagens são indescritíveis, e creio que o leitor saberá bem do que estou falando ao acessá-lo. Este blog é um exemplo, dentre as dezenas de blogs que visitei.

Figura 13 - Blog Entrega e Submissão



Fonte: Blog Entrega e Submissão (2012)

Na maioria das vezes, as autoras dos *blogs*, principalmente quando se tratam de *blogs* eróticos, não criam um perfil com seus nomes reais, mas com nomes fictícios, que aludem a alguma característica desejada, como exemplo temos Princess Kitty e toda sua construção da personagem felina, gatinha e meiga, mas nunca mostrando nada que a identifique; assim também acontece no meio BDSM, no qual as pessoas não se identificam com seus nomes reais, mas através de apelidos; é muito comum encontrarmos apelidos os mais diversos, que muitas vezes se repetem. “Mais do que proteger o nome socialmente reconhecido do adepto, o apelido procura passar uma ideia de suas tendências e posições dentro do BDSM...são alcunhas que já trazem embutidas

<sup>56</sup> Link: <http://rainhafragil.wordpress.com/>

<sup>57</sup> Link: <http://entregaesubmissao.blogspot.com/>

em si, uma série de referências, ainda que implícitas ou subjetivas” (Leite Jr.: 2000, 24). A essa afirmação podemos exemplificar com o apelido “Rainha Frágil”, um pouco contraditório posto que diz respeito a uma dominadora muito conhecida no meio.

Demorou um tempo pra juntar Elisabeth e Samia e virar tudo Rainha Frágil...esse nick tem tantas explicações e faz tanto sentido.. é que as pessoas vão ainda naquele estigma da rainha poderosíssima. Eu desde sempre teimei que sou pessoa. Rainha e pessoa. Sim é a forma como eu me posiciono no meio BDSM, é a Samia, frágil é a Beth, a pessoas e seus combates diários a Samia ensinou a Beth a ficar em cima do salto... mas foi um aprendizado... (Rainha Frágil, em conversa via MSN Messenger, dia 12 de novembro de 2011).

O que ajuda na composição dos personagens, além do apelido e do conteúdo postado, é o layout do blog, a maneira como o blogueiro se porta, retribuindo visitas, seguindo seus seguidores, enfim, interagindo, desdobrando-se, seja por meio do próprio perfil do blog ou por outras redes sociais, como Facebook e Twitter, ou até mesmo o MSN Messenger.

### **3.3 Práticas e personagens no BDSM**

Era noite do dia 13 de abril de 2011. O cenário é familiar: a sala de casa, meu computador, ao lado do sofá, que sei que não usarei. Sento de frente ao computador e se processa o ritual: ligo o estabilizador, a CPU e depois o modem: são acionados apenas três botões. Espero alguns minutos, sempre com impaciência. Já é tarde, quase madrugada e o silêncio me ajuda a pensar, a raciocinar. Escuto o som do Windows 7 iniciando e acesso à internet. Com ajuda do mouse, cliço no ícone do navegador, aparece a página do Google e vejo, acima, uma lista de sites que “favoritei”; percorro a lista com olhos atentos e encontro o endereço de um blog já conhecido: Dorei Fobofílica. Cliço na mensagem que avisa que o blog tem conteúdo impróprio para menores de 18 anos. Pronto. Estou em campo.

Figura 14- Página de aviso sobre conteúdo do Blogger



Fonte: Blogger (2011)

O que me separa do objeto de pesquisa é o “aviso sobre conteúdo”, que vem informar que estou adentrando em um lugar no qual preciso confirmar que estou ciente de onde estou pisando. Basta um clique e estou em contato com universos que não posso conhecer em apenas uma noite, uma visita, apenas observando. Posso escolher não continuar, visto que o conteúdo me é estranho e, agindo assim, estaria entrando em contato com o desconhecido. Arrisco-me. O que poderia me acontecer? A primeira parada está diante de mim, ao alcance dos dedos.

Figura 15 - Selo "conteúdo adulto"



Fonte: Blog Miados, Lambidas e Arranhões BDSM (2011)

Deparo-me com o banner do blog em questão, o qual exibe imagens sensuais de mulheres e uma descrição logo abaixo, a qual informa do que trata o blog: sadomasoquismo erótico. Na descrição do blog nos deparamos com o seguinte texto:

A intenção é falar sobre a diferença que há entre o sadomasoquismo erótico, que só faz bem a quem pratica; e o sadomasoquismo doentio e/ou criminoso, dar minha simplória opinião sobre o tema a quem o desconhece e desejar saber algo, no intuito de desmistificar o assunto junto a sociedade leiga que só faz discriminar sem procurar saber de verdade. Me divertir na blogosfera também, claro! (risos).

Percebemos logo a necessidade de demonstrar aos leitores e possíveis leitores, o lado benéfico do sadomasoquismo, dando enfoque ao combate do “sadomasoquismo doentio e/ou criminoso”. Essa questão de desmistificar o BDSM junto à sociedade vem do fato de que às práticas sadomasoquistas geralmente estão associadas aos perversos, doentes e criminosos, pessoas que têm hábitos bizarros. Tendo esse caráter de contestação de normatividades impostas pela sociedade, dentro do BDSM há também espaços de contestação das idéias que circulam nas comunidades e os blogs servem inclusive como meio de veículo de idéias. E novas possibilidades de interações entre os membros.

Figura 16 - Banner Blog Dorei Fobofílica



Fonte: Blog Dorei Fobofílica (2011)

Este foi o primeiro blog que escolhi para ser observado (na época, para o trabalho de Prática de Pesquisa II), o Dorei Fobofílica<sup>58</sup>, que além de ser muito

<sup>58</sup> Link: <http://doreifobofilica.blogspot.com/>

interessante no sentido de que há muitas considerações sobre o “verdadeiro BDSM”, de ter como objetivo diferenciar o sadomasoquismo criminoso do sadomasoquismo erótico e de haver poucas postagens; portanto seria mais fácil de acompanhar as atualizações. Comecei a ler as postagens do início<sup>59</sup>, ou seja, de trás para frente.

Uma das primeiras curiosidades sobre o blog era o motivo de escolha do título, que mais tarde descobri ser o apelido usado pela autora do blog. Logo se encontrava a explicação<sup>60</sup>: o apelido estaria relacionado às práticas preferidas dela. *Fobofilia*<sup>61</sup> (prática de obtenção de prazer através do medo) e *Shibari*<sup>62</sup> (arte japonesa de amarração e dominação erótica). *Dorei* seria “a profissional que faz o papel de ‘subjugada’ nas performances dos mestres, por isso é chamada de dorei (escrava ou serviçal em japonês) e, como atriz dramática que é, simula uma servidão imaginária ao mestre”.

Há duas postagens no blog que explicam o apelido. Sendo assim, ambas se complementam, pois além de explicarem o apelido, explicam algumas das práticas que estão representadas pela sigla BDSM: Bongage e Dominação/Disciplina. Creio que daí, já podemos perceber indícios de uma construção da personagem Dorei Fobofílica.

Fobofilia pode ser uma delícia, muitos sentem excitação com o medo, aliás, dentro das práticas sadomasoquistas, todos vivemos este prazer ao menos em pequena escala, sejam submissos ou dominadores, afinal, o medo de cometer um erro com o submisso em seu poder durante uma sessão não deixa de ser uma excitação para o dominador. Porém é o submisso que fica com a melhor parte quando tudo funciona. Mas fobofílico mesmo é aquele que obtém orgasmos por meio desta sensação de medo, seja durante a ação ou imediatamente o término dela. É preciso salientar que não existem duas pessoas idênticas, o mesmo se dá com os medos de cada um, não são iguais nem mesmo dentro do mesmo indivíduo, uma pessoa que sente medo, sente medo de diversas formas, e seus medos não são sempre prazerosos, é preciso que o dominador conheça profundamente o submisso e tenha grande conhecimento de sua história de vida, que saiba definir o que será prazeroso e o que pode causar uma seqüela mental que pode ser irreversível, fobofilia é uma parafilia que inevitavelmente passa pela dominação psicológica intensa. Alguns sentem prazer além do medo, quando sentem ódio, mas isto pode passar do limite e o limiar entre o que é bom e o que é ruim é tênue. O pavor além do limite, pode desencadear uma reação perigosa, se a pessoa dominada estiver solta, pode atacar o dominador e se estiver presa, pode ficar com

---

<sup>59</sup> A primeira postagem era do mês de outubro de 2010.

<sup>60</sup> Em postagem do dia 28 de outubro. Disponível em: <http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010/10/o-que-e-fobofilia.html>. Acesso em: 13 abril 2011.

<sup>61</sup> Ver Glossário.

<sup>62</sup> Em postagem do dia 29 de outubro de 2010. Disponível em: [http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010\\_10\\_01\\_archive.html?zx=7f24bdb58478ce0](http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html?zx=7f24bdb58478ce0). Acesso em: 5 abr. 2012.

grave seqüela mental, mesmo solta a seqüela mental pode ocorrer. (...) Obs.: É preciso ressaltar que o que é bom no medo, é a ameaça e não a execução do ato.<sup>63</sup>

Devido às mudanças sócio-culturais ocorridas no Japão no Período Edo (1603 – 1867), o papel dos samurais profissionais deixou de ser relevante e estes, sem ter o que fazer, passavam o tempo bebendo, jogando e fazendo sexo. Enfastiados com esta rotina errante, passaram a perverter as praticas sexuais, imobilizando consensualmente suas parceiras com cordas. Em 1908, o japonês Ito Seiú ao estudar gravuras e textos literários que abordavam essas práticas sexuais decadentes, resolveu metabolizar e regulamentá-las, criando, assim, a Shibari (verbo da língua japonesa que significa “amarrar”): técnica de imobilização de parceiras (os) sexuais para finalidades erótica. Seguindo as regras instituídas por Ito, a pratica da shibari requer uso de cordas de fibras de cânhamo que variam de 6 a 8 mm e, principalmente, o consentimento daquela (o) que é amarrada (o). Portanto, deve ser prazeroso tanto para o “líder” (aquele que amarra) como para o “subjugado” (aquele que é amarrado), onde a dominação é apenas simbólica. Nos anos 60 os ocidentais começaram a conhecer a shibari através de fotos e revistas japonesas (a internet ainda não existia) e, impressionados com seu forte apelo erótico, incorporaram-se ao universo da bondage (servidão ou escravidão, em inglês), onde até então só se usavam algemas, correntes, grilhões e outros apetrechos metálicos. (...) Deve ser ressaltado que a shibari tem a finalidade de imobilização consentida de parceiras (os) com cordas para “aquecer a temperatura” antes do ato sexual, caracterizando-se, assim, como uma mera “brincadeira à dois de adultos”, contrastando com a bondage que, por ser baseada nos métodos de tortura praticados pelos agentes da Inquisição na Europa Medieval cristã, com a finalidade de obter confissões de paganismo e praticas anti-cristãs (bruxaria), prega que o dominador aplique um castigo físico leve (chicotadas, tapas, etc) e mental (medo psicológico por estar vendado e/ou amordaçado) o dominado para, assim, obter o prazer idealizado pelo Marques de Sade.<sup>64</sup>

Além de o blog trazer ao público práticas inseridas no universo do BDSM, Dorei deixa muito às claras que muitas opiniões suas vão de encontro às regras que existem no meio, regras no sentido de nomear o que seria sadomasoquismo e diferenciá-lo de sexo apimentado, ou até mesmo do BDSM “light”, como ela mesma se refere: “Afirmo que é muito complexo definir o que é BDSM light e o que é sexo apimentado, mas não é difícil ver que SANDOMASOQUISMO e sexo apimentado não tem diferença nenhuma, o que falta mesmo é conhecimento, porque as pessoas têm preguiça de ler e se informar em plena era da globalização, com a internet a disposição e só usada para futilidades.”

<sup>65</sup>. Achei interessante o modo como ela coloca a questão das diferenciações entre o que

---

<sup>63</sup> Postagem do dia 28 de outubro de 2010, disponível no link: <[http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010\\_10\\_01\\_archive.html?zx=7f24bdb58478ce0](http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html?zx=7f24bdb58478ce0)>

<sup>64</sup> Postagem do dia 29 de outubro de 2010, disponível no link: <[http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010\\_10\\_01\\_archive.html?zx=7f24bdb58478ce0](http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html?zx=7f24bdb58478ce0)>

<sup>65</sup> Postagem intitulada “BDSM LIGHT OU SEXO APIMENTADO?”, do dia 2 de novembro de 2010. Disponível em: <http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010/11/bdsm-light-ou-sexo-apimentado.html>.

é o BDSM inserido nos jogos entre quatro paredes, no sentido de que a internet pode ser um meio utilizado no esclarecimento de confusões como essa, mas fica a reflexão de como essa ferramenta de comunicação e informação é utilizada. Essa postagem foi a primeira sobre a qual resolvi comentar, aproveitando para falar da minha pesquisa do fato de Dorei, como adepta de BDSM contestar também o fato de haver regras no meio: qual deveria ser a “conduta de uma submissa”?

Não estou fazendo regras, até por que, se sadomasoquismo já é marginalizado, basta de regras, que cada top faça as suas e respeitem as dos demais. (...) penso que toda submissa é masoquista, em diversos graus, mesmo que não curta dor, mas nem toda masoquista se submete, ela apenas aprecia sentir dor. (...) Nosso corpo precisa de contato, somos animais sociáveis, precisamos de toques, principalmente na D/s, queremos o estalar da mão ou do chicote sobre a pele, não apenas a D/s psicológica.<sup>66</sup>

Observamos que as postagens iniciais do blog traziam a intenção de expor algumas das questões mais importantes: algumas práticas, o que seria o BDSM, diferente de “sadosoquismo criminoso” e/ou patológico, a existência de uma palavra de segurança, e conseqüentemente, a necessidade de estudo e de sanidade mental, o que vem a nos fazer entender que sexo, qualquer pessoa pode praticar, mas BDSM só quem se dispuser a estudar, conhecer, não só algumas regras básicas, mas conhecer a si e ao outro, e seus limites.

A importância da negociação de uma palavra de segurança ou, como é chamada, *safeword*, nas relações BDSM diz respeito a:

“interromper o ato e não a cena, o contrário pode comprometer a integridade psicológica da submissa, fazendo até mesmo, que ela venha a se sentir culpada ou inferior e não repita a safeword da próxima vez que for necessário. (...) Servir é a característica mais bela do submisso, entretanto pessoas de má fé podem se aproveitar disto para propósitos negativos. Não podemos nos esquecer dos dominadores doentes e/ou criminosos.”<sup>67</sup>

Saber quem está a sério no meio BDSM e quem está apenas por diversão ou para cometer crimes e dar vazão a impulsos patológicos são algumas das grandes preocupações e um dos motivos da criação dos blogs que buscam diferenciar sadomasoquismo criminoso do erótico. Há o dar-se, a doação de si, “lealdade significa

<sup>66</sup> Postagem de 19 de dezembro de 2010 sobre “Ser Submissa”. Disponível em: <http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010/12/ser-submissa.html>

<sup>67</sup> Disponível em: <http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010/11/safeword-codigo-de-seguranca-origem-da.html>. Acesso em: 13 abr. 2011.

ser honesto e confiável, estar totalmente em conformidade com o BDSM e o SM, que é um conceito de relacionamento onde não cabe a mentira, o engodo, sejamos honestos consigo mesmo e com nosso parceiro.”<sup>68</sup>

Dorei Fobofilica fala muito em ética do BDSM, ao mesmo tempo que chama atenção para o fato de que não aceita regras no BDSM por não saber quem as determinou, por ser uma prática já marginalizada. Mesmo assim, ela insiste em chamar os leitores a analisarem o lado positivo e negativo das pessoas envolvidas no BDSM. A mesma intenção pudemos perceber no blog *Miados, Lambidas e Arranhões BDSM*, da blogueira e submissa/masquista Princess Kitty, sobre o que falaremos na sequência.

Observamos representações de personagens do BDSM, como quando foi colocado sobre “conduta de uma submissa”, quem verdadeiramente vive o sadomasoquismo erótico, quem pratica sadomasoquismo criminoso, a presença da imagem do dominador, visto que Dorei se identifica como uma submissa.

O Dominante, além de gostar de ser o que é, deve fazer isto de modo a que todos sob seu comando também se agradem disto, deve preservar a integridade física e emocional do subjugado e dependendo de tipo de liderança, sim porque ser líder não é só no BDSM, um líder nato é líder em casa, no trabalho, em reuniões com amigos, isto acontece sem que se faça esforço para isto, mas se for no SM, ele tem que estar preocupado muito mais ainda com o psicológico, físico e social do subjugado, estar certo de que está sendo bom para ambos e se acaso o subjugado for masquista e o líder um sádico, tudo isto torna-se mais sério, as responsabilidades são grandes, não é para quem quer, é para quem é capaz..<sup>69</sup>

É interessante perceber que há muitos posicionamentos identitários, e que esses posicionamentos dizem muito respeito às performances que cada adepto adquire com o tempo, papéis que são assumidos pelos praticantes: quem entra no BDSM deve assumir um papel, de acordo com sua personalidade e/ou com o que lhe dá mais tesão. Tanto na Blogosfera quanto no BDSM, a princípio, a fama de cada um é algo que está diretamente relacionado à competência ou não do sujeito em conduzir suas vidas online e offline, BDSM e baunilha. Surge, daí, a questão da liturgia.

De certa forma em tudo na vida há uma espécie de liturgia que se forma quase sempre com naturalidade, claro que muitas outras são implantadas,

<sup>68</sup> Disponível em: <http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010/11/fidelidade-ou-lealdade-somos.html>

<sup>69</sup> Disponível em: <http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2010/12/ser-dominador.html>

como é o caso dos quartéis. Mas é exatamente isto, cada lugar tem o seu ritmo e suas regras. Por que razão um meio onde o CONSENSUAL é uma das três bases fundamentais do BDSM, tem que haver imposição? Respeito se conquista não se impõe e uma submissa deve-o a seu Dono, são as liturgias Dele que ela deve seguir, é a Ele que ela deve respeito e é a Ele que ela deve tratar por Senhor. Claro que quando vou a padaria chamo o senhor Manoel de senhor, como a qualquer pessoa mais idosa que eu, isto é uma questão de educação, mas fora isto vai ser muito difícil que eu o faça. (...) Existem muitos que gostam de liturgias e rituais e penso que estes devem ser respeitados, quem quer respeito deve respeitar os outros. É exatamente por isto que imposição de liturgia não cabe, não posso aceitar que alguém que não seja meu Dono exija de mim que o trate por Senhor, Senhor eu só tenho dois, um é Jesus e o outro é meu Dono, qualquer outro é apenas alguém com afinidade ao sadomasoquismo como eu, que merece o mesmo respeito que dispenso a qualquer ser humano e ponto final. Também para isto existe o CONSENSUAL, se não estou em consenso não há o que ser exigido. Porém é recorrente que pessoas sem noção que fazem exigências a quem acabou de conhecer, o que não faltam são pessoas pedantes no meio que acham que agindo com arrogância se posicionarão, isto porque existem as alienadas que colaboram com este tipo de comportamento, que chamam a qualquer um que se diga Dom, Mestre ou afins, de Senhor; é vamos combinar, a expressão “Dono de mim” é um erro ortográfico muito ridículo, não é por que eu digo ‘meu Dono’ que Ele seja meu e não o contrário, no trabalho dizemos ‘meu chefe’, e nem por isto estamos no comando, a palavra Chefe, Mestre ou Dono, dispensa esclarecimentos. (...) A exemplo de outros países, como na América do Norte e na Europa, há quem pense em criar um cabedal a ser seguido, mas o Brasil é um país atípico e o BDSM dentro dele não poderia ser diferente, somos muito passionais para nos adequarmos ao BDSM de fora, como com tudo o que recebemos de países estrangeiros, colocamos o nosso tempero, o nosso jeito, o nosso calor, os nossos sentimentos passionais, por isto é inútil a criação de um conjunto de normas, a nossa diversidade é muito grande. (...) Aos devotos da liturgia pré moldada do BDSM e aos avessos a ela, minhas saudações!<sup>70</sup>

Em entrevista com Dorei<sup>71</sup>, comentei que tenho certeza de que deve mesmo ter muita gente irritada com algumas coisas que ela diz no blog porque percebi que há muita contestação do que dizem serem "as regras do BDSM", exceto quanto ao SSC, que é um dos lemas fundamentais. Em uma postagem, ela falava que sabe o quanto muitos praticantes do meio acham problemático que uma submissa fique expondo suas opiniões e como se sentem incomodados com isso. Pedi que ela me falasse sobre isso, se já chegaram a reclamar diretamente, por email ou pessoalmente, e como as pessoas recebem esse tipo de opinião. Ela me respondeu o seguinte:

Com certeza têm muitas, sou atacada sim, de todo jeito, sofro algumas ameaças, se entro no chat que costumo ir, sou atacada às vezes, mas simplesmente os bloqueio sem resposta, não valeria a pena discutir. Recebo comentários atacando e fazendo outras ameaças, por isto não entram direto e

<sup>70</sup> Postagem do dia 20 de fevereiro de 2011, chamada “Liturgia BDSM”. Disponível em: <<http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2011/02/liturgia-bdsm.html>>.

<sup>71</sup> Entrevista por e-mail, em de 28 de abril de 2011.

por isto não permito comentários de anônimos, alguns já se deram ao trabalho de fazer blog só para me agredir, mas se deram mal ao ver que precisam ser aprovados. Contudo a maioria não se manifesta, preferem calar, seja para apoiar ou atacar, a covardia é maior no caso dos que concordam e depois vem no meu MSN ou no chat dizer que leram, gostaram, mas preferem não se manifestar por N razões. Alguns submissos e submissas são verdadeiras vaquinhas de presépio, deixando que seus "donos" controlem até o que irão publicar nos seus blogs, não tem vontade própria, são robôs. Fosse eu a Domme preferiria dominar uma porta, ela não me daria despesas, não reclamaria de nada e não gritaria ao ser açoitada, nem teria que me preocupar em como ficou seu psicológico depois. Para que serve uma escrava que não tem inteligência para pensar sozinha? Que não reage a nada? Tem graça uma coisa dessa?

Tive muitas oportunidades de conversar com Dorei Fobofflica e acabamos nos acostumando com a troca de e-mails e o contato constante. Em pouco tempo, ela foi me contando um resumo da vida dela, sua trajetória antes e quando encontrou o contexto do BDSM. Pelo contato, como comentei na introdução da monografia, acabou mesmo sendo mais fácil conversar tanto com ela quanto com Princess Kitty. As duas, de certa forma, se sentiram mais à vontade para falar sobre suas vidas offline.

Cedo fiquei grávida, 17 anos, fui viver com o pai dos meus filhos aos 18 e foi quando nasceu minha filha, depois tive mais dois filhos com ele, que hoje estão com 26, 24 e 23 anos, mas tive uma educação muito rígida em todos os aspectos e sexo era tabu. Ele tinha tentando sexo anal várias vezes, mas eu não aceitava...quando eu estava grávida do caçula, ele saiu com uma mulher... nos separamos. ...Alguns anos depois conheci meu marido, com este realmente casei...Vivemos um casamento normal, até que, cinco anos depois, descubro uma traição, discutimos, ele pediu perdão...mas no ano seguinte se repetiu, voltamos a discutir, demorei mais, mas perdoei, mas tornou a repetir no fim do mesmo ano e para mim bastou, pedi o divórcio, mas era fim de ano, ele pediu que eu esperasse passar as festas, pediu que o aceitasse assim, que eram casos de uma a duas saídas, apenas aventuras passageiras, mas que ele me amava. Fiquei indignada com a proposta, mas por aqueles dias vi uma matéria sobre primatas, sobre que a natureza não nos fez monogâmicos, enfim, comecei a refletir, então fiz uma contraproposta a ele; eu disse a ele que fizéssemos um acordo com direitos iguais e sem mentiras... dispensaríamos a fidelidade, mas seríamos leais um com o outro. Na hora ele reagiu mal, mas era isto ou o divórcio e ele aceitou. Isto foi em 09 de janeiro de 2000, ele continuou com aventuras mais do que passageiras..., eu não vivi nada até que, depois de ele insistir muito, em maio de 2007 comecei a usar o computador, ele me fez um MSN, Orkut... Eu o via no chat e ele me explicou o que era, comecei a entrar também... Então, em julho conheci meu Dono, não neste contexto, porque eu nada sabia sobre sadomasoquismo e ele nunca tinha praticado, embora conhecesse desde a adolescência por ter tido vizinhos da casa ao lado que viviam uma relação D/s 24/7 (24hs 7 dias por semana); e ele a expunha de modo que da casa do lado, meu Dono que era adolescente, visse a mulher em cenas de humilhações. Nossa relação começou como qualquer uma normal, sendo que eu ao conhecê-lo pessoalmente, fui logo dizendo que não fazia sexo anal nem oral, coisa que mudou sutilmente, nos conhecemos depois de umas duas semanas conversando todos os dias por horas, via MSN e telefone. O caso é que meu marido e minha filha sabem o que sou, não faço esforço para

esconder nada, todas as pessoas da minha família que me importam sabem, eu não troco de par como meu marido faz, sou contínua, preciso amar...<sup>72</sup>

Tenho impressão de que um dos motivos para a confiança é o fato de que ambas, eu e Dorei, temos como referência nossos blogs. Eu como pesquisadora, também engajada na dinâmica dos blogs, ou seja, não apenas uma voyer. As escritas nos blogs retrata um pouco da personalidade de quem escreve, é como se o que fosse postado, fosse a verdade de cada um, representasse uma parcela do eu, ou dos eus de um sujeito.

Na época em que conversávamos com mais frequência, Dorei comentou que passaria para uma fase na qual escreveria sobre *parafilias*<sup>73</sup>. Nessa mesma conversa, ela comentou que estava passando as postagens gradualmente para o blog <https://doreifobofilica.wordpress.com/> e um dos fatores de ela estar fazendo isso se daria ao fato de que muitos blogs haviam sido excluídos por causa do conteúdo “impróprio” para menores e o Wordpress, segundo ela e alguns outros blogueiros que fizeram o mesmo, não desativa os blogs por causa de conteúdo erótico ou pornográfico.

Mesmo que minhas observações do blog tenham tomado rumos diferentes em maio de 2011, pois a pesquisa inicial dos blogs estava sendo desenvolvida, como foi dito, para a disciplina de Prática de Pesquisa II (2011.1), quando o ritmo de leitura do blog foi diminuindo com o tempo e outras atividades, continuamos em contato, tanto por MSN Messenger, como por Facebook e através de comentários nos nossos blogs. De vez em quando, continuávamos nos lendo, visitando-nos.

É muito comum que nos blogs haja links para outros blogs. Como no caso do blog Dorei Fobofilica, os links são para blogs sobre o mesmo tema: BDSM. Já conhecia o blog *Miados, Lambidas e Arranhões BDSM*<sup>74</sup>, da Princess Kitty, mas segui o link do blog anterior, acompanhando o fluxo da rede de contatos. As duas, Dorei e Kitty também se conhecem através da Blogosfera. Cheguei à Princess Kitty porque também achei muito interessante a maneira como ela se apresenta no blog, sempre muito meiga, assumindo mesmo a personagem gatinha. Seu blog possuía mais postagens (não datadas) do que o Dorei Fobofilica e, por esse motivo, não fiz a leitura de todas. Aparentemente, a personagem gatinha com ares de ninfeta expressa uma sensualidade

---

<sup>72</sup> Em entrevista, no dia 27 de abril de 2011.

<sup>73</sup> Disponível em: [http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2011\\_05\\_01\\_archive.html](http://doreifobofilica.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html)

<sup>74</sup> <http://www.miadosbdsm.com/>

muito interessante porque suas postagens são sempre muito comentadas. Ela também posta sobre suas práticas preferidas, mas além de, diferentemente de Dorei, a maioria das imagens publicadas no blog serem dela mesma, embora não mostre o rosto, apenas seu corpo adornado por belíssimas lingerie e acessórios, e de vez em quando, postar alguns vídeos estilo home-maid<sup>75</sup>, nos quais ela insinua masturbações, brincadeira com velas e agulhas, Princess Kitty se identifica como “masoca”. No texto de descrição do blog, temos o seguinte:

Já me defini tanto, já me definiram tanto, que hoje não busco mais definições. Apenas sou e estou. E sou posse, propriedade, pertencimento. Masoquista? Escrava? Submissa? Tanto faz. Tenho Dono. Posso ser tudo isso e muito mais, só depende Dele. Estou vivendo minhas fantasias mais secretas, meus sonhos mais excitantes, meus desejos mais obscuros. Vivo intensamente, sinto profundamente e minha pele arde incessantemente. Sou cuidada, maltratada, desejada, amarrada, beijada, humilhada, dominada. Obedeço e me rebelo quase no mesmo instante. Enfrento e me entrego. Acredito e confio. Deixo-me levar, voar, conduzir. Brinco de seduzir e sou seduzida. Sou gatinha, sou brinquedo, sou menina. Sou mulher, sou provocante, sou atrevida. Sou tudo aquilo que eu sonho. Sou tudo aquilo que Ele ordenar. Eu consegui, pulei o muro, caí, levantei e continuei. Misturo prazer e dor, sensações com emoções. Marquinhas na minha pele acariciam o meu corpo. Desejo o doce e o amargo. O carinho e o castigo. O beijo e o tapa. O sonho e a realidade. Quero tudo. Não quero nada. Tenho uma coleira no meu pescoço, algemas nos meus pulsos e um sorriso nos meus lábios. Há um brilho incoerente nos meus olhos que não me deixa negar. E uma certeza que grita sem cessar: Eu pertencimento!

Figura 17 - Banner do Blog Miados, Lambidas e Arranhões BDSM



Fonte: Blog Miados, lambidas e arranhões BDSM (2012)

<sup>75</sup> Essa expressão estrangeira, em português, significa feito em casa, ou seja, são vídeos caseiros.

Figura 18 - Princess Kitty  
com coleira



Fonte: Arquivo Pessoal

O blog de Princess Kitty aparenta a construção de uma fantasia relacionada a gatos, imagens de desenhos japoneses, da gatinha Hello Kitty, o que dá a impressão de um blog bem feminino, que acaba contrastando com o assunto sadomasoquismo, à primeira vista.

Cada um vive o seu fetiche como lhe dá mais prazer, claro há uma hierarquia e umas regras básicas em bdsm, mas o resto cada um vive o seu, eu por exemplo não gosto de ser xingada, sempre bloqueei na hora "dominadores" que vinham me chamando de cadela, entendo que é um termo carinhoso do meio, e não um xingamento, mas acho que apenas o Dono tem o direito de chamar assim, e no meu caso meu Dono é extremamente carinhoso na forma de me tratar e pelo meu jeito arisco e rebelde ( como o animal gato) eu virei a gatinha Dele, é questão de gosto pessoal.<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Em entrevista, em abril de 2011.

Figura 19 – Blog Miados, lambidas e arranhões BDSM



Fonte: Blog Miados, lambidas e arranhões BDSM (2011)

O estilo “fofo” e meigo do blog e, conseqüentemente, da blogueira, também contrasta um pouco com a atitude de contestação que ela impõe em seus textos. Ela comentou muito isso comigo:

Não podemos sair afirmando que são todos iguais, eu respeito a opinião de todos e se alguém discordar de mim no meu blog, eu aceito numa boa, apenas respondo defendendo e explicando a minha opinião, que é só minha, só serve para mim e mais ninguém. É apenas aquilo que vivo e acho e não uma regra para todos. Agora existem muitas pessoas que não sabem debater, levam todas as críticas para o lado pessoal e fazem ataques nesse sentido, fico muito triste com isso, mas resolvi ignorar.

Há uma postagem em seu blog intitulada “Agressividade gratuita”<sup>77</sup>, na qual ela diz: “Não se deve impor regras, nem maneiras absolutas de se pensar em qualquer lugar, e no BDSM que já somos alvo de falta de entendimento e críticas externas, ficarmos atacando a nós mesmos, não é um bom caminho. (...) Mas criticar modos de ser, jeitos de pensar, personalidade, ou o modo de viver sua submissão ou Dominação só por ser diferente da sua é pré-conceito.”. É uma das principais questões colocada no blog, suas vivências dizem respeito aos dois, o que faz dela uma submissa, uma escrava ou uma masoquista, para ela tanto faz, visto que são apenas definições. Como foi citado anteriormente, há o caráter de liturgia das práticas SM quando algumas pessoas pensam que devem seguir regras em toda e qualquer relação, e se alguém, como Princess Kitty e

<sup>77</sup> Disponível em: <http://www.miadosbdsm.com/2011/04/agressividade-gratuita.html>.

Dorei, contesta isso (no sentido de que as duas acreditam que o que vale é a consciência da responsabilidade que é colocada em jogo nas relações, e que cada um vivencie da maneira que melhor lhe convém), é motivo para discussões.

Algumas pessoas no meio BDSM (e isso é comum em qualquer situação na qual é pedido de nós que tenhamos ética profissional) pedem muito para que se conduza as práticas com discrição e, embora muito do que eu colhi como material para a pesquisa seja público, divulgado nos blogs, há muito o que calar. Todos os sujeitos da pesquisa sempre deixaram claro (e não só eles, basta que procuremos nos sites sobre BDSM) que há muita divergência, competições de ego, fofocas e intrigas no meio, portanto, além de me posicionar no limite entre o que olha de fora e de dentro, ao mesmo tempo, precisei ter cuidado por se tratar de relações entre sujeitos. Por esse motivo, não são citados alguns nomes, por exemplo, nomes reais das blogueiras.

A maneira como os sujeitos levam suas vidas BDSM é muito contestado, mesmo porque, muito do que vai ser divulgado, do que vai chegar à mídia diz respeito a isso: se alguém não conduz suas relações de acordo com a regra básica do SSC (são, seguro e consensual), e isso vai a público, o nome BDSM fica sujo, não só a reputação de quem cometeu o erro. E o compartilhamento de experiências e opiniões nos blogs é uma forma de abrir espaço para contestações e reconfigurações de ideias e comportamentos.

Eu e meu Dono temos uma relação muito às claras, falamos tudo um para o outro e mesmo morando em cidades diferentes, mantemos contato intenso todos os dias, ficamos horas no msn ou por telefone (como nos últimos dias), além de trocarmos varios sms e emails durante o dia, rs, (parece relação de namorados, né? mas não é não, é que realmente gostamos um do outro e Ele se preocupa MUITO comigo, com o meu bem estar e em como esses sentimentos de submissão me afetam, vivemos uma D/s plena, porém consciente. Ele não me anula, sempre escuta e acolhe minhas opiniões sobre tudo). Nos conhecemos virtualmente em janeiro de 2010, mas devidos a problemas pessoais meus, fomos nos conhecer mesmo 10 meses depois e desde então vivemos nossa relação bdsm no real.

Fiz esse prelúdio pra você entender os motivos daquele meu post<sup>78</sup>, na verdade foram várias coisas. Eu andei recebendo uns comentários (que não publiquei, por escolha minha, pelo meu Dono teria comentado e Ele respondido) de um dominador bem famoso e conhecido no meio, criticando a minha maneira de ser submissa, meu jeito, meu exibicionismo (que é um fetiche) e se oferecendo pra me mostrar o verdadeiro caminho da submissão (como se só ele fosse o certo), enfim, algo totalmente desleal, meu Dono inclusive o conhece pessoalmente (da época que meu Dono frequentava o meio, antes de sair do Brasil e depois retornar) e tem amigos em comum, vai resolver isso dessa forma, entrando em contato pessoal com ele, Ele

---

<sup>78</sup> Referência à postagem intitulada “Agressividade gratuita”.

concordou que eu não publicasse os comentários, pois não quero criar atritos entre blogs.

Esse foi um dos motivos.

O outro motivo foi alguns posts que andei vendo por ai em que as pessoas colocam suas opiniões como sendo verdades absolutas, ela não dizem 'Eu acho que...' elas simplesmente dizem: 'É tal coisa...' e fazem críticas vorazes, muitas vezes dizendo que querem provocar a união no meio, etc, mas sabemos que as coisas não funcionam assim, tenho uma querida amiga, essa eu cito o nome, a Dorei que faz criticas e aborda os temas BDSM de maneira consciente e elucidativa, ela tem meu total apoio, pois vemos muitos casos de pessoas fragilizadas dentro de uma relação BDSM doentia. Eu e meu Dono somos absolutamente contra esse sadismo emocional, que atinge e denigre as pessoas no seu íntimo. Isso é errado, BDSM é pra trazer prazer, sofrimento físico e psicológico através da humilhação erótica para saciar nossos fetiches sim, mas não para inferiorizar e humilhar alguém como pessoa, como ser humano, isso não.

E tem que ter respeito, cada um vive o seu fetiche como lhe dá mais prazer, claro há uma hierarquia e umas regras básicas em bdsm, mas o resto cada um vive o seu, eu por exemplo não gosto de ser xingada, sempre bloqueei na hora "dominadores" que vinham me chamando de cadela, entendo que é um termo carinhoso do meio, e não um xingamento, mas acho que apenas o Dono tem o direito de chamar assim, e no meu caso meu Dono é extremamente carinhoso na forma de me tratar e pelo meu jeito arisco e rebelde ( como o animal gato) eu virei a gatinha Dele, é questão de gosto pessoal.

Então não podemos sair afirmando que são todos iguais, eu respeito a opinião de todos e se alguém discordar de mim no meu blog, eu aceito numa boa, apenas respondo defendendo e explicando a minha opinião, que é só minha, só serve para mim e mais ninguém. É apenas aquilo que vivo e acho e não uma regra para todos. Agora existem muitas pessoas que não sabem debater, levam todas as criticas para o lado pessoal e fazem ataques nesse sentido, fico muito triste com isso, mas resolvi ignorar.<sup>79</sup>

As experiências vivenciadas no BDSM são muito intensas. Ter um Dono, pra Princess Kitty, é algo que vai muito além da posse física, é ter certeza de que há alguém que estará cuidando e se preocupando tanto com o que ela pensa como para qualquer outra necessidade. Isso não significa que quem aceita ter um dono seja uma pessoa fraca, sem personalidade e dependente, mas para ela, ter um Dono requer "força interior imensa, aprender a respeitar a si própria e aceitar os seus desejos primeiro"<sup>80</sup>. A ideia de quem tem um Dono, de uma submissa sem voz é descartada, visto que tudo é consensual, de ambas as partes pelo dominador e pela submissa.

E me dá uma segurança imensa esse pertencer, me faz sentir desejada, cuidada e ao mesmo tempo sob o Domínio e o poder de Alguém, Alguém que

<sup>79</sup> Em resposta via e-mail, no dia 2 de maio de 2011.

<sup>80</sup> Disponível em: [http://www.miadosbdsm.com/2011/04/o-que-e-ter-um-dono\\_13.html](http://www.miadosbdsm.com/2011/04/o-que-e-ter-um-dono_13.html).

pode fazer o que desejar comigo, porque é meu Dono, essa excitação, esse suspense, esse não saber o que está por vir, esse estar a mercê Dele, das suas ordens, caprichos e desejos me faz delirar de desejo. As sensações no BDSM são muito intensas, por isso mesmo precisam ser vividas com responsabilidade, se entregar sim, mas com consciência do que está fazendo e saber onde se está pisando. Dominar alguém em uma sessão é algo relativamente fácil, mas manter esse Domínio e ser Dono no sentido mais amplo da palavra requer responsabilidade e respeito pela submissa. Querer dominar apenas para brincar de mandar e ser totalmente egoísta, não é dominar. Dominar e se submeter requer entrega de ambas as partes <sup>81</sup>.

Princess Kitty também se identifica com a prática do exibicionismo, acha excitante humilhação erótica pública, desde que sem denegrir a imagem do outro.

Eu, apesar de masoquíssima rsrs, me considero bem fraquinha para humilhações, teve dois momentos na minha primeira sessão em que me senti realmente humilhada, pode parecer bobo para alguns, mas para mim foram intensos, o primeiro momento foi quando depois de muito lutar (pois eu consegui tirar as algemas fazendo-as escorregar por causa do creme rsrs) meu Dono finalmente conseguiu me algemar com as mãos para trás ainda dentro do carro, e então com suas mãos invadir minhas coxas, levantar meu vestido e chegar até meu sexo para ver se eu realmente estava usando o *plug* como Ele havia ordenado. Nossa, foi uma sensação muito estranha, eu senti uma vergonha tremenda, uma vontade de estrangulá-lo e ao mesmo tempo por estar ali impotente aquela situação, fiquei muito excitada. Me senti frágil, entregue e excitadíssima. Outro momento, ( o que para alguns é motivo de glória rsrs ) para mim foi a pior humilhação: a coleira. Sim, após Ele colocar a coleira em mim eu me vi no grande espelho, a minha imagem, usando um *corset* preto com perneiras, cinta liga, meus cabelos loiros bagunçados e revoltos, pelas pegadas e puxões que Ele havia dado, meus olhos brilhando de raiva, usando tornozeleiras e braceletes cor de rosa, presos por correntes e a coleira cor de rosa com a guia pendurada. Me senti ridícula, tanto que falei, reclamei, o que de nada adiantou , pois meu Dono estava inabalável com aquele sorriso irônico nos lábios rsrs. Mas apesar desse sentimento estranho a excitação tbm em ver a minha imagem assim, o sentimento de ter uma coleira ao redor do meu pescoço me dizendo que eu tinha um Dono e as sensações que isso provocaram em mim foram muito excitantes. Quanto as humilhações públicas eu e meu Dono concordamos que elas só ocorreriam dentro de um contexto BDSM, como algum evento, festas ou clubes voltados para o BDSM. E não em locais públicos comuns, isso não faz parte da nossa fantasia e do nosso modo de viver o BDSM, por questões pessoais, etc. Mas admito que acho sim muito excitante, e já brinquei com o meu Dono dizendo que o dia que formos para a Inglaterra quero uma cena dessas.<sup>82</sup>

Observamos reflexões do que é ser uma submissa, de acordo com as experiências vividas por Princess Kitty. Ela conta que após sua primeira sessão no BDSM, teve de rever seus conceitos (se seria submissa ou não, sem definição), mas havia gostado muito do que experimentara e ficara muito envergonhada por isso.

---

<sup>81</sup> Idem.

<sup>82</sup> Disponível em: <http://www.miadosbdsm.com/2011/03/humilhacoes-e-humilhacao-publica-no.html>.

Percebemos assim que a questão de como as mulheres se identificam no contexto do BDSM não é algo fixo, ou seja, as identidades assumidas por cada uma é uma constante construção, pelo menos no caso de Kitty – são reinvenções de si, pois as fantasias são espaço de experimentação de possibilidades, de autoconhecimento.

Não gosto de obedecer, pelo contrário, gosto de desafiar, de provocar, ser abusada, petulante e ser forçada. Depois que conheci o BDSM achei que tinha uma essência submissa, adorei a idéia de servir e obedecer. Hoje não sei mais. Gosto de agradar. Tenho um instinto em querer agradar, me dedicar, dar prazer ao outro. Mas não tenho o instinto em obedecer por obedecer. Quero ser dobrada, vencida... Eu sempre disse que fantasiar é uma coisa e viver é outra. (...) E não consigo mais me identificar com os belíssimos textos submissos que leio por aí. Não me reconheço neles. Não me sinto mal por não obedecer ou cumprir uma ordem. Ou desagradar. Pelo contrário me divirto com isso. Adoro dar respostas abusadas e de duplo sentido, sempre fui rebelde. Então não sei mais se posso me considerar submissa. Eu AMO o ideal de submissão, acho lindo... Meu Mestre diz que sou *slave masochist* com toques *submissive* rrsrs. A maioria das submissas se entrega porque tem prazer em servir. Eu não. Eu me entrego porque tenho prazer em ser DESEJADA. Pra mim ser submissa é antes de tudo ser desejada. Tão desejada que preciso ser forçada, amarrada, escravizada. Eu não quero ceder. Ele que tem que me forçar. Eu não vou atrás Dele. Ele que tem que vir atrás de mim. Me pegar a força. Me caçar e me domar. Eu sou o prêmio e não o contrário. Controverso? Pode ser. Mas essa é a minha fantasia. E encontrei um Mestre que aceita meu jeito de ser e desde o início me desejou muito. E não me considero "baunilha apimentada", me considero S/M até a raiz...

O BDSM expressa performances porque as vivências em grupo e particulares se efetivam através da criação de performances, de os sujeitos assumirem determinadas identidades e desempenhar em determinados papéis enquanto identificados com o BDSM. A noção de performance que pudemos perceber por meio da leitura de Goffman (2007) está nas sessões ou cenas, na própria construção da situação na qual a prática SM está em ação e perpassa também o conceito de sadomasoquismo, visto que sádico é aquele que além de atuar em uma performance sádica, ou seja, agir de maneira a causar dor no parceiro e de demonstrar prazer nisso, o outro, o masoquista, por exemplo, também reage de maneira singular, isso considerando que todos os sujeitos reagem à sua maneira, embora se identificando com determinadas categorias. A identificação do sujeito com a ideia de perversão, como o leitor deve ter percebido, vem de fora, e não de dentro. Quero dizer que, quem define os praticantes de SM como perversos não são os próprios, mas vem de parte da sociedade dominante, que na fala de Dorei Fobofilica é chamada de leiga, que não concebe o fato de que existem pessoas que conseguem, por

meio de vários meios, munidos de grande diversidade de práticas culturais, sexuais e sociais, unir prazer e dor em um mesmo contexto.

Quando falo em transgressão, remeto-me a Foucault (1988) quando diz que as normas existem porque há necessidade de negociar as multiplicidades e creio que é a partir das experiências que surgem as multiplicidades. Ele mesmo fala que a noção de experiência reúne “campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (p. 10). O SM é um conjunto de práticas que condensam muitas transgressões (lembramos algumas das práticas citadas nos dois capítulos precedentes, como o spanking e o jogo com velas). Mas, ao mesmo tempo em que essas práticas transgridem normas sociais, brincam com estas. Considerando isso, Foucault até nos diz que “prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam” (p. 56). O sexo, para ele, é incandescente, já que estamos em uma sociedade “do sexo” e creio que podemos levar isso para nossas realidades:

[...] estamos em uma sociedade do ‘sexo’, ou melhor, ‘de sexualidade’; os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneritura, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala *da sexualidade e para a sexualidade*; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo” (p. 138).

É pelo sexo, efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história) (p. 145-146).

A sexualidade que “abrange diferentes elementos: relações sexuais, orgasmos, carícias preliminares, fantasias, histórias e piadas eróticas; as diferenças de sexo e a organização da masculinidade e da feminilidade, bem como as relações de gênero (frequentemente chamadas de papéis sexuais na literatura mais antiga)” (VANCE, 1995, p. 20) é relacional e criativa.

Um das principais ideias que servem pra entender essa expressão de novos desejos é a concepção de intimidade. O corpo é algo que de início demarca o íntimo de alguém, é algo muito pessoal, me refiro ao corpo como “meu corpo”, além do que é o que sustenta a identidade ou identidades de um indivíduo. “O que se aplica ao eu aplica-se também ao corpo. Este, obviamente, é em certo sentido – ainda a ser determinado – o domínio da sexualidade. Assim como a sexualidade, o eu está hoje intensamente

impregnado de reflexividade” (GOFFMAN, 1993, p. 42). No SM há muito o discurso de submissas que falam em entrega total ao outro, entrega do corpo, que significa total responsabilidade e confiança no outro, esse outro que pode fazer o que quiser, desde que, claro, se estamos falando de BDSM, seja um consenso. David Le Breton confirma isso, quando diz que “No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Elas só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social” (LE BRETON, 2006, p. 9), ou seja, significa dizer que “a corporiedade é socialmente construída” (idem, p. 19), porque “as representações do corpo são representações da pessoa. Quando mostramos o que faz o homem, os limites, a relação com a natureza ou com os outros, revelamos o que faz a carne” (idem, p. 26).

Nesse mesmo sentido, sobre a questão da construção social das relações entre os sujeitos, seus comportamentos e a forma como vão construir suas identidades, Carole Vance (1995) faz uma afirmação muito interessante para complementar a tese de Le Breton:

A abordagem construtivista mostra que essa tentativa de criar espaços públicos parcialmente protegidos de elaboração e expressão de novas formas, comportamentos e sensibilidades sexuais, também faz parte de uma luta política mais abrangente para definir a sexualidade. As subculturas não só dão origem a novas maneiras de organizar o comportamento e a identidade, como também a novas formas de oposição e participação simbólicas em relação à ordem dominante, algumas das quais chegam a ter um profundo impacto fora dos pequenos grupos em que são propostas pioneiramente. (VANCE, 1995, p. 16)

Michel Bozon (2007) também fala muito da questão da construção social de conceitos como sexualidade, reforçando a ideia de que “o ser humano não se relaciona sexualmente sem dar sentido aos seus atos”. Outro ponto que deve ser ressaltado e, que Miriam Grossi (1988, p.9) aponta como importante, é o fato de que ainda é difícil pensar em sexo e reprodução como separados, na sociedade ocidental. Reproduzir seria um papel da mulher, seria para isso que o sexo serve; estamos falando, então, de papel de gênero, por sua vez definido como “tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea e macho em determinada cultura” (GROSSI, 1998, p. 6), como exemplo, podemos citar o papel de cuidar da casa, o qual seria designado à mulher, o sustento da família e do lar seria designado ao homem. Já identidade de gênero estaria remetendo à “constituição do sentimento individual de identidade” (idem, 1998, p. 8). Podemos, aqui, aprofundar a reflexão sobre o conceito de gênero.

O conceito de gênero é abrangente, pois diz respeito a várias instâncias: “a aquisição da identidade de gênero primária, o aprendizado dos papéis sexuais, o vasto campo da sexualidade e as novas questões referentes à reprodução humana” (GROSSI, 1998). Joan Scott define gênero como sendo “uma categoria historicamente determinada que não apenas se constrói sobre a diferença de sexos, mas, sobretudo, uma categoria que serve para ‘dar sentido’ a esta diferença” (SCOTT, *apud* GROSSI, 1998, p. 5). Miriam Grossi concorda com essa definição e ainda acrescenta que a categoria gênero serve muito bem para pensar “as relações sociais que envolvem homens e mulheres”.

Henrietta Moore (1997) realça os deslocamentos teóricos que se fizeram necessários, da ideia de sexo biológico e identidades de gênero, questões que se tornaram essenciais na construção da Antropologia como ciência, adentrando a discussão sobre a questão do sexo e gênero na vida social humana. O que seria natural? Havia a crença de que o que diferenciaria homens e mulheres, na vida social, seriam diferenças relacionadas ao domínio da biologia: o comportamento humano seria determinado de acordo com hormônios, ou seja, ao homem estaria reservado um caráter agressivo, portanto, seu papel social seria o de dominar o espaço público. Às mulheres estaria reservado o espaço privado, seriam mais afetivas, portanto reprodutoras e possuidoras de um instinto materno, além de estarem ligadas à esfera doméstica. Afirmações como essas sugeriam que a biologia e os caracteres fisiológicos influenciariam diretamente no comportamento social. Com o feminismo e as resistências ao chamado determinismo biológico, vem a importância da distinção entre sexo biológico e gênero: “as relações entre mulheres e homens e os significados simbólicos associados às categorias ‘mulher’ e ‘homem’ são socialmente construídos e não podem ser considerados naturais, fixos ou predeterminados”. Segundo Butler (2010):

Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. (...) Quando o *status* construído do gênero é teorizado como artifício independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (p. 24-25).

Os sentidos dados aos corpos e às práticas estão incluídos nessa perspectiva dos estudos de gênero - gênero sendo entendido como um processo subjetivo, ou seja, de

acordo com as vivências e experiências dos sujeitos, que seriam indicadores do “agir como um homem” ou do “agir como mulher”, em determinados contextos particulares.

Há, de acordo com Moore (1997), uma multiplicidade de modelos de gênero e de discursos e corpos; a vida social é construída através de performances. Questiona-se, com os estudos de gênero, de acordo com Butler (2010) uma presumida fixidez do sexo, ou seja, diante das possibilidades e das novas manifestações das sexualidades, a cultura possibilitaria estas expressões, representando um campo aberto para prazeres transgressivos e até mesmo para transgressões estéticas e a noção de que existe um sexo verdadeiro seria, de certa maneira, sufocada. Nesse sentido, a dimensão do simbólico possibilita novas representações, gestos e atos, pois é através do simbólico que há possibilidade de produção de significados sociais e pessoais; ela ainda nos fala em um “efeito de significação corporal”: “Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (2010, p. 194). Para exemplificar, a prática de *feminização masculina*, contextualizada no sadomasoquismo.

Existem discrepâncias entre “as ideologias sobre a sexualidade e a experiência vivida” (VANCE, 1995, p. 27), assim como pode haver discrepância entre as identidades online e offline. Além do fato de as blogueiras usarem apelidos, algumas não mostram seus rostos, deixam claro a distinção que há entre suas vidas BDSM e suas vidas baunilhas, familiar, profissional, etc. Em muitos casos, os amigos e familiares não conhecem essa outra face, a que curte BDSM, que escreve em blogs, que conta suas experiências sexuais na internet. O que pode ser dito, o que é dito, o que não é dito, enfim, reforça a ideia de transformação da intimidade, revista por Giddens (1993) que deixa evidente um jogo de oposições: privado/público, dentro/fora, online/offline, BDSM/baunilha, sujeito/objeto, submissão/dominação, etc. Sobre o uso de apelidos, o ato de se esconderem, em relação ao apelido de blogueira e de praticante de SM, Goffman nos fala algo que, embora em contexto de interações presenciais, pode ser usado no contexto que empregamos o fato de que essas criações de personagens são construídas por meio de “estratégias e práticas para proteger suas próprias projeções, podemos referir-nos a elas como ‘práticas defensivas’ (2007, p. 22). O autor fala que as pessoas podem influenciar as outras no contato face a face (idem, p. 23), e nós acrescentamos que, além disso, as interações virtuais, online, também podem

influenciar, e às vezes, drasticamente, como no caso do garoto de 12 anos de idade perseguindo Rainha Frágil, pela internet. Cada sujeito pode ter um “desempenho”, que Goffman denomina como sendo “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes” (ide, ididem, p. 23). Ainda citando Goffman, ele fala de papel social, “definindo papel social como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas” (p. 24).

[...] para Erving Goffman, a sociedade é comparável a um *theatrum mundi*, em que os homens são vistos como atores, a quem cabe cumprir uma miscelânea de papéis, cujas representações ficam adstritas às condições cênicas. Para Goffman, cada modalidade de interação social dita uma determinada inflexão de voz, um figurino, uma postura cênica, etc., de sorte que o resultado da performance dos atores advém da situação em que se encontram os interactantes. Ajustando as representações que lhes cabem, de acordo com as circunstâncias dadas, ao atores encenam este ou aquele personagem a fim de ‘salvarem a sua face’ e manterem a confiança do auditório”, essa referência a autora encontrou no livro de Goffman “A representação do eu na vida cotidiana (BEDÊ, 2010, p.186-187).

É importante falar que alguns praticantes não gostam de se referir às práticas como encenações, porque esse termo está ligado à ficção e ao teatro, visto que o que é vivenciado é muito real e intenso. Mas é interessante perceber que, além de o momento das práticas, seja particular ou em grupo, em festas e encontros, é chamado de cena, durante as práticas, há necessidade de que os personagens sigam seus scripts até o fim, isso se refere à Domme ou Rainha que tem que manter sua postura dominante e austera até o fim da sessão, afim de que haja coerência nas cenas, até levar isso para seus blogs pessoais.

Há, como também nos diz Goffman (2007), a necessidade de haver coerência entre maneira, aparência e ambiente (p. 32): as senzalas, os dungeons, as salas de tortura, quartos temáticos, jaulas, enfim, espaços que são produzidos pra as práticas, e muitas vezes, apenas para elas. É a questão de encarnar a personagem, de não sair do papel. “Devemos estar capacitados para compreender que a impressão de realidade criada por uma representação é uma coisa delicada, frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratempos” (p. 58). Da mesma forma como há pessoas que brocham

quando seu parceiro ou parceira dá risada durante o sexo, outros acham excitante que o outro demonstre divertimento, ou seja, isso também vai depender dos sujeitos e das subjetividades envolvidas em determinado contexto.

### 3. 4 Práticas de intimidade e escrita no ciberespaço

Há uma quantidade muito grande de “blogs femininos”<sup>83</sup>. Isso evidencia que as mulheres estão, cada vez mais, expressando sua sexualidade, explorando modos de subjetivação e de identidade que são divulgados através da internet. Como diria Foucault (1988), há ainda uma intensificação dos discursos, principalmente sobre o sexo, e há a produção de uma aparelhagem que produz e reproduz esses discursos: sexo, sexualidade, criação e inventividade estão em um patamar semelhante, atuando na produção e ampliação de subjetividades e identidades. E tudo isso é processual, pode ser construído, de acordo com os modos de vida de cada sujeito.

A provocação de Foucault visa uma supressão do dispositivo da sexualidade na direção de uma multiplicidade e fluidez das identidades sexuais e de gênero, para evitar as armadilhas de novas normas identitárias que apenas ampliam os limites da tolerância. Assim, propõe a invenção de novos modos de vida que possam abrir para virtualidades relacionais e afetivas<sup>84</sup>

Acredito que, os blogs fazem parte dessa aparelhagem de produção e há possibilidade de “experimentação de novas formas de uso da linguagem que possam produzir resistência a padrões sexistas ou homofóbicos”<sup>85</sup>. É, portanto, natural que os sujeitos que estão envolvidos queiram desmistificar tanto a si como a subcultura à qual se identifica. A escrita observada em campo é, então, uma forma de sociabilidade, e não

---

<sup>83</sup> Creio que seja oportuno reiterar o motivo da escolha de blogs cujas autoras são mulheres e não os blogs que tenham autoria masculina. Como comentado na introdução desta monografia, os blogs que aqui chamo de “femininos” chamaram atenção pela maneira como as autoras exibiam ou não seus corpos e como não havia vitimização de si, e sim demonstração de uma autonomia, reinvenções de si e da sua sexualidade por meio de um repertório de práticas consideradas não convencionais, além da maneira como as autoras falavam dessas experiências. Não visitei apenas blogs “femininos” durante a pesquisa, até mesmo porque existem vários blogs “masculinos” sobre o tema, nos quais as postagens também variam em textos que visam esclarecer sobre as práticas, poemas, imagens, etc. Não tive a intenção de desmerecer nenhuma forma de escrita, apenas expor um recorte pequeno desse universo dos blogs sobre a temática do BDSM.

<sup>84</sup> DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008 p. 489. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/es/v29n103/09.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/09.pdf)>. Acesso em 19 de abr. 2012.

<sup>85</sup> Idem, p. 488.

de “escapismo social” (BEDÊ, p. 93), e é interessante falar que “a marca forte da interatividade em que se inscreve a escrita no blog promove uma afirmação de si, que é, ao mesmo tempo, diluição no outro” (p. 117).

A utilização da internet como ferramenta de divulgação e de sociabilidades possibilita a visibilidade de novas práticas, de experiências, de vivências, de referência para outras pessoas que ainda não se descobriram, que se acham “doentes” ou “anormais” porque sentem prazer com o que não é considerado convencional. E ainda, considerar esse espaço, e as comunidades, e grupos como “minorias” também teria um pouco de equívoco. Essa comparação quando efetuada com a sociedade como um todo, seria mais legítimo nos referirmos aos grupos, às comunidades, pois as possibilidades são plurais.

Facchini (2008) também reforça a importância das redes sociais na internet para a divulgação dessa subcultura, comprovamos isso com o fato de que foi por meio da internet que se popularizou o lema SSC, a safeword, e até mesmo a comunicação à distância dos praticantes de vários lugares do país, isso propicia o espaço para a construção de conhecimento sobre as práticas, que acontece com o objetivo de diminuir o preconceito contra o SM, e unir fronteiras, já que as práticas estão alicerçadas em fronteiras pouco definidas: a relação entre sadomasoquismo e violência é um exemplo.

Falar de sexo não é apenas uma maneira de falar de si na medida em que há construção do desejo, uma das maneiras criativas de expressar e viver uma “liberdade sexual”, mas também de criar comunidades e ambientes virtuais que debatem assuntos afins, como no caso dos blogs que são criados e que são voltados para o compartilhamento de informações acerca de práticas sexuais/coletivas como o BDSM, escritas que dizem respeito a grupos, sendo coletivas e não apenas íntimas, que por sua vez, colecionam e (re)produzem criativamente práticas sexuais, de poder e de intimidade.

Fayga Bedê (2010) tem como tese que “a escrita intimista e auto-referente da cibercultura constituiria um novo modo de subjetivação, sendo um dos fatores responsáveis pela emergência do sujeito pós-moderno. Essa nova escritura seria um dos fatores de propulsão, mas ao mesmo tempo, o reflexo de novos valores, em decorrência de um sistema de retroalimentação entre discurso e exterior.” (p. 40). Podemos perceber a questão da retroalimentação quando nos lembramos que há impacto do conteúdo de

algumas postagens, da atitude de algumas pessoas que entram em contato com as blogueiras/praticantes por discordar do que escreveram nos blogs.

Bedê (2010) nos conta que é no século XX que há uma maior transformação “na chamada esfera íntima” (p. 71), quando há o ingresso da mulher no mercado de trabalho, o movimento de contracultura (como já citei no primeiro capítulo, sobre as primeiras aparições do SM na mídia), o feminismo “e os diversos movimentos de minorias, entre outras novas práticas sociais de caráter contestatório, virão desencadear uma ruptura paradigmática dos papéis sociais tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres, cujos impactos ainda hoje não foram plenamente absorvidos pelos modelos sociais emergentes” (p. 72). Giddens (1993) fala de novas sexualidades que surgem com a transformação da intimidade, com a concepção de uma “sexualidade plástica”, que é proveniente da construção “de uma auto-identidade reflexiva por parte de mulheres e de homens que se movem através de um território não delimitado, cujos caminhos não foram previamente explorados, onde não há marcações fixas no que tange à natureza do casamento, da família e do trabalho” (BEDÊ, 2010, p. 72). Ao falar em intimidade, Giddens diz que há uma troca entre iguais, uma negociação de vínculos pessoais, que resulta na criação de comunidades. Creio que o BDSM poderia estar incluído nessa interpretação.

A escrita é uma forma de sociabilidade e é interessante falar que “a marca forte da interatividade em que se inscreve a escrita no blog promove uma afirmação de si, que é, ao mesmo tempo, diluição no outro” (BEDÊ, 2010, p. 117). Rezende (s/d)<sup>86</sup> comenta sobre textos de Florbela Espanca e Gilka Machado, textos que dão “voz à sensualidade feminina, enfatizando o corpo como o lugar em que as paixões se embatem”, falando que há manifestação do erotismo, “transformação do desejo e da fruição erótica” nos textos. Esse traço também aparece nos blogs observados.

Nas últimas décadas houve mudanças na maneira como as pessoas conduzem suas vidas privada e pública. Segundo Giddens (1993) “o sexo hoje em dia aparece continuamente no domínio público e, além disso, fala a linguagem da revolução” (p. 9), ou seja, houve uma transformação na maneira como as pessoas vivenciam sua intimidade. Não se fala apenas numa expressão da sexualidade, mas em expressão de sexualidades, de maneiras diversas de enxergar o mundo, implicando assim na

---

<sup>86</sup> Disponível em: <[www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/01/Dossie/03.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/01/Dossie/03.pdf)>. Acesso em: marc. 2012.

existência de várias identidades, identidades sexuais, no caso, que uma mesma pessoa pode encarnar e performatizar, em momentos e contextos distintos e com parceiros diferentes.

Apesar das mudanças sociais ocorridas desde o século XIX no que remete à participação mais constante e ativa das mulheres, ainda é difícil falar sobre sexo quando a voz que fala é feminina. O corpo do sujeito não some nessa escrita porque, além de as palavras poderem produzir imagens, o corpo está presente no momento em que a autora produz sua escrita e, antes disso, na vivência que faz dela apta para escrever e compartilhar, visto que, inevitavelmente, ela é sujeito de sua escrita. Isso nos remete à pergunta: “Será que a mulher escreve mais com o corpo, que os homens?” (CASTELLO BRANCO, SILVIANO BRANDÃO, 1989: 8).

Socialmente, o que podemos perceber é que, embora haja um maior apelo pela exibição do corpo feminino na mídia, seja por músicas ou anúncios publicitários, chama mais atenção e “choca” mais quando esse corpo é exibido como participando de uma cena erótica e ainda mais quando é a própria mulher que se coloca voluntariamente em foco. As experiências narradas nas postagens dos blogs, as fotos que eventualmente são divulgadas, performatizam um corpo que se submete a torturas eróticas, em poses submissas ou dominadoras, machucadas e/ou apresentando cicatrizes feitas por meio de práticas sexuais das quais ela teve participação consensual. Essa mulher que é representada nessas imagens ou nesses textos não é um produto de um sonho, mas de uma realidade, da realização de suas próprias fantasias, expressão de desejos.

As mulheres que aparecem nos blogs são sujeitos desejantes e sujeito do desejo (CASTELLO BRANCO, SILVIANO BRANDÃO, 1989). A leitura também pode produzir fantasias, e nisso podemos citar a questão do olhar do leitor quando se depara com um blog, onde desde preparação do texto que começa pela personalização do blog, pode ser um fator a atrair a atenção do leitor, e conseqüentemente, vai ajudar a prender os olhos do leitor na postagem, nas imagens, nos vídeos, no caso de Princess Kitty. Isso mostra a importância do aspecto visual.

Ainda assim, as experiências que são compartilhadas nos blogs podem ser reais ou fantasiadas, podem ser potencializadas propositalmente para que o leitor tenha a sensação de intensidade e de troca de emoções; mas os leitores se identificam com o texto de alguma maneira, e com isso, tornam-se seguidores dos blogs e podem comentar

as postagens, interagindo assim com as autoras dos textos e, em muitos casos, entrar em contato por e-mail.

Há nessa escrita nos blogs construção de verdades, saberes, vivências, desejos, amores, sexualidades e podem ser lidas como rupturas e subversões de determinadas ordens sociais, mas que não colocam a mulher como vítima de sua própria transgressão, pois ela tem consciência do caráter subversivo do que pratica e, conseqüentemente, do que escreve: reflete o desejo ocupando novos espaços, experimentando novas possibilidades, formando novas subjetividades e sexualidades, e como consequência, moldando novos desejos. “Assim, perfis do Orkut, weblog, fotologs, etc., são pistas de um ‘eu’ que poderá ser percebido pelos demais. São construções plurais de um sujeito, **representando múltiplas facetas de sua identidade**” (RECUERO, 2009, p. 30)

E é inclusive para deslocar o BDSM da transgressão e da violência que muitos dos blogs foram criados. É a tentativa de dar um poder à palavra escrita, dita, o poder do silêncio que fala e que não cala, o poder do desejo. O poder. O desejo ocupando novos espaços, experimentando novas possibilidades, formando novas subjetividades e sexualidades e moldando novos desejos. Se submeter no BDSM como submissa/escrava/masquista seria então um perda voluntária da identidade? Não, pelo contrário, pois apenas através dos discursos, muitas vezes erotizado dos blogs, já demonstra o quanto essas mulheres não deixam de ser ativas na subcultura do BDSM. E é isso que pretendemos demonstrar com as falas das autoras dos blogs.

Sabemos que “o ‘tom’ de um texto pode encerrar uma discussão ou, em vez disso, provocar polêmica ou dissenso.” (LOURO, 2007, p.237), que imagens podem incitar a várias atitudes, pode causar impactos os mais diversos, em quem lê e em quem escreve e é importante lembrar que “é difícil compreender uma mensagem fora de seu contexto vivo de produção. É este o motivo pelo qual, do lado da recepção, foram inventadas as artes da interpretação...” (LÉVY, 2000, p. 114). Interpretar é refletir sobre tudo o que foi dito e mais ainda. Perguntamo-nos, assim como Maria Luiza Heilborn<sup>87</sup>: “qual o lugar da sexualidade na construção da pessoa em distintos contextos culturais de uma sociedade complexa e heterogênea?”. Qual o lugar dessas experiências que são

---

<sup>87</sup> HEILBORN, Maria Luiza. “Construção de si, gênero e sexualidade”, in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59. Disponível em: [http://clam.tempsite.ws/uploads/publicacoes/97\\_1512\\_contrucaodesi.pdf](http://clam.tempsite.ws/uploads/publicacoes/97_1512_contrucaodesi.pdf). Acesso em: 7 fev. 2012.

escritas e compartilhadas nos blogs, na vida dessas mulheres, de seus familiares (caso saibam), de amigos?

Percebemos, por meio das falas de Dorei Foboflica e Princess Kitty que no começo, quando começaram a perceber que gostavam de SM foi um processo de autoconhecimento e de aceitação de si e que também não foi fácil e não é, mesmo que elas pratiquem com frequência e testem seus limites, suas percepções de mundo. Percebemos também que pode ser difícil compartilhar com os familiares, como fora dito por Dorei, apenas aqueles que interessam é que sabem sobre. Pelo que pudemos observar, é comum que haja preocupação em relação ao lugar que essas escolhas vão ocupar na vida dos sujeitos. A escrita nos blogs pode ser, além de compartilhamento e sociabilidade de experiências entre os praticantes, como também um exercício de autoconhecimento e reinvenção de si, de reflexão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O mundo, na verdade, é uma reunião”.

(GOFFMAN, 2007, p. 41)

Após todo o percurso da pesquisa e de escrita senti o quanto é complicado transformar em texto o que foi visto, sentido, vivenciado em campo, os pensamentos são mais ágeis do que as mãos escrevendo ou os dedos digitando, é comum que pensemos que conseguimos apresentar a ideia exatamente como ela faz sentido para nós. Creio que essa preocupação, ser compreendida é também a preocupação das blogueiras, em, de alguma forma, explicar e se justificar, explicando a subcultura da qual fazem parte. Assim como elas podem ser mal interpretadas, julgadas pelo que escrevem ou da forma como escrevem, temo que eu também possa ser mal interpretada, como se eu estivesse “escolhendo um lado”.

O objetivo, desde o início, era o que há nesses sites e blogs observados, comentando algumas das postagens e dos blogs que me chamaram atenção. As postagens, mesmo que sobre experiências, regras ou comentando sobre particularidades do BDSM e de seus praticantes/ personagens constituem o que eu percebi e, aqui me refiro, à tentativa de desmistificar o BDSM, seja explicando sobre o que elas vivenciam e como cada personagem deve agir ou não. A todo o momento tentei situar as blogueiras no contexto da cultura SM, como ativas e passivas de um contexto no qual há diversas relações sociais, que envolvem grande complexidade não só em contraposição a sociedade dominante, mas inserida em um contexto no qual há muita divergência de posições e de pontos de vista. As pessoas que se consideram adeptas do SM não só recebem ataques quanto à suas preferências daquelas pessoas que consideram essas práticas doentias, mas inclusive dos próprios colegas ou que também se identificam como SM.

Tive muitas dificuldades quanto a sensação de que estava me perdendo em meio a tantas informações, misturando as falas sobre esses dois universos que considero nesta monografia, a blogosfera e o BDSM, principalmente sobre a questão dos usos desses espaços, das identidades que são construídas, mas percebemos que há muitas semelhanças quanto a maneira como os sujeito se apresentam. Carole Vance (1998) afirmou algo que faz todo o sentido, quando inserido em nossas discussões:

[...] as culturas geram categorias, esquemas e rótulos muito diferentes para estruturar as experiências sexuais e afetivas. Essas construções não só influencia a subjetividade e o comportamento individual, mas também organizam e dão significado à experiências sexual coletiva, por exemplo, do impacto das identidades, definições, ideologias e regulações sexuais” (VANCE, 1998, p. 17).

Nos blogs, assim como no SM em relação ao não cumprimento do SSC, também há regras de convivência: acontece muito de alguns comentários não serem aceitos nos blogs, e de as pessoas envolvidas entrarem em algum tipo de atrito. Os motivos são vários: desde comentários que discordem do que o autor do blog postou, até insultos e fofocas espalhadas pela blogosfera. Como o blog é considerado um espaço pessoal, o “cantinho” ou recanto do sujeito/blogueiro, essa intervenção externa é vista como uma afronta, em algumas situações mais sérias, e assim como é difícil que alguém aceite em sua casa a presença de alguém com quem não simpatiza por algum motivo, no blog não é diferente, por isso em alguns os donos preferem utilizar a moderação dos comentários, para evitar outros problemas. Os blogs são espaços de produção de saberes, de resistência e de criação, assim como os espaços criados para a vivência das práticas BDSM em grupo (as festas em clubes temáticos, festas temáticas, encontros entre amigos, etc.), e não é só porque é um espaço virtual que não pode agregar os mesmos benefícios ou atritos.

Não posso deixar de comentar que durante a realização do trabalho de campo, pude perceber uma movimentação (principalmente porque eu também tenho um blog) em muitos blogs, não só sobre o tema pesquisado, mas outros blogs de conteúdo considerado erótico, uma indignação porque muitos blogs foram tirados da rede, os links foram removidos pela empresa Google (os blogs pesquisados pertencem à empresa, o Blogger). Muitos eu conhecia. O momento foi de muita indignação e de postagens coletivas, de alarme e revolta contra a política de exclusão da Google, que disponibiliza o espaço para qualquer pessoa expressar suas idéias, pessoas que cumprem a política de manter um aviso de conteúdo impróprio para menos de 18 anos, e que no ato da exclusão de seus blogs, não foram avisadas, sendo surpreendidas com o sumiço de seus links. Acontecimentos como esses reforçam a ideia de que nada está protegido porque está na rede internet, assim como há velocidade na divulgação, há também no sumiço. A internet não é só gritaria, barulho, também é silêncio, ausência. “A tarefa de conhecer é sempre incompleta, sem fim” (LOURO, 2007: 238).

Observando essa realidade, surgem reflexões de como a internet pode funcionar como facilitador das interações como pode ser um espaço ludibriante, porque há o espaço disponível para que todos possam se expressar, mas há a possibilidade de que essas pessoas sejam caladas, como aconteceu nesse caso dos *blogs* excluídos. A internet é uma ferramenta agora indispensável aos usuários, mas não só tem seu lado positivo, também desconstrói o que já estava construído, como podemos perceber.

A REDE DE INTERNET é realmente um instrumento poderosíssimo, tanto faz se você usa para o bem ou para o mal. Como sei que minhas intenções são boas, embora naturalmente eu não seja perfeita, continuarei incomodando muita gente e também fazendo bem a muitas mais, aliás, só se incomodam com o que digo os mal intencionados. (*Dorei Fobofílica*, em postagem em seu *blog*; o grifo é dela.)

Enxergar as práticas SM apenas como uma forma de expressão de violência ao corpo, não seria o mais acertado. Nesse contexto, não há a violência, e esse termo praticamente não aparece em seus discursos, apenas quando se fala em um combate ao SM criminoso e doentio, que é justamente um dos objetivos dos *blogs* da Dorei Fobofílica e da Princess Kitty, por exemplo. A dor imputada é um instrumento de prazer e gozo. Há nesse ponto necessidade de relativizar o conceito de violência, pois há negociação dos limites do outro, seguindo um lema de que todas as práticas devem ser realizadas sob a ideia do SSC (em plena sanidade mental, de maneira segura e de forma consensual). No sadomasoquismo, dor e prazer não se anulam, mas fazem parte de uma “linguagem de inteligibilidade do sexual” (informação verbal) <sup>88</sup>.

Há muito mais do que relações de submissão e de dominação por trás das práticas sadomasoquistas, e há muito mais do que formas de tratamento ou de interações entre pessoas. Há muito mais do que o fetiche, o fantasiar. Em Barreira (1998), um ato só pode ser considerado violência quando observado em determinado contexto. O que no senso comum é visto como crime de lesão corporal, por exemplo, no S&M é sentido, desde que de acordo com o SSC (são, seguro e consensual), como expressão máxima de prazer, no qual se misturam poder, dor e erotismo. A ação violenta, como foi dito anteriormente, deriva de atos que não seguem a consensualidade e que ultrapassam os

---

<sup>88</sup> Essa expressão tomo emprestada do professor Cristian Paiva, falada durante a aula do dia 29 de abril de 2011, enquanto ministrava disciplina sobre Foucault.

limites dos praticantes. O normal e o anormal existem dependendo da situação, do contexto.

Há a construção e reconstrução de práticas sexuais, de técnicas de alcance do prazer, prazer este que se manifesta em vivências sexuais que nem sempre inclui a penetração, o encaixe de corpos, mas são representações, performances do corpo e de corpos, através de simbologias excitáveis e excitantes para os adeptos. “Refletir sobre práticas BDSM é entender o prazer e o desejo deslocados da genitalidade e muitas vezes dos corpos, é construir e vivenciar jogos de poder, prazer e dor em contextos consensuais” (FREITAS, 2010). O corpo é totalmente erotizado em seus movimentos, os sons ou a ausência de sons. A sexualidade é mesmo uma construção social (BOZZON, 2004), atos e maneiras de interagir que são apreendidos e aprendidos, atividades corporais que são ensinadas.

No SM as práticas demonstram um processo de divergência convergente (Gregori, 2008), visto que existe hierarquia entre os personagens de uma cena (a dominadora e seu escravo, o Dono e sua submissa), porém convergem para uma situação comum, que é o prazer e a satisfação das fantasias de ambos. A identidade aqui, os ser dominadora e o ser submissa, é relacional e marcada pela diferença de papéis (Woodward, 2008). A afirmação de uma identidade é a afirmação de uma diferença, o que incorre numa negação de uma identidade fixa, lembrando que os adeptos do S&M vivem suas vidas “baunilhas” sem que haja necessariamente ligação com a vida bdsmista. Estar identificado com determinada comunidade, sendo ela considerada marginal ou não, é estar inserido em um complexo cultural e simbólico específico, principalmente se essa comunidade tem como símbolos elementos que fogem às normas de convenção da sociedade dominante. “A construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (Woodward, 2008: 10). No meio, uma dominadora é facilmente identificada pela maneira como se porta ou se veste, inclusive em relação a alcunha escolhida para que seja feita a identificação com a intenção de dominar, mas geralmente isso só ocorre quando em contato com as pessoas e nas relações do meio BDSM: “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa” (p. 10).

Afirmo que uma das coisas que foi tentado com a apresentação dessas realidades, dos blogs, das experiências que são compartilhadas, de certa maneira, foi mostrar mais uma vez, embora muitas pesquisas e até mesmo no cotidiano possamos

perceber, que as mulheres são fetichistas como os homens. O psiquiatra Krafft- Ebing definiu fetichismo como sendo “a associação de desejo ardente com a ideia de certas partes da pessoa feminina, ou certos artigos do vestuário feminino” (apud STEELE, p. 19). Como foi dito na introdução da monografia, foi a leitura desse livro, da historiadora Valerie Steele que me motivou a pesquisar, porque a autora cita muito o fetiche como algo inerente ao homem, e a mulher é apenas o objeto do desejo, ela cita o psiquiatra Robert Stoller, que afirmou que o ato de “fetichizar é a norma para homens, não pra mulheres” (apud STEELE, p. 20). A autora em questão não parece concordar com essa ideia, e eu, muito menos.

No decorrer da minha trajetória de pesquisadora do BDSM, senti um pouco o peso de sorrisos e comentários maliciosos, mas também não deixei de entrar em contato com o campo, e nem com os sujeitos, e muito menos com a subcultura evocada aqui. É possível entender, pelo menos em partes, o que é o SM sem que se sinta na pele, pois o que é escrito é uma coisa, brincar de SM é outra, vivenciar e se identificar como SM é mais ainda. Não é preciso estar lá pra entender o que isso tudo pode significar, mas nem por isso minha pesquisa e, conseqüentemente, minha interpretação pode ser considerada menos legítima. Me vali na construção do texto, não das minhas opiniões, mas a maneira como eu fui observando as falas, e as leituras dos autores que estudaram pontos semelhantes ou diferentes do SM, tentei fazer um mosaico de interpretações, de maneira que fosse o mais coerente possível com as falas dos sujeitos da pesquisa. Caso tenha falhado, e até interpretei mal alguns pontos, admito minha ignorância, pois tenho consciência de que o que foi dito é apenas o que se mostra, o que me pode ser apreendido, estando de fora. Muitos obstáculos me impedem de mergulhar no universo do SM, pra melhor entendê-lo, pois o tempo e o espaço devem ser administrados com cuidado: permanência em campo, contato e proximidade com os interlocutores, as leituras dos autores que podem ajudar durante o percurso, enfim. Também, porque pretendo me aprofundar no tema em outro momento, quis com essa monografia acenar pra o meio acadêmico no qual estou inserida: olhem, isso existe e é muito interessante!, visto que o tema sadomasoquismo é um tema original e novo, pelo menos onde estamos.

Não só porque eu seja talvez a única ou uma das poucas pessoas que se aventuram a pesquisar sobre sadomasoquismo erótico, nas Ciências Sociais – UFC, e pelo fato de eu não ter separado os contatos da pesquisa das minhas redes sociais

peçoais, como o Twitter e Facebook, e as mudanças de posicionamento e questionamentos, nada disso me fez querer desistir. Uma das pessoas que entramos em contato no período no qual iniciava esse trabalho trouxe questionamentos que podemos utilizar como orientação para novos questionamentos: “Responderei seu questionário assim que explicar-me o porquê da pesquisa de vocês e no que ela ajudará. A vocês ou outras pessoas?”. Para quem estou falando isso tudo, e por qual motivo? Por que o BDSM é tão exótico a ponto de chamar atenção de pesquisadores? Qual é o lugar dessas sexualidades e subjetividades? É preciso que haja espaço pra essas novas vivências ou elas podem ser vivenciadas sem que haja uma preocupação na diferenciação de dimensões, por exemplo, onde Dorei Fobofílica possa ser Denise<sup>89</sup>, ou ambas? Ela não pode ser mãe, professora, amiga e sadomasoquista? O que faz de alguém um praticante de sadomasoquismo, o poder da informação ou a disponibilidade aquisitiva em comprar acessórios, em participar de festas que dificilmente são acessíveis a qualquer bolso? E ainda, há diferença entre o BDSM que é praticado no Brasil e o que é praticado no exterior?

Sei que deixei muitas lacunas, muitas perguntas sem resposta. Creio que deixei de aprofundar muitos pontos, isso se deve à minha vontade de desenvolver a pesquisa em outros momentos, nos quais espero poder usufruir mais tempo e espaço.

---

<sup>89</sup> Denise é o nome real de Dorei Fobofílica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A.R. Autonetnografia e inserção *online*: o papel do pesquisador-*insider* nas práticas comunicacionais das subculturas da *Web*. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 11(1): 14-24, janeiro/abril 2009. Disponível em: <<http://www.frenteiras.unisinos.br>>. Acesso em: 15 nov. 2011
- AMARAL, A. R.; NATAL, G. e VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Revista Seções do Imaginário*, Ano 13, No. 20, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 12 nov. 2011
- AMARAL, Adriana ; RECUERO, Raquel ; MONTARDO, Sandra . Blogs: Mapeando um objeto. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. **Anais do VI Congresso Nacional de história da Mídia**. Niterói : UFF, 2008. p. 1-15. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/AmaralMontardoRecuero.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2011.
- AZEVEDO, Wilma. **Sadomasoquismo sem medo**. São Paulo: Iglu, 1998.
- BEDÊ, Fayga Silveira. **Ciberintimidade**: a escrita de si na era digital. 2010. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará), Fortaleza, 2010.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2007.
- BARBERO, G. H. Violência doméstica contra a mulher e erotismo sadomasoquista: pontos de contato e diferenciação. **Anais do XIV encontro Nacional da ABRAPSO: trabalhos completos**, 2007. Disponível em: <<http://www.abrapso.org.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2011.
- \_\_\_\_\_. As práticas sadomasoquistas na sociedade contemporânea: contribuições para uma erótica da ética. **A PESTE Revista de Psicanálise e Sociedade**, v. I, p. 65-78, 2009. Disponível em: <[revistas.pucsp.br/](http://revistas.pucsp.br/)>. Acesso em: 3 mar. 2011
- BARREIRA, César. **Crimes por encomenda**: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1998.
- BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRAZ, Camilo. Corpo a corpo: reflexões sobre uma etnografia imprópria. **Revista Ártemis**, Vol. 7, Dez 2007. Disponível em: <

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

BRITTES, Rogério. **Bondage, Dominação e Sadomasoquismo**: Esboço de uma teoria etnográfica da rede BDSM. 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTELLO BRANCO, Lúcia; SILVIANO BRANDÃO, Ruth. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Casa – Maria Editorial: LTC – Livros Técnicos e Científicos ED., 1989.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Sacher-Masoch**: o frio e o cruel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008 p. 489. Disponível em: <[www.scielo.br/](http://www.scielo.br/)>. Acesso em 19 de abr. 2012.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FACCHINI, R.. **Entre umas e outras**: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 2008. Tese. Doutorado em Ciências Sociais, IFCH/Unicamp. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/> > Acesso em: 27 set. 2011.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In: **Cadernos de Campo**, nº13:155-161, 2005.

Disponível em:

<[http://www.fflch.usp.br/da/cadcampo/ed\\_ant/revistas\\_completas/13.pdf](http://www.fflch.usp.br/da/cadcampo/ed_ant/revistas_completas/13.pdf). Acesso em: 27 jun. 2012.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Ciência, Medicina, Auto-Ajuda e Mercado: a triangulação de três campos na constituição de políticas sexuais. In: **35º Encontro Anual da ANPOCS**, 2011, Caxambu. Anais do 35º. Encontro Anual da Anpocs, 2011.

FREITAS, F. R. A. de. Bondage, dominação/submissão e sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais. **Anais eletrônicos / Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 : Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/>>. Acesso em: 20 de dez. 2010.

\_\_\_\_\_. “Deixa eu beijar seus pés?” Algumas questões sobre a/na pesquisa de uma prática erótica dissidente. **IX Reunião de Antropologia do Mercosul**, Curitiba : UFPR, 2011. v. 1. p. 1-17. Disponível em: <[http://www.sistemasmart.com.br/ram/arquivos/ram\\_GT27\\_Fatima\\_Regina\\_Almeida\\_d\\_e\\_Freitas.pdf](http://www.sistemasmart.com.br/ram/arquivos/ram_GT27_Fatima_Regina_Almeida_d_e_Freitas.pdf)>. Acesso em: 29 març. 2012

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Uma entrevista**: sexo, poder e política da identidade. (s/d) Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade Vol. 1** – Vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988 (20ª impressão)

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopez. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1993.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade** /. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Rev. Antropol. v.51 n.2**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

\_\_\_\_\_. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 1, p. 81-91, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

GROSSI, M. P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 1-18, 1998. (versão revisada - 2010). Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br>. Acesso em: out. de 2011.

GOFFMAN, Erving, 1922-1982. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada . 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, [1991?]

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**, 14ªed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (Org.). 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza. “Construção de si, gênero e sexualidade”, in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59. Disponível em: <[http://clam.tempsite.ws/uploads/publicacoes/97\\_1512\\_contrucaodesi.pdf](http://clam.tempsite.ws/uploads/publicacoes/97_1512_contrucaodesi.pdf)>. Acesso em: 7 fev. 2012.

HERRERA, Miguel Hexel; PASSERINO, Liliana Maria. Estigma e Ciberespaço: desafios da netnografia como metodologia para pesquisa de redes temáticas na blogosfera. **Novas Tecnologias na Educação**, v. 6, nº2, Dezembro, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote>>. Acesso em 12 nov. 2011.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LEITE JR., Jorge. **A CULTURA S&M**. 2000. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo, 2000.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. Ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. **O que é Virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**: crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**, nº 25, 2007, 235-245. Disponível em:

<<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia . 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial. Raça, travestismo e o culto da domesticidade. **Cad. Pagu** n.20, Campinas, 2003. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a02.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2010.

MELO, M. L. **Atribuição e negociação de identidades em festas BDSM no Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/viewFile/410/493>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

MILL, John Stuart. Sobre a liberdade. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MONTARDO, S. P., PASSERINO, Líliliana Maria. Estudos de blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **Revista Renote: novas tecnologias de Informação**, volume 4, Nº 2, Dezembro, 2006. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/renote>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

MOORE, Henrietta. **Compreendendo sexo e gênero**. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/9985921/1601430921/name/Moore.pdf>> Acesso em: 20 agost, 2011.

PARREIRAS, Carolina. Internet e mercado erótico: notas sobre pornografia e controle. In: **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2011, Curitiba, PR.

\_\_\_\_\_. In: **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PISCITELLI, A. G. Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. **Cad. Pagu** [online]. 2005, n.25. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 1 nov. 2011

RAMOS, A. P. **BDSM e Internet**. Disponível em:

<<http://pensamentosubmisso.wordpress.com/2010/03/02/bdsm-e-internet-trabalho-academico-por-alexandre-p-ramos/>>. Acesso em: 3 març. 2011

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REZENDE, Jussara Neves. **A escrita do corpo**: Poemas eróticos de Florbela Espanca e Gilka Machado. Disponível em:

<[www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/01/Dossie/03.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/01/Dossie/03.pdf)>. Acesso em: marc. 2012.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cad. Pagu no.28**. Campinas

Jan./June 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em: 3 de març. 2011

SILVA, L.A.V. A cibersexualidade e a pesquisa online: algumas reflexões sobre o conceito de barebacking. **Interface. vol.14 no.34** Botucatu July./Sept. 2010.

Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 8 jun. 2011.

SOBRINHO, Manuella Freire, *et. al.*. Escrita de si contemporânea, diários íntimos e blogs: em que se aproximam, em que se distanciam e a que interessam a psicologia?

**Anais do XV Encontro Nacional da Abrapso**, 2009. Disponível em:

<[www.abrapso.org.br](http://www.abrapso.org.br)>. Acesso em: 8 fev. 2012.

STEELE, Valerie. **Fetichismo**: moda, sexo e poder. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

VANCE, Carole S. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico.

**Physis – Revista de Saúde Coletiva**. vol. 5, número 1, 1995. Disponível em:

<http://www.scielo.br>. Acesso em: out. 2011.

VIGGIANO, Aldaci Righi; LAUDARES, João Bosco. **Ciberespaço**: um novo ambiente para a aquisição de competências? Disponível em: < <http://www.senept.cefetmg.br>>.

Acesso em: 12 nov. 2011.

ZILLI, B. D. **A perversão domesticada**: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria. 2007. Dissertação. Programa de Pós-

Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

### LISTA DE BLOGS

<http://www.boundbrazil.com>

<http://www.senhorverdugo.com/>

<http://www.desejosecreto.com.br>

<http://www.cronicasdeumsexshop.com.br>

<http://rainhafragil.wordpress.com>

<http://doreifobofilica.blogspot.com.br/>

<http://www.pensamentoindecete.com>

<http://www.miadosbdsm.com>

<http://darkmistressthe dungeon.blogspot.com.br>

<http://www.euvanilla.blogspot.com/>

<http://www.darkmistresspictures.blogspot.com/>

<http://bdsmforyoungs.blogspot.com>

<http://ladyvulgata.blogspot.com>

<http://rainhani.com/>

<http://punkbrega.wordpress.com>

<http://fuzzygalore.buzznet.com>

<http://flordecrystalb.blogspot.com>

<http://escrevendoedescrevedo.blogspot.com>

<http://amar-escrava.blogspot.com.br>

<http://pandoradomme.blogspot.com>

<http://anja-anjasub.blogspot.com>

<http://dogpetjs.blogspot.com>

<http://mzsubmisso.blogspot.com>

<http://escravaodaodeumbra.blogspot.com>

<http://dorextrema-prazerextremo.blogspot.com.br>

<http://exoticfetishparty.blogspot.com>

<http://le-fetiche.blogspot.com>

## ANEXOS

### **Anexo A - Texto da página inicial do site Bound Brazil**

Quando as pessoas falam de “Love Bondage”, que alguns chamam de “Bondage Americano”, essas pessoas comumente têm visões de homens mascarados batendo uns nos outros. Então, vale lembrar de quando eram crianças assistindo aos programas infantis onde as atrativas heroínas eram capturadas e amarradas indefesas, esperando pelo resgate de algum herói. Se essas cenas capturaram a sua imaginação e dessa maneira você enxerga o seu fetiche, na certa sabe do que estou falando.

Em minha visão pessoal, “Love Bondage” é quando uma donzela (estamos falando em termo muito coloquial, mas não há outra definição apropriada) está em perigo, com a liberdade privada por seu algoz. Esse é o sentimento de ser capturada, ou do raptor, que é o meu caso. Esse é um jogo de sedução, um pequeno estímulo entre dois adultos que consentem que isso aconteça.

Entretanto, quando as pessoas ficam mais adultas, sempre encontram maneiras de aperfeiçoar seus jogos e, ao mesmo tempo, idéias podem ser trocadas entre parceiros, alimentando ainda mais esse fetiche. Assim, em se tratando de um jogo consensual, é muito gostoso de praticar. Esse jogo torna-se inoperante? Já ouvi isso de pessoas que têm desejos masoquistas ou até mesmos de dominadores, mas essa é a questão.

Os adeptos de jogos sádicos e masoquistas deverão entender que o termo BDSM foi criado porque tudo isso é parte de um grande conceito, ou seja, fantasias e fetiches que se completam, apesar de navegarem por mares em paralelo. Os amantes de jogos de bondage podem ter tendências sádicas ou masoquistas, daí criar-se-ão condições de aperfeiçoamento de idéias onde cada um traz um pouco da sua imaginação para dentro desses jogos. Raptar uma pessoa consensualmente é um jogo de “Love Bondage”, mas manter essa pessoa pendurada por corrente, aplicando-lhe castigos dolorosos, é parte de um contexto sádico e masoquista, apesar de ter começado por um simples seqüestro imaginário sem importar por que caminho iria seguir. Sexualidade é sexualidade e bondage também pode ser o começo de uma relação sado-masoquista.

Uma relação de jogos de SM não dá conta do alinhamento dos nós e sequer a forma como a parceira é imobilizada. Nos jogos de “Love Bondage” e a amarração do

“Shibari” a corda é artigo fundamental. Nesses fundamentos é importante ressaltar o quão imensa é a atração de pólos opostos. Ao ver uma mulher totalmente amarrada, o dominador pensará nas diversas formas de tortura que lhe seriam aplicadas, enquanto os jogadores de “Love Bondage” estariam imaginando todo um mundo de carícias sexuais que levariam aquela mulher ao delírio. As marcas do açoite atraem o sádico, as marcas deixadas pelas cordas são a libido do jogador de “Love Bondage”.

Muita gente imagina essas diferenças para erguer um muro entre os dois fetiches. Apesar de nascerem do mesmo instinto, na medida em que avançam, aos poucos vão se tornando duas paralelas que jamais se encontrarão novamente. Porém, um fetichista deve e tem a obrigação de entender o fetiche alheio, porque se é preconceito achar que um simples jogo de “Love Bondage” é uma perversão, também será preconceito tachar uma atividade sexual mais violenta, pelo simples fato de não ir ao encontro de suas idéias. Um simples “tapinha na bunda” não está longe de ser uma chicotada.